

Avante!

Preocupação quanto ao futuro da Transportes Sul do Tejo

A rodar pelo lucro



Trabalhadores e utentes têm sofrido na pele a alteração da propriedade e dos princípios de funcionamento do transporte rodoviário. Com a privatização da Rodoviária Nacional,

a primazia deixou de pertencer ao serviço público e ao interesse de todos. Agora, os destinos da TST são definidos pelas contas do grupo Barraqueiro.

Pág. 5

Só faltam 8 dias para a
25.^a
Festa!



Começa a contagem decrescente para a 25.^a edição da Festa do Avante! abrir as suas portas na Atalaia. E ainda há muito por fazer. Para que tudo fique pronto para acolher os muitos milhares de visitantes às 18.30 horas de sexta-feira da próxima semana, há ainda muito trabalho para os poucos dias que restam. Junta-te a este esforço final e participa nas jornadas do próximo fim-de-semana!

Págs. 11 a 22

Israel prossegue a violência

Abu Ali Mustapha assassinado

Ao tomar conhecimento do assassinato de Abu Ali Mustapha, o Secretariado do CC do PCP expressou a sua condenação pelo acto e reafirmou a solidariedade aos que lutam.

Pág. 23

Mais um escândalo

PS usa dinheiros públicos

O PCP classifica de «inaceitável e vergonhosa» a utilização de dinheiros públicos para fins estritamente partidários. Em causa os cem mil contos para a «promoção do candidato à Câmara de Évora».

Pág. 8

Carvalhas no Alentejo

Críticas ao Governo

Carlos Carvalhas visitou o Litoral Alentejano e criticou o Governo na sua intervenção no Cercal, denunciando «a multiplicação dos discursos» e a falta de «respostas aos problemas do País».

Pág. 8

«Necessidade de mão-de-obra»

Frete aos patrões

O relatório do IEF, divulgado na semana passada, sobre uma suposta «necessidade de mão-de-obra» de trabalhadores estrangeiros, não foi feito à medida das necessidades do País, acusa a CGTP.

Pág. 6

Avante!
Proletários de todos os países
UNI-VOS!

PROPRIEDADE
Partido Comunista Português
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 38 00

ADMINISTRAÇÃO
Editorial «Avante!», SA
Av. Almirante Reis, 90,
7.ª-A, - 1169-161 Lisboa.
Capital social:
15 000 000\$00.
CRC matriculada: 47058.
NIF - 500 090 440

DIRECÇÃO E REDACÇÃO
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 71 90/91
Fax: 21 781 71 93
E-mail:
avante.pcp@mail.telepac.pt
Web:
http://www.pcp.pt

Director
José Casanova

Chefe de Redacção
Leandro Martins

Chefe Adjunto
Anabela Fino

Redactores
Carlos Nabais
Domingos Mealha
Gustavo Carneiro
Henrique Custódio
Isabel Araújo Branco
João Chasqueira
Lúcia Calapez
Margarida Folque

Grafismo
José Araújo

Fotografia
Jorge Caria

Secretaria de Redacção
Ivone Dias Lourenço
Noémia Presúncia

DISTRIBUIÇÃO
DISTRIBUIÇÃO ADE'S
Editorial Avante!
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

Alterações de remessa
Até às 17 horas
de cada sexta-feira:
Tel. 218 429 836

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTAPRESS
Delegação Lisboa:
Tapada Nova - Capa Rota
Linhó - 2710 Sintra
Tel. 21 923 99 21
Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia
Tel. 22 941 76 70

ASSINATURAS
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

TABELA DE ASSINATURAS*
(IVA e portes incluídos)
PORTUGAL
(Contínente e Regiões
Autónomas)
50 números: 9 000\$00
25 números: 4 600\$00
EUROPA
50 números: 23 000\$00
EXTRA-EUROPA
50 números: 33 000\$00

*Enviar para
Editorial «Avante!»
nome, morada
com código Postal
e telefone
a acompanhar cheque
ou vale de correio.

Composição e impressão
Heska Portuguesa, SA
Campo Raso
2710 - 139 Sintra
Depósito legal n.º 205/85



O PCP entrega um requerimento ao Governo, exigindo explicações sobre o impasse negocial entre a administração da TAP e os trabalhadores de terra

Resumo

22

Quarta-feira

O PCP considera «particularmente grave» o encerramento do turno da noite da Urgência Pediátrica do Hospital de Paredes, por falta de pessoal médico ● A CGTP condena a divulgação «apressada» de um estudo do IEFP que aponta para a necessidade de mais de 20 mil trabalhadores estrangeiros ● O Conselho Regional do Norte da Ordem dos Médicos manifesta «extrema preocupação» com o anunciado despedimento de enfermeiros ● A União Europeia e Cuba devem «retomar o mais rapidamente possível o diálogo político», declara o ministro dos Negócios Estrangeiros da Bélgica, à sua chegada a Havana.

23

Quinta-feira

O PCP entrega um requerimento ao Governo, exigindo explicações sobre o impasse negocial entre a administração da TAP e os trabalhadores de terra e um outro sobre «o despedimento colectivo» na Electromecânica Portuguesa ● O presidente angolano, José Eduardo dos Santos, afirma que não será candidato às próximas eleições presidenciais ● Um adolescente palestino é assassinado pelas tropas israelitas, tendo sido feridos mais dez jovens ● A milícia talibã, no poder em Cabul, anuncia que o Comité internacional da Cruz Vermelha será autorizado a visitar os oito estrangeiros detidos por «propagação do cristianismo».

24

Sexta-feira

O candidato da CDU à Câmara Municipal de Matosinhos exige o lançamento de «um inquérito de responsabilidades» para apurar as causas da falta de qualidade de habitações sociais no concelho ● A administração da TAP afirma-se disponível para negociar com os sindicatos colocando condições ● Yasser Arafat encerra conversações com os dirigentes chineses para tentar assegurar um maior apoio da China no conflito que opõe os palestinos a Israel ● Seis polícias indianos são mortos num ataque perpetrado por separatistas contra um posto da polícia em Caxemira ● O Congresso peruano aprova um voto de confiança ao novo governo do presidente Alejandro Toledo.

25

Sábado

O secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, afirma não acreditar que a direita venha a radicalizar os discursos contra o Governo do PS, posto que tal intenção «não passa de pala-

bras» ● Um autocarro com cerca de uma centena de passageiros é atacado e queimado a cerca de 30 quilómetros de Malange, em Angola ● Xanana Gusmão revela em Díli, que será candidato à presidência da República de Timor ● O Festival dos Oceanos chega ao fim com a organização a fazer um balanço «muito positivo» da iniciativa que desde dia 18 tem animado Lisboa com espectáculos, cinema e visitas a navios da Armada.

26

Domingo

A Rede Anti-Racista, que reúne mais de 50 associações não-governamentais, acusa o Governo português de «total ausência de preparação» da Conferência Mundial das Nações Unidas que terá lugar em Durban, África do Sul ● O ministro palestino encarregado do «dossier» de Jerusalém, Ziad Abu Ziad, apela ao governo israelita para o restabelecimento do diálogo ● A NATO inicia a operação «Recolha Essencial» na Macedónia ● Quatro polícias russos morrem e outros dois ficam gravemente feridos, em Grozny, capital da Tchetchénia, na sequência do rebentamento de uma mina.

27

Segunda-feira

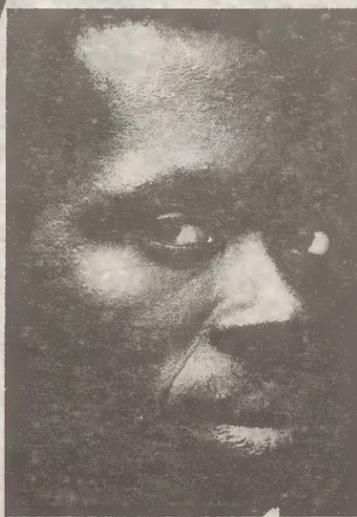
O Sindicato dos Enfermeiros do Norte acusa o Instituto Português do Sangue de violar as leis laborais, retirando aos enfermeiros o direito às folgas ● A Comissão para a Igualdade e contra a discriminação racial é empossada pelo ministro adjunto do Primeiro-Ministro ● Os cinco militares portugueses que vão integrar a operação da NATO de recolha de armas partem para a Macedónia ● O líder da Frente Popular da Libertação da Palestina, Abou Ali Moustapha, é assassinado num ataque de mísseis israelitas, no seu gabinete em Ramallah.

28

Terça-feira

A direcção do Externato Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no Porto, considera que o ranking das instituições de ensino foi construído com «aspectos perniciosos» ● O Congresso do Peru acusa constitucionalmente o presidente deposto Alberto Fujimori de crimes contra a Humanidade ● Dezasseis militares na reserva e antigos colaboradores da ditadura de Augusto Pinochet são indiciados pelo assassinio do sindicalista Tucapel Jimenez ● Milhares de apoiantes da Fretilin desfilam na capital timorense e participam no comércio de encerramento que a organização realiza no estádio municipal de Díli.

Aconteceu



Racismo em debate

Amanhã, sexta-feira, em Durban, África do Sul, tem início a III Conferência Mundial sobre Racismo e a Exclusão, que termina a 7 de Setembro. A Conferência vai debater problemas gerados no passado pelo racismo, como o Holocausto, e efeitos negativos da colonização.

O secretário de Estado norte-americano, Colin Powell, não estará presente, nomeadamente pelos EUA recusarem a equiparação, no texto do documento, de sionismo e racismo.

Entretanto, em Portugal, a Rede Anti-Racista lamentou, em comunicado divulgado domingo passado, que «o governo nada tenha discutido com as associações de imigrantes e não saiba ainda que posição irá assumir, estando à espera da União Europeia».

A Rede Anti-Racista aprovou, em congresso realizado em Março de 2001, um documento intitulado «Carta dos Residentes na Europa», que sintetiza as principais questões relacionadas com as políticas de imigração dos governos europeus.

O documento, apresentado e em seguida adoptado pela European Network Against Racism - representando cerca de 600 organizações da União Europeia - reivindica uma política em que

todos os direitos económicos, sociais, políticos e culturais sejam extensivos a todos os que vivem e trabalham na Europa, sejam naturais ou imigrantes.

A Rede Anti-Racista defende a classificação da escravatura como crime contra a humanidade. Esta questão e também a tentativa de equiparação do sionismo a racismo, bem como a possibilidade de indemnizações pelos danos causados pela escravatura e colonialismo, têm sido polémicas e não obtiveram consenso quanto à redacção final do documento a submeter à Conferência de Durban.

A Rede Anti-Racista entende que «a compensação material passa por um equilíbrio entre o Norte e o Sul baseado num cooperação interdependente e de desenvolvimento, incluindo a anulação da dívida externa e aplicação dos 0,7 por cento dos orçamentos para o desenvolvimento, já aprovado mas nunca concretizado».



Chacina em Fortaleza

O português Luís Miguel Guerreiro, 31 anos, acusado de ser o mandante da chacina que vitimou seis empresários portugueses em Fortaleza, a 12 de Agosto, deverá ser indiciado pelos crimes de formação de quadrilha, latrocínio e ocultação de cadáver. A formalização dos autos do inquérito policial poderá estar concluída na próxima semana. De acordo com a legislação brasileira, após a fase de inquérito policial, a polícia tem 81 dias para realizar a instrução criminal e denunciar os acusados.

Este o ponto actual do crime, previamente planeado, com o motivo apresentado de roubo, que vitimou Vítor Manuel Martins, Joaquim Silva Mendes, António Correia Rodrigues, Joaquim Manuel Pestana da Costa, Manuel Joaquim Barros e Joaquim Fernandes Martins. Como foi amplamente noticiado, os empresários portugueses mortos, um dos quais conhecia o mandante da chacina, foram vítimas de sevícias e barbaramente assassinados, segundo revelam as autópsias reali-

zadas pelo Instituto de Medicina Legal do Ceará, nordeste brasileiro.

Conduzidos para o bar Vela Latina, arrendado por Luís Miguel Guerreiro, na praia do Futuro, Fortaleza, terão sido apedrejados, agredidos com paus, golpeados com canivetes, espancados, pontapeados, dois deles atingidos a tiro e, todos, soterrados, ainda com vida, em areia e cimento, numa cova previamente aberta.

As famílias tiveram conhecimento das mortes através dos noticiários das televisões.

Genéricos e sida

As ameaças de morte contra um funcionário colombiano da Organização Mundial de Saúde (OMS), que defende o fabrico de genéricos para o tratamento de epidemias como a sida no Terceiro Mundo, estão a causar alguma preocupação.

O médico German Velasquez, que reside na localidade francesa de Ferney-Voltaire, a poucos quilómetros do seu lugar de trabalho na OMS, em Genebra, encontra-se sob protecção especial,

depois de ter sido agredido nas cidades do Rio de Janeiro e de Miami (Florida) e de ter recebido ameaças telefónicas no seu domicílio.

Em declarações ao diário de Genebra «Le Temps», Velasquez assinou a necessidade de «aproveitar este assunto para revelar ao mundo a importância do conflito entre os países pobres e a indústria farmacêutica ocidental».

Recentemente, 39 laboratórios farmacêuticos viram-se obriga-

dos a retirar uma queixa na justiça contra o governo da África do Sul, que decidiu fabricar paralela e localmente genéricos de medicamentos contra a sida.

Também o Brasil anunciou que vai violar a patente de um medicamento contra a sida - o Nelfinavir - do laboratório Roche, na sequência do fracasso das negociações entre o governo brasileiro e o grupo suíço para reduzir o preço do medicamento.

Campanha contra transgénicos

Uma centena de militantes do sindicato francês Confédération Camponesa e membros do movimento antiglobalização ATTAC e de «Os Verdes» arrancaram plantas de milho transgénico em Salettes e Cleon d'Andran, no sudeste da França.

Os manifestantes, equipados de foices e acompanhados de crianças, ocuparam duas parcelas de sementeiras que pertencem, respectivamente, à sociedade norte-americana Monsanto e à francesa Biogemma.

O movimento anunciou que levará a cabo uma série de operações de destruição de sementeiras experimentais de plantas modificadas geneticamente (OGM) até meados de Setembro em vários departamentos franceses.

Crónica Internacional

• Domingos Lopes

Fim à violência

Um dos temas mais recorrentes da análise da situação internacional é a violência no Médio Oriente a propósito do conflito israel-palestiniano. O presidente Bush terá telefonado, no dia 24 de Agosto, a Yasser Arafat a pressioná-lo para fazer um esforço a cem por cento para acabar com a violência. Os comentários e as notícias põem em destaque a necessidade de acabar com a violência, ficando explícita e implícita a ideia que a violência gerada naquele conflito é da responsabilidade de ambos os protagonistas. Sendo certo que é necessário acabar com a violência em qualquer parte do mundo, é, porém, necessário ir às causas da violência, para conhecendo-as, eliminá-las e acabar com essa violência. E é aqui que bate o ponto. Na verdade não se pode colocar no mesmo plano de responsabilidade um povo privado dos seus direitos nacionais, subjogado militarmente, que tem do seu lado o direito internacional, e um governo que ocupa militarmente esse território e que para manter essa ocupação viola diariamente o direito internacional e faz uso de uma brutal repressão. De facto a luta do povo palestiniano tem a escorá-la inúmeras resoluções da ONU que no essencial determinam a retirada das tropas israelitas dos territórios árabes ocupados depois de 1967, que exigem o desmantelamento dos colonatos e que consideram Jerusalém Leste parte da Palestina.

Não pode pois deixar de se considerar não só que é legítima a luta de libertação do povo palestiniano, como também ela contribui para pôr termo à própria violência. Com efeito a ocupação para se manter gera violência, e a luta contra essa ocupação a ser vitoriosa acaba com essa violência e contribui para a paz e a estabilidade. Assim quando o Presidente dos EUA pressiona Yasser Arafat para pôr termo ao que ele considera violência, está a utilizar uma forma de violência verbal sob a capa

A violência está na situação de ocupação

de uma aparente neutralidade. Os EUA protegem a ocupação militar de Israel, aliás sem essa protecção é duvidoso que ela se pudesse manter ao longo de todos estes anos. E, por isso, na arquitectura da nova ordem internacional desenhada pelos EUA no Médio Oriente o Estado palestiniano não entra. É sabido que um Estado palestiniano democrático influenciaria positivamente toda a região e enfraqueceria o papel de Israel e eventualmente a hegemonia dos EUA. É essa a explicação para a obstinada política

de terror que Israel conduz desde 1967, contra tudo e todos, salvo o *Big Father*, os EUA.

O facto do poder em Israel assentar em eleições, não significa que possa ocupar militarmente territórios de outros povos e países. Os EUA e também o Ocidente jogam com esse elemento, mas na verdade no século passado as democracias ocidentais durante décadas e enquanto puderam mantiveram as suas possessões coloniais, o que não impediu de serem condenadas por essa política.

A violência, mesmo que não houvesse confrontos, está na situação de ocupação, a qual passa por negar os direitos nacionais a outro povo. É aí que assenta a violência. O ocupante, temeroso da luta dos palestinianos, constrói ilegalmente fortificações (colonatos) interditas pela ONU, prende, tortura e assassina. Todos os colonialismos encerram rosários de crimes. Este não é diferente.

Foi ainda a brutal provocação de Ariel Sharon ao entrar com uma escolta militar num local sagrado para os muçulmanos (a Esplanada das Mesquitas) que originou a segunda Intifada que no próximo dia 28 de Setembro fará um ano. É a ocupação militar e as suas violências constantes que geraram o segundo levantamento. E foi também o facto do processo negocial em curso não ter trazido para o povo palestiniano melhorias, antes ter acarretado mais desemprego, mais fome, mais desprotecção e mais repressão. Afinal não houve troca de paz pela terra. Israel não quer largar mão dos territórios e quer fazer de Gaza e Cijordânia um conjunto de «bantustões» encravados de colonatos por todos os lados. É aqui que está a violência. E sem margem para dúvidas que a luta dos palestinianos para fazer regressar o ocupante às suas fronteiras contribui para pôr termo à violência. Os que não fazem esta distinção objectivamente ajudam a violência do ocupante e contribuem para a sua persistência.

Editorial

COISAS DA RENTRÉE

Chegou, enfim, a *rentrée*. Apresentaram-na aos seus correligionários, primeiro Paulo Portas, em Vagos, depois Durão Barroso, em Lagoa. Discursos marcados para a hora dos telejornais, como vem sendo hábito, e que faz dos que a eles assistem em directo e ao vivo, meros figurantes, semelhantes àqueles que são contratados para figurar e bater palmas nalguns programas das televisões. Os figurantes de Paulo Portas, também como vem sendo hábito, tiveram mesmo que o ouvir, ridículo e grotesco, repetir partes do discurso de cada vez que chegava um canal de televisão.

No seu estilo característico, regra geral apelidado eufemisticamente de «populista», o líder do CDS/PP protagonizou um espectáculo que, não acrescentando nada às suas anteriores representações, contém, no entanto, ingredientes bastantes para que, quem por essas coisas se interesse, observe o verdadeiro significado do acima referido apelido de «populista».

“Portas é um exímio manipulador do discurso xenófobo e racista”

A abordagem de Paulo Portas às questões relacionadas com os imigrantes constitui, pela forma e pelo conteúdo, um livro aberto nessa matéria. Sem conter uma só ideia nova sobre o assunto, o discurso de Paulo Portas pretende-se, no entanto, cheio de novidades e de actualidade. Nada disso teria importância ou mereceria uma linha de comentário se o verbo inflamado do líder do CDS/PP, não fosse, em muitas questões, a imitação clara, visível, flagrante, do discurso neofascista que nos últimos anos tem percorrido a Europa.

Entre aquelas muitas centenas de milhar de portugueses que, desde a década de sessenta, a salto ou legalmente, procuraram noutros países o que o seu País lhes recusava, muitos há que sofreram e sofrem na pele as consequências terríveis da aplicação das teorias defendidas em discursos «populistas», iguais ao que Paulo Portas proferiu em Vagos. As fingidas preocupações de Paulo Portas com aquilo a que chama «o caldo de cultura de guetos e criminalidade», constituem, de facto, brutais e perigosas manifestações de racismo e de xenofobia: brutais porque estimulam, despertam, apelam – de forma mais ou menos clara, mais ou menos subliminar – ao que de mais negativo existe no ser humano; perigosas porque são dirigidas – e passíveis de assimilação – a cidadãos indefesos, cercados pelos gigantes problemas que a política de direita todos os dias lhes cria; pressionados pela necessidade sentida e sofrida de encontrarem um alvo sobre o qual descarreguem as culpas dos seus desencantos e amarguras; empurrados todos os dias para alvos errados, por vezes, até, para os que

estão nos antípodas dos verdadeiros culpados. Paulo Portas é um exímio manipulador do discurso xenófobo e racista, um exímio adaptador do discurso salazarento aos tempos actuais, um «populista» gémeo de muitos seus irmãos «populistas» que têm como preocupação maior o regresso ao passado dos seus sonhos – se não o regresso total, que sabem impossível, ao menos o regresso possível...

De tudo isto relevam duas interrogações óbvias: porquê tão grande e tanto espaço e tempo concedidos pela generalidade da comunicação social ao portador de tal discurso?; porquê o carinho, o desvelo, a ternura com que essa mesma comunicação social trata o líder do CDS/PP, privilegiando-o em relação a qualquer outro líder partidário nacional? Como todas as perguntas, também estas têm resposta: encontrá-la-á quem queira não apenas ver mas olhar a realidade circundante.

Na sua *rentrée*, Paulo Portas falou, também, da Câmara de Lisboa. Em relação ao destino da sua candidatura foi peremptório: «Eu vou em frente e não saio da frente» – palavras que valem o que valem, o futuro o dirá; para já, o seu valor é zero. Amanhã ou depois de amanhã, Paulo Portas poderá, com a mesma naturalidade com que bebe um copo de água, anunciar a sua desistência a favor de uma coligação com o PSD. E quando (e se) o fizer, suportará essa decisão repetindo o que, em Vagos, repetiu: «O País conhece-me» – sabendo, certeza certa, que o seu fim político total soará no dia em que o País o conhecer.

Em Lagoa fez Durão Barroso a sua *rentrée*: entre as centenas de presentes, estava a anunciada *não desistência* de Paulo Portas – a sugerir quão intensos há-de ser os trabalhos a que está a ser sujeito o parque de máquinas de calcular dos dois partidos direitistas.

Santana Lopes pronunciara-se na véspera sobre o assunto, dizendo que compreendia a posição de Paulo Portas, mas que as portas continuavam abertas, e acrescentando: «Eu não excluo ninguém. Vamos dar tempo ao tempo.»

O líder do PSD, assumindo aquilo que é hábito designar-se por «postura de estadista», repetiu Santana Lopes por outras palavras: formulou votos para que «o bom senso prevaleça porque Lisboa é suficientemente importante para que se ponham de lado divergências secundárias». Ou seja: escancarou as portas todas e achou por bem dar ao tempo todo o tempo de que ele necessite. «Lisboa é suficientemente importante...»: dizendo isso, está tudo dito. Sabem todos eles, no entanto, que entre ou não entre Paulo Portas pelas portas que o PSD lhe franqueia, essas não são as portas preferidas dos lisboetas – ou dos que, não o sendo, aqui vivem, amam a sua cidade e em Amar Lisboa fazem questão.

Entretanto, mantenhamo-nos atentos à «fúria antigovernamental» de Paulo Portas: no cerne da moção de censura com que «ameaça» o Governo estão o racismo, a xenofobia, a violência, o ódio – disfarçados de bons rapazes, como é hábito nestas circunstâncias.

Actual Eleições e participação

• Jorge Cordeiro

A recente lei eleitoral consagrou a possibilidade de candidatura de grupos de cidadãos eleitores aos órgãos municipais.

Uma decisão natural que, correspondendo à extensão da possibilidade já em vigor desde 1976 para as freguesias, veio dar cumprimento ao que desde 1997 a Constituição da República consagrara igualmente para os órgãos municipais.

Uma novidade que alguns se apresaram a transformar em paradigma de participação cívica, atribuindo-lhes virtudes e significados para além daquilo que por si representam: uma forma adicional e legítima de organização da participação em actos eleitorais. Desde a confusão intencional e pouco inocente de denominar estas candidaturas de independentes, à sua apresentação como formas de intervenção dos que recusam a condição de políticos, já muito, e em curto tempo, se viu escrever e dizer. O respeito por esta forma de intervenção eleitoral obriga entretanto que se deixe expresso que não só os partidos ou coligações não são forma

exclusiva de assegurar a participação dos cidadãos na vida política, como as listas de cidadãos eleitores que se organizem para efeitos eleitorais não têm o monopólio da participação de independentes. Como se comprova pelo facto de milhares de cidadãos independentes integrarem listas de partidos e coligações e o de muitos milhares de membros de partidos darem corpo às listas de cidadãos eleitores que têm concorrido às freguesias. Pelo que todo este frenesim que alguns revelam para crucificar os partidos, apresentados como sede da política, e para endeusar a participação de grupos de cidadãos, como já havia ocorrido aquando dos referendos nacionais, não só é totalmente despropositado como não tem nada de inocente.

Registe-se aliás que, o que se conhece a partir da expressão pública das principais movimentações, no sentido de dar corpo à candidatura de grupos de cidadãos eleitores para os municípios, não deixa de ser em simultâneo inquietante e esclarecedor. A densidade de potenciais candidaturas já desenhadas

para dar suporte a candidatos cuja principal característica é não a de uma genuína disposição para se entregarem ao trabalho pelos interesses da sua terra mas a de tentar manter os cargos que antevêm perder por terem sido deserdados das listas para as próximas eleições por decisão dos respectivos partidos; a presença num recente encontro de listas de "independentes", de potenciais candidatos cuja história no poder local ficou marcada por actos repetidos de ilegalidade que conduziram à declaração da perda de mandato; os movimentos em curso nalguns concelhos, para uso de listas de cidadãos eleitores como instrumentos para encobrir acordos entre partidos, são exemplos bastantes para recomendar precaução aos que se rendem encantados a esta forma de participação eleitoral.



Frases

“Se tivesse de fazer uma aposta neste momento, o sentido do meu voto iria para o chumbo do Orçamento do Estado”

(“Confidência” de “um destacado socialista” a *O Independente*, 24.08.01)

“Nunca tivemos um período de tão grandes desencanto e desânimo, perigoso, como aquele que estamos a viver”

(D. Manuel Martins, em entrevista a *O Independente*, 24.08.01)

“Em relação a uma pessoa altamente competente que teve a coragem de aceitar um posto delicado de evidentes responsabilidades políticas, uma amiga minha, muito próxima da pessoa em causa, escrevia-me um e-mail a dizer: “Não sei que lhe deu para querer associar-se a um Governo em vias de extinção””

(Eduardo Prado Coelho, no *Público*, 24.08.01)

“Já quando falamos em membros do Governo, a discrição faz parte das regras do jogo, mas sente-se uma espécie de subtexto insidioso que insiste em dizer: “Tirem-me o mais depressa possível deste filme!””

(*Idem, ibidem*)

“O líder do PP excluiu ontem a hipótese de desistir da sua candidatura autárquica. E admitiu apresentar uma moção de censura ao Governo”

(Chamada de primeira página no *Diário de Notícias*, 26.08.01)

“Paulo Portas garante que vai até ao fim e é “o candidato do povo” à Câmara Municipal de Lisboa”

(No texto da notícia, *ibidem*)

“O Governo está com enormes dificuldades perante a situação económica e política, mas não lembra a ninguém acusar os seus membros de estarem a pensar pouco. Estão é a pensar mal”

(António Barreto em entrevista ao *Diário de Notícias*, 26.08.01)

“Gosto muito da palavra “intelectual”, eu próprio sou professor, essa é a minha vida”

(*Idem, ibidem*)

“Acho muito pretensiosa a defesa do papel da casta dos intelectuais na política. Desde o Séc. XVIII, para dizer disparates e asneiras sobre a acção política, os intelectuais estão aí para as curvas”

(*Idem, ibidem*)

“O puro analfabetismo tende a deixar de ser problema em Portugal; sucede o contrário com o analfabetismo funcional. É ainda durante o período infantil-adolescente da apreensão do código linguístico que a noção da sua funcionalidade tem de ser adquirida”

(Ruben de Carvalho no *Diário de Notícias*, 24.08.01)

A minhoca de Vagos

• Carlos Gonçalves

No discurso de Paulo Portas na «rentrée» do CDS/PP em Vagos a referência à «lombricus terrestris» que seria mais rápida a correr 100 metros que Guterres a fazer uma reforma política, foi, a meu ver, a imagem mais impressionante. Quer isto dizer que a discursata foi tão falha de substância e novidades, que uma imagem rasteirinha – em sentido literal – foi o zénite da prosa respectiva.

Aliás, melhor seria dizer prosápia, tal a arrogância e bazófia do monólogo de hora e meia que, qual prima-dona da verborreia e algazarra, repetiu deslumbrado, conforme foi ditando a telecracia. E sem qualquer respeito pelos esforçados apoiantes, que eram poucos e quase todos plebeus – nem barões, nem tias, nem a Cinha Jardim.

Com excepção das guerrilhas com o PSD, de concreto, nas mais importantes questões nacionais, palavras e slogans em catadupa, danças guerreiras e ameaças dramáticas, mas muito pouco compromisso efectivo de intervenção.

Ultimatos «sem quartel» por isto e por aquilo, mas nada que não seja negociável – contra-reforma fiscal, «competência» na economia, «controlo» do rendimento mínimo garantido, contingência da imigração, contra-reforma na saúde – e nada de muito taxativo quanto ao Orçamento de Estado, ou a

qualquer rotura que possa conduzir à derrota desta política e deste Governo.

A prometida moção de censura fica anunciada para um momento eleicoeirmente conveniente para o CDS/PP e politicamente favorável ao Governo PS.

E Portas usou e abusou em Vagos do tradicional receituário da extrema direita populista, que se alimenta da injustiça, exclusão e regressão social, da insegurança (em sentido lato) e do desespero de largos estratos, fragilizados, desorganizados, desinformados e manipulados – resultado da política de classe que a direita preconiza e apoia, pela qual é responsável e, em última análise principal cobradora.

Demagogia, muita demagogia, ampliada pelas cumplicidades do poder económico-mediático e do oportunismo de circunstância do PS, produzindo e parasitando o apoio dos desinformados – dos «velhinhos», dos «doentes», dos «pobres».

Mistificação e promoção de bodes expiatórios – os «drogados», os marginalizados, os imigrantes – incendiando a xenofobia e o racismo, para depois gritar pela «segurança», pela «autoridade», pela restrição de direitos e liberdades.

E sobre tudo isto o «Chefe», bramando de dedo em riste – autoritário, «puro e duro». Mesmo de opereta. Mesmo que seja Portas. Ou a minhoca de Vagos.



Conversa inclinada

• Leandro Martins

Como muita gente sabe, os jornais têm, pelo menos, duas formas de tratar os factos. Uma delas é relatá-los. A outra é tecer sobre eles comentários. Muitas vezes, em boa parte dos jornais, não se sabe bem onde acaba um modo e começa o outro e, à abundância de artigos de opinião juntam-se notícias que já vêm «devidamente» tratadas, com os comentários inseridos ou sugeridos, de tal maneira que o jornal mostra querer jogar pelo «seguro», não vá o leitor independente fazer uma leitura muito sua dos factos que lhe apresentam. E depois há aquelas formas híbridas, tipo «depimento do homem da rua», tantas vezes a levarem a água ao mesmo moinho que a gente se pergunta sobre a objectividade de uma recolha assim e de uma amostragem assado. Feitas as contas, e contabilizando uma voz discordante – como que a ilustrar que a excepção confirma a regra – e ficamos a saber para onde se «inclinam» as vontades

deste ou daquele periódico. Geralmente inclinam-se todas para a direita.

O certo é que é dessa maneira ínvia que muitos fabricam a «opinião pública» que desejam maioritária. Ou que os seus patrões desejam maioritária. Ou que o Governo deseja maioritária. Ou que os Estados Unidos, por exemplo, desejam maioritária.

Vem isto a propósito do pendor colonialista – ou neocolonialista, que é o modo como os colonialistas podem continuar a sê-lo – que boa parte dos jornais mostram em Portugal. Por exemplo, o *Diário de Notícias*, a pretexto de dar voz à «rua», tem vindo a publicar as bocas de gente pretensamente apanhada em flagrante pela pergunta: «Acha que os timorenses estão preparados para a independência?» O «português médio» responde, das alturas da sua experiência democrática, ou das funduras da sua sabedoria, que não, credo, coitados deles. Parece uma sonda-

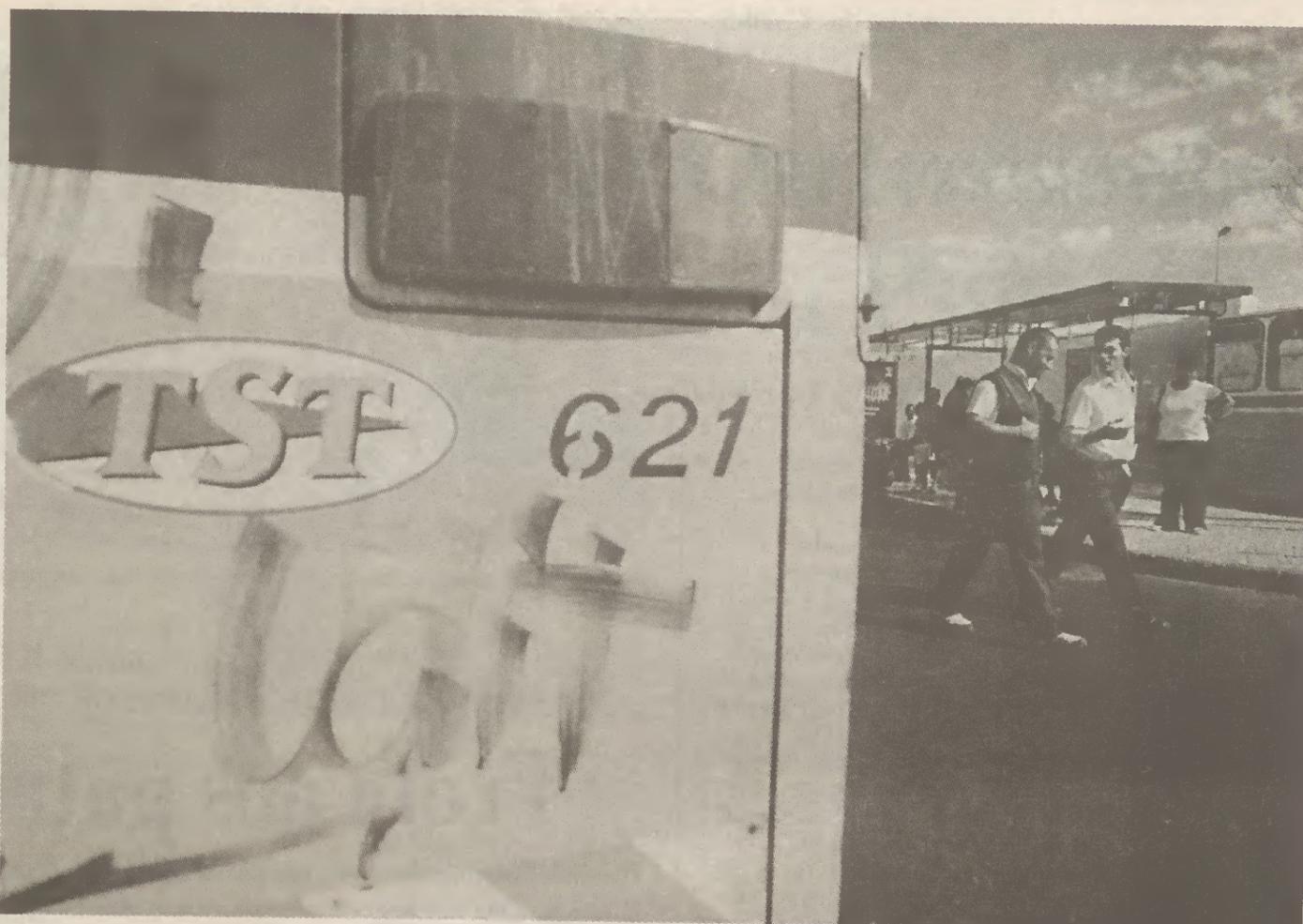
gem do Estado Novo a perguntar se os portugueses estavam preparados para a democracia.

Este pendor mostra-se muito mais feroz quando se trata de Angola, um país na mira petrolífera da direita portuguesa cujos olhos brilham que nem diamantes quando se lhes fala deste país africano. A palavra está sempre do lado da UNITA e da hipócrita «igreja angolana». Há dias, a «propósito» da anunciada intenção de Eduardo dos Santos em não se recandidatar, o «comentador» Luís Delgado, que nunca comenta as atrocidades perpetradas pelos seus amigos, interrogava, no final de uma peroração sobre a perspectiva de o actual presidente deixar de o ser: «Que diz a UNITA?»

Dias depois, a UNITA atacava um autocarro assassinando meia centena de pessoas, entre as quais muitas mulheres e crianças, o segundo ataque do mês contra civis – o primeiro havia provocado duzentas e cinquenta mortes.

Eis o que diz a UNITA. O resto é conversa.





● Domingos Mealha
Texto

● Jorge Cabral
Fotos

Preocupação quanto ao futuro da Transportes Sul do Tejo

A rodar pelo lucro

Trabalhadore e utentes têm sofrido na pele a alteração da propriedade e dos princípios de funcionamento do transporte rodoviário. Com a privatização da Rodoviária Nacional, a primazia deixou de pertencer ao serviço público e ao interesse de todos. Agora, os destinos da TST são definidos pelas contas do grupo Barraqueiro, que procura o máximo lucro no prazo mínimo.

Foi anunciado há cerca de um mês que, a partir do próximo ano, o transporte público rodoviário de passageiros da Península de Setúbal vai ser explorado pela Transportes Sul do Tejo. Esta, que já tinha absorvido a Covas & Filhos, alarga a sua área de actividade até Palmela e Setúbal. A Belos, por sua

vez, perde estes concelhos e fica limitada apenas à região do Alentejo.

A estratégia foi traçada pelo grupo Barraqueiro, o monopólio privado que substituiu a Rodoviária Nacional após a privatização e do qual fazem parte aquelas transportadoras. O grupo também detém posições dominantes

tanto na Fertagus (que explora a ligação ferroviária no Eixo Norte-Sul, sobre a Ponte 25 de Abril) como no consórcio MTS (que irá explorar o Metropolitano do Sul do Tejo).

«A rede de transportes públicos de passageiros em toda a Península de Setúbal ficará, assim, entregue a um monopólio que vai já em

2002 centralizar numa única empresa tudo o que é transporte rodoviário», constata, com preocupação, José Gamito. Motorista da TST, onde trabalha há 26 anos, é coordenador da Comissão de Trabalhadores da empresa e integra a CIS (coordenadora das CTs do distrito de Setúbal). Ao Avante! disse que o futuro da TST é encarado com preocupação entre o pessoal da transportadora. Por outro lado, os motoristas são confrontados com frequentes, duros e justos protestos dos passageiros, que sofrem a degradação da qualidade do serviço.

Quem paga?

José Gamito, que faz parte do executivo da Concelhia de Almada do PCP, relaciona a evolução negativa da empresa com a privatização. Para reduzir custos e aumentar os lucros, «os autocarros andam a cair de maduros», com uma idade

média de 15 anos, batida por exceções que ultrapassam as duas décadas. A «praga» nacional dos autocarros velhos importados da Alemanha ou da Suécia atingiu também a TST.

Os lucros são obtidos à custa da qualidade do serviço e das condições de trabalho

Nestas condições, a manutenção dos veículos deveria ser mais exigente. Mas a opção do accionista mandou reduzir pessoal, até um nível

que é hoje muito inferior à necessidade. «Mandaram embora mecânicos, e temos hoje meia dúzia, quando eram precisos uns 30 ou 40», afirma José Gamito, que explica assim o motivo por que se registam grandes atrasos. Com a deficiente manutenção, há semanas em que, todas as manhãs, 15 ou 20 motoristas se apresentam no terminal do Laranjeiro mas ficam impossibilitados de trabalhar. «Falha o autocarro que estava destinado inicialmente, falha depois o autocarro de reserva e a carreira acaba por não se fazer», chegando os passageiros a sofrer atrasos de duas horas.

Gamito refere igualmente graves deficiências na limpeza, no sistema de venda de passes e bilhetes, nas exigências para admissão de motoristas e nos direitos que lhes não são garantidos, na organização dos horários de trabalho e na remuneração do serviço realizado fora do horário normal.

Objectivos e cautelas

Com motivos bastantes para não embarcar em declarações de melhoria da rede de transportes, que pretendem justificar a reestruturação anunciada, José Gamito também não se coloca numa oposição cerrada à reorganização. «Se for para bem dos trabalhadores, para bem da empresa e para bem dos passageiros, que avance», afirma, colocando de seguida fundamentadas reticências.

A nova estrutura empresarial aparta da TST (que «deu 400 mil contos de lucro no ano passado») a Belos (que somou «200 mil contos de prejuízos em 2000» e passa a operar apenas no Alentejo). É desta forma criada uma empresa que, à partida, só pode ser deficitária, o que deverá levar à exigência de subsídios do Estado – que não pagava as devidas indemnizações compensatórias à RN pública, mas passou a pagar diligentemente depois da privatização.

Com a rede na posse de um único grupo económico, «pode haver o perigo de empurrarem os passageiros para o transporte que dá mais lucro». A experiência já foi vivida, quando entrou em funcionamento o comboio da Ponte 25 de Abril. «Tiraram os autocarros ao dia 28 ou



José Gamito

29, as pessoas tinham os passes pagos até ao fim do mês, houve muitos protestos na Praça de Espanha, mas os autocarros não foram repostos e os passageiros tiveram que recorrer a outros meios de transporte», recorda José Gamito.

A reestruturação dos transportes rodoviários tem aspectos positivos, admite, apontando o caso do «corredor da Cruz de Pau». Aqui, o passe poderá ser utilizado em todas as carreiras, quando agora são necessários bilhetes diferentes, conforme o transportador. Mesmo assim, o benefício não é líquido. «Podem sempre reduzir as carreiras e a quantidade de autocarros, fazer um percurso único onde antes havia uma carreira da TST e outra dos Belos», previne José Gamito, que alerta para a necessidade de estudar o mercado e tomar as necessárias providências, de modo a que a empresa «possa sobreviver e manter os postos de trabalho» no futuro.

Esta também é uma preocupação com fundamento. «A antiga Rodoviária Nacional, que empregava 15 mil trabalhadores, hoje dividida em 14 empresas, quase todas nas mãos do grupo Barraqueiro, tem actualmente apenas 6700 trabalhadores», denunciava em Maio, na Assembleia da República, o deputado comunista Vicente Merendas. Na TST, segundo José Gamito, «é difícil fazer estatísticas» deste género, pois as rescisões de contratos ocorrem muito frequentemente, atingindo os vários sectores. Mas não tem dúvidas em afirmar que «só este ano, já terão saído mais de cem trabalhadores», baixando o emprego na TST para menos de mil funcionários.

As remessas dos emigrantes

• Martins Coelho

Depois de ter anunciado 50 medidas que, no essencial, vão contra os direitos e as regalias dos trabalhadores, fruto da sua política neoliberal, o Governo PS, logo após as férias, irá debater-se com a elaboração do Orçamento de Estado. Para que não fique mais uma vez esquecido, e porque estamos em contacto directo com os nossos compatriotas emigrantes, agora gozando em Portugal um merecido descanso, julgamos oportuno voltar a um tema que tem merecido a nossa maior atenção dada a que a sua importância, mas que continua a ser, infelizmente escamoteado e deliberadamente esquecido pelo Poder central. Referimo-nos às remessas dos emigrantes. Hoje assistimos a quebras nas nossas exportações e a um aumento

Para não sermos fastidiosos, recordamos os últimos três anos. Em 1998 as remessas atingiram cerca de 599 milhões de contos cerca de 635 em 1999, e cerca de 670 em 2000. Nos mesmos anos, os saldos com a UE, foram de cerca de 583, 581 e 395 milhões de contos respectivamente. Crescem as remessas e diminuem os saldos com a UE.

Sem as remessas, que equilibram a nossa balança de transacções correntes - pois já vimos que a nossa balança comercial é um desastre, em constante agravamento - o País tinha entrado certamente em recessão pois elas significam uma percentagem não negligenciável do nosso PIB. O que tem sido feito e o que faz o actual Governo para que esta fonte de receitas não diminua ou se perca? Nada! Não existe nenhuma

dinâmica para incentivar e captar as remessas que poderiam ser um factor de crescimento e desenvolvimento, quer das regiões de onde os emigrantes são naturais quer do País na sua generalidade. Não há informação digna desse nome e muito menos apoio para que o emigrante invista no País, salvo algumas tímidas mas honrosas excepções por parte das Autarquias Locais.

Continua a ser a banca a única que faz algum esforço para cativar os emigrantes e assim capta, em proveito próprio, as suas remessas.

Nos seus últimos discursos, o Presidente da República referiu a questão da regionalização. E fez bem, pois o referendo que a contrariou, foi mais uma oportunidade perdida, mais uma machadada nas perspectivas de descentralização e de desenvolvimento das regiões. Em Dezembro do ano 2000, os depósitos dos emigrantes nos bancos portugueses totalizaram cerca de 2 mil e 500 milhões de contos mais 925 milhões de contos nos *off-shore* dos Açores e da Madeira.

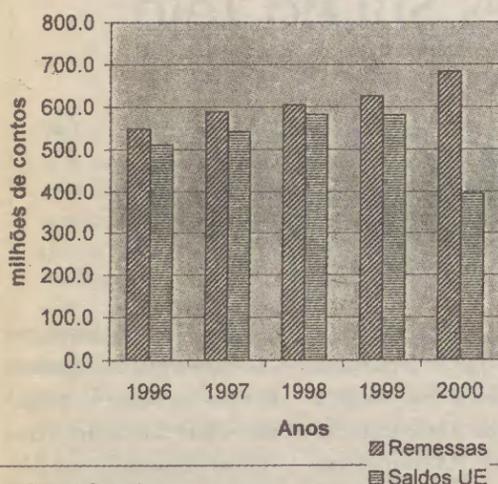
Pensamos na imensa riqueza que tão elevadas somas poderiam gerar se fossem investidas nas respectivas regiões caso tivessem sido enviadas nas condições de informação e apoio indispensáveis.

Olhando região a região, verificamos que no Alentejo são cerca de 35 milhões de contos depositados, e cerca de 60 milhões no Algarve. No Minho temos 278 milhões e 164 milhões em Trás-os-Montes; nas Beiras ascendem a 476 milhões e na zona de Lisboa/Setúbal a 213; no Porto 125 milhões e em Santarém/Leiria 167 milhões. Nos Açores e Madeira respectivamente 145 e 858 milhões de contos, sem contar os *off-shore*.

Creemos que pelas razões apontadas as remessas dos emigrantes portugueses continuam a ser olímpicamente desaproveitadas e ignoradas (exceptuando a Banca claro). Esperemos que o EURO não venha a ter consequências negativas retraindo as remessas, dado que grande parte delas vêm da zona EURO.

Se vierem a diminuir, com o consequente impacto negativo na nossa economia, tal facto será mais um crime e um factor de imprevidência a figurar no cadastro dos últimos governos e em particular, do Governo PS.

Remessas de Emigrantes Saldos com a UE



Fonte: Banco de Portugal

preocupante do nosso défice comercial, pouco investimento estrangeiro no País e ao aumento do investimento directo dos capitalistas portugueses no estrangeiro, pelo que o ano passado o saldo foi negativo em cerca de 380 milhões de contos. Verifica-se o aumento da dívida pública e crescente o endividamento das famílias e da banca; a diminuição da produtividade e o abrandamento da convergência real, os salários a crescer menos do que devem com a respectiva perda de poder de compra e a mítica aproximação à União Europeia (UE) cada vez mais distante. Alguns «analistas» afirmam que por este andar nem daqui a 40 ou 50 anos lá chegaremos.

Assistimos ainda, nos últimos meses, a um grande alarido face à inevitável perda de fundos comunitários, devido ao alargamento previsto para 2004 da UE a novos países.

Sendo estes países teoricamente mais pobres que o nosso (mas com maior produtividade e com mão-de-obra mais qualificada, e agrícola e industrialmente concorrentes directos de Portugal), a média da riqueza comunitária baixa a fasquia e, desta forma, ficamos artificialmente mais ricos e desenvolvidos, mas na realidade tão ou mais pobres do que dantes.

Os fundos comunitários fazem falta, não se nega, mas para serem correctamente aplicados, pelo que a sua diminuição não favorece Portugal. Aqui queremos chamar a atenção para o facto de as remessas que os nossos emigrantes enviam anualmente para o País terem sido sempre superiores ao saldo das nossas contas com a UE.



A imposição de quotas anuais de imigração é uma atitude desumana que a CGTP sempre tem combatido

CGTP condena pressa do IIEFP no estudo sobre necessidade de mão-de-obra

Frete aos patrões

O relatório divulgado na semana passada não foi feito à medida das necessidades de desenvolvimento do País, acusa a CGTP-IN.

Em nota à comunicação social, a central condenou «a forma apressada como os responsáveis do Instituto de Emprego e Formação Profissional tornaram públicos os resultados dum estudo sobre as necessidades de recrutamento de mão-de-obra no nosso país». Ao «contestar e clarificar alguns aspectos» do relatório divulgado, a Intersindical afirma que este foi feito «de acordo com os desejos e pretensões egoístas dos patrões, que não se coíbem de declarar que precisam de mão-de-obra barata e mais qualificada», notando que «esse tipo de mão-de-obra vem de países do Leste Europeu».

A CGTP começa por constatar que a lei sobre entrada,

permanência e saída de estrangeiros em Portugal «atribui, de facto, ao IIEFP competência para elaborar estudos sobre esta matéria, mas obriga a que esses estudos sejam submetidos ao parecer dos parceiros sociais, quer no seu próprio âmbito, quer a nível da Comissão Consultiva para os Assuntos de Imigração».

Mas o IIEFP, acusa a Inter, ignorou essa norma e divulgou o relatório, «embora nada justificasse que o fizesse», assumindo um comportamento classificado como «democraticamente inaceitável».

Desumano

Acerca do conteúdo do relatório, que declara como

necessários 20 mil trabalhadores estrangeiros, a CGTP entende que é «desumano impor quotas anuais», lembrando que esta «foi sempre» a sua posição de princípio, já desde a fase de elaboração da lei. «Como a própria lei estipula, as necessidades de mão-de-obra devem ser preenchidas, em primeiro lugar, por cidadãos nacionais e depois pelos oriundos de países da União Europeia e, só posteriormente, por cidadãos de países terceiros», recorda a central, salientando que, «mesmo neste caso, deverá ser dada prioridade aos países com que Portugal manteve acordos bilaterais relativamente ao fornecimento de mão-de-obra, como é o caso de alguns PALOPs».

A CGTP, não prescindindo desta reacção pública, afirma que «reserva a sua posição final para as reuniões dos órgãos tripartidos em que participa, obrigatórias segundo a Lei 4/2001».

Vacilação fiscal é mau prenúncio

No dia em que o ministro Oliveira Martins publicou um artigo no DN, a CGTP expressou «profunda preocupação pelas indecisões reveladas pelo Governo em matérias fundamentais da política fiscal», citando «notícias recentes sobre as intenções do Governo de nada fazer relativamente ao imposto sobre património e ao imposto automóvel», e apontando «a falta de firmeza que o Governo vem revelando perante as pressões e a arrogância dos grupos económicos e financeiros».

«Estas indecisões poderão pôr em causa o essencial das alterações positivas introduzidas pelas alterações fiscais ocorridas no final do ano 2000, em nome duma maior justiça fiscal que a CGTP-IN e a sociedade em geral vinham, desde há muito, reclamando», alerta-se na

nota de imprensa divulgada dia 22.

Escândalos

O que se passa com a banca constitui, para a Inter, «um verdadeiro escândalo fiscal». No ano 2000, segundo foi noticiado, os lucros daquele sector atingiram 550 milhões de contos, mas os impostos pagos não foram além dos 68 milhões de contos, o que dá uma taxa efectiva da ordem dos 12,5 por cento, que baixa para apenas 10, se for excluída a Caixa Geral de Depósitos - quando a taxa oficial de IRC é da ordem dos 35 por cento.

A CGTP lembra que esta situação não é nova e que, «pelo contrário, a regra tem sido a manutenção de privilégios escandalosos que os sucessivos governos não têm tido a coragem política de

afrontar». Contudo, «são os representantes deste sector que mais têm esgrimido argumentos contra as recentes alterações fiscais, para poderem manter os escandalosos privilégios e benefícios fiscais de que actualmente desfrutam».

Os dados da execução orçamental, referente a Julho de 2001, evidenciam uma «quebra injustificada» das receitas do IRC, enquanto o IRS «continua a ser o sustentáculo das receitas do Estado» e «não se conhecem nem as medidas nem os resultados do combate à fraude e evasão fiscais». Neste contexto, a CGTP recusa «pôr tudo no mesmo saco», exige do Governo «que ponha cobro a estes escândalos fiscais», para o que «é necessário, consolidar, sem tibiezas, as medidas fiscais aprovadas na AR».

ALPIARÇA Melão com preços de ruína

Dificuldades no escoamento da sua produção de melão e melancia estão na origem da grave crise que afecta os produtores de Alpiarça. Profundamente preocupada com esta situação está a Comissão Concelhia do PCP de Alpiarça que a classifica de «dramática», com «repercussões negativas» que estão já a fazer-se sentir no concelho.

Também os deputados comunistas Luísa Mesquita e Agostinho Lopes, em requerimento dirigido ao Governo, tomaram posição sobre o assunto, alertando para o facto de a principal causa para a crise residir no «encharcamento do mercado nacional pela produção espanhola que chega ao comércio português a preços de 2/25\$00 por quilo».

Recordam que esse preço é conseguido, fundamentalmente, porque «têm custos de produção muito baixos», a que acresce a «existência de apoios do Estado espanhol, mais disfarçado menos disfarçado, através dos seus governos regionais».

Ora, como sublinham os deputados do PCP, aquele preço é manifestamente incompatível com os actuais custos de produção do melão no nosso país que rondará, segundo dados do próprio Ministério da Agricultura, os 50\$00 por quilo.

Responsabilizando os sucessivos governos pelo actual estado de coisas, em larga medida devido ao estado de abandono a que votaram a agricultura nacional, a concelhia do PCP de Alpiarça afirma que «cabe aos agricultores juntarem-se no caminho da unidade, da organização e da luta para a resolução dos seus problemas».

NOVA INGLATERRA Decq Mota na festas do Espírito Santo

Regressou terça-feira de Nova Inglaterra, onde participou nas grandes festas do Divino Espírito Santo, o presidente do Grupo Parlamentar do PCP na Assembleia Legislativa Regional dos Açores, José Decq Mota. Presente nessa qualidade, a convite da Comissão Organizadora daquelas festividades, realizadas entre 24 e 27 de Agosto, esta deslocação foi considerada de grande importância uma vez que as festas do Espírito Santo, em Fall River, são um importante acontecimento cívico e religioso que envolve muito fortemente a comunidade açoriana da Nova Inglaterra e de outros pontos dos EUA e do Canadá.

ESPINHO Trabalhadores da CETAP em luta

O Organismo de Empresas da Direcção Regional de Aveiro do PCP manifestou o seu apoio e solidariedade à luta dos trabalhadores da CETAP, em Espinho. Expressão concreta dessa atitude foi o apoio à greve e concentração realizadas na passada segunda-feira, em defesa das suas justas reivindicações.

Em comunicado, aquele Organismo de Empresas do PCP recorda que, além da prática de baixos salários em vários sectores laborais do distrito de Aveiro, repetem-se em várias «claros e inadmissíveis atropelos aos mais elementares direitos dos trabalhadores». É o que se passa, alertam os comunistas de Aveiro, na CETAP - empresa química de Espinho - que, «violando ostensiva e repetidamente a Lei, teima em não pagar atempadamente os salários e subsídios».

Campanha Nacional de Fundos Importante tarefa de todo o Partido

As eleições autárquicas que se realizam em Dezembro vão decorrer num quadro de agravamento crescente da situação económica e social do País. A política de direita do Governo PS é responsável por esta situação.



Virgílio
Azevedo
Membro
do Secretariado

A subordinação aos ditames da União Europeia, a destruição do aparelho produtivo, as privatizações, os benefícios fiscais aos grandes grupos capitalistas, são responsáveis pelo agravamento do poder de compra dos trabalhadores, dos reformados.

O orçamento rectificativo, o programa de redução da despesa pública, deixam antever um Orçamento de Estado para 2002, onde se vai acentuar esta política de classe do Governo PS.

É necessária uma resposta firme e determinada a esta tentativa de impor um ainda maior agravamento da situação dos trabalhadores. É necessário uma resposta firme e determinada à ten-

As eleições autárquicas, nesta situação, assumem uma importância crescente para o posterior desenvolvimento da situação política do País. O reforço eleitoral da CDU, é essencial não só para assegurar uma gestão democrática, transparente e participada no Poder Local, mas também para contribuir para a luta por uma alternativa de esquerda para o nosso país.

A preparação das eleições autárquicas está em andamento; avançam a bom ritmo a preparação das listas e dos programas eleitorais, o presta contas, os debates CDU, as apresentações públicas das listas, a apresentação das principais linhas programáticas e das propostas concretas para cada município e freguesia, a formação de comissões de apoio à CDU.

Esta intensa actividade do Partido e da CDU vai aumentar ainda mais a partir de Setembro. É necessário finalizar as listas e os programas eleitorais, é necessário planificar a campanha eleitoral; as sessões e comícios, os porta a porta, as iniciativas mais diversas — almoços convívio, iniciativas culturais e desportivas — as acções de propaganda, um grande contacto com as populações e uma grande mobilização do eleitorado do CDU para a sua participação nesta importante batalha política.

Planificar iniciativas

Para o Partido estar em condições de desenvolver esta intensa actividade, é

imprescindível ter os meios financeiros indispensáveis. A Campanha Nacional de Fundos que está a decorrer tem uma importância política e financeira que todos devemos compreender e ajudar a dinamizar. Cada organização, cada militante, cada participante nas listas CDU deve contribuir para o êxito da Campanha Nacional de Fundos.

Planificar as metas — lá onde não estão ainda — planificar as iniciativas de angariação de fundos, promover um grande apelo para as contribuições individuais de militantes, simpatizantes, são medidas necessárias.

A realização, dentro de dias, da 25.ª edição da Festa do Avante! pode e deve ser também uma grande oportunidade para um grande contacto dos eleitos e membros das listas CDU, com os muitos milhares de visitantes da Festa e uma forma de dinamizar a Campanha Nacional de Fundos.

Cada Direcção Regional deve promover a venda de cupões e de outros materiais. Deve promover a pequena oferta, deve divulgar a existência da Campanha Nacional de Fundos.

Havendo, no desenvolvimento da campanha, situações muito diferenciadas e muito por fazer, há organizações que se lançaram com empenho e imaginação e estão já, a quatro meses do fim da campanha, muito perto de alcançar as metas propostas.

Houve comissões concelhias que se cotizaram, houve almoços, jantares, sorteios, presenças nas festas locais e abordagens que foram feitas. Apesar do agravamento da situação económica e social do País, estas iniciativas mostram bem as condições políticas favoráveis para alcançar com êxito a meta dos 250 mil contos.

Apelando à contribuição de todos os militantes e amigos do Partido, de todos os que reconhecem o papel insubstituível do PCP na vida nacional, encontraremos os meios financeiros indispensáveis para esta importante batalha eleitoral e para o reforço do Partido.

/// A campanha de fundos tem uma grande importância política e financeira ///

tativa de impor baixos salários, reformas e pensões.

À insistência de prosseguir e acentuar a política de direita por parte do Governo PS, é preciso uma resposta firme e determinada dos trabalhadores, dos reformados, dos agricultores, dos jovens, das mulheres, de todos que querem uma nova política, uma política de esquerda.



Secretário-Geral do PCP contacta populações em visita ao litoral alentejano

Acolhimento caloroso em ambiente de confiança

Foi uma grande jornada de convívio e esclarecimento a que juntou no último sábado mais de 300 pessoas no salão dos Bombeiros Voluntários de Cercal do Alentejo. Foi o ponto alto desta passagem do Secretário-Geral do PCP pelo litoral alentejano.

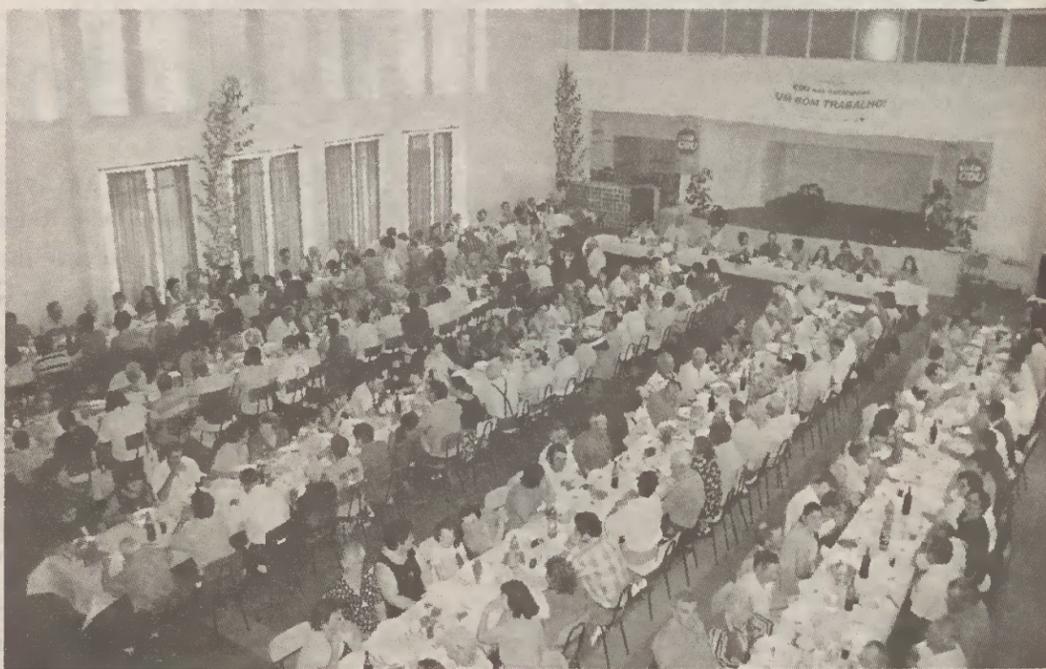
Carlos Carvalhas foi recebido no local por vários dirigentes regionais e locais do Partido, pelo presidente da Câmara Municipal e mandatários da CDU no concelho e pelo presidente da direcção dos Bombeiros Voluntário, Mário Sobral, que fez questão de oferecer ao dirigente do PCP uma placa alusiva a esta sua visita à instituição.

No decurso do almoço-convívio, perante um salão dos Bombeiros cheio, procedeu-se à apresentação pública de grande parte dos

elementos que integram as listas para a câmara e assembleia municipais, bem como dos onze cabeças de lista às freguesias do concelho de Cacém.

Sines foi a etapa seguinte do Secretário-Geral do PCP onde foi igualmente aguardado por dirigentes locais do Partido, por pescadores e pelo proprietário da traineira «Célia Maria», de onde partiram até à Ilha do Pessegueiro, património natural da maior importância para a região e para o País.

Ao fim da tarde, já em Grândola, onde tinha a aguardá-lo eleitos autárquicos e dirigentes regionais e locais do Partido, Carlos Carvalhas percorreu a feira anual, tendo tomado contacto com um largo conjunto de propostas e projectos para o desenvolvimento do concelho. O Secretário-Geral do Partido visitou ainda os pavilhões onde estavam representadas várias instituições da região e percorreu os vários stands de exposição e venda dos mais



O Governo está desacreditado, afirmou Carvalhas no almoço que juntou mais de 300 pessoas no Cercal

variados produtos que atestam a importância que esta feira tem hoje na região do litoral alentejano.

Mais de duas centenas de militantes e simpatizantes, que o aguardavam no pavilhão/restaurante do Partido

instalado no recinto, tiveram ainda ensejo de cumprimentar e ouvir breves palavras de Carlos Carvalhas.

Carlos Carvalhas

Uma política negativa para o povo e para o País

No Cercal, intervindo no final do almoço, perante uma plateia que enchia o salão dos Bombeiros Voluntários, Carlos Carvalhas afirmou que «o governo pode consumir-se na multiplicação de discursos, de visitas, de operações de corta fitas, de lutas de galos pelo poleiro, mas o que o País precisa é de respostas aos problemas com que está confrontado».

«Portugal afasta-se da média europeia em termos de crescimento económico, de salários e reformas, de níveis de inflação, mas isto são para o Governo, questões de pequena monta», observou o dirigente comunista, antes de se interrogar: «Onde estão as medidas para impulsionar o crescimento económico, defender a produção e o aparelho produ-»

vo nacional, promover a justiça na repartição do rendimento nacional, a reposição do poder de compra dos mais desfavorecidos e o avanço na concretização prática da reforma fiscal?»

E acrescentou: «O ministro das Finanças dá-nos conta da má execução orçamental nomeadamente em termos de receitas. No dia seguinte o país fica a saber que há um banco, de que nunca ouviu falar, o Madesant, que com sete colaboradores e nenhuma agência no País e no estrangeiro, teve 46,4 milhões de contos não tributáveis!»

«Dias depois tivemos a notícia de que a banca mais uma vez pagou a menos dezenas de milhões de contos ao fisco do que devia pagar, sendo a taxa efectiva de

imposto do IRC de apenas 12,6%. É a evasão fiscal legalizada através dos off shores e da Zona Franca da Madeira...»

«O Governo diz-se preocupado com a evasão fiscal mas parece que só olha para os pequenos empresários e pequenos contribuintes e não hesita em fazer vista grossa em relação à taxa efectiva do IRC aplicada ao capital financeiro e às grandes empresas.»

«Mas também aqui daríamos um doce se víssemos o PSD ou o PP criticar a taxa efectiva que a Banca paga de IRC», ironizou depois o dirigente comunista,

antes de classificar esta situação de «chocante e inaceitável». Em sua opinião, «traduz bem o que significa para este Governo "governar com consciência social". Moderação salarial, flexibilidade, desregulamentação para uns, benefícios fiscais e negociatas à custa do património público para outros...»

E a concluir, o Secretário-Geral do PCP afirmou: «O Governo pode fechar os olhos ao escândalo que é o nível de impostos pagos pela banca, pode atrasar, congelar ou mesmo recuar na reforma fiscal, pode querer continuar a passar os custos da sua políti-

ca para os trabalhadores e pequenos empresários, pode querer minimizar a absorção pela inflação dos aumentos dos assalariados e o peso que as despesas escolares vão representar agora em Setembro no orçamento de milhares e milhares de famílias.

«O Governo pode continuar a afirmar que os "compromissos europeus de Portugal têm de ser cumpridos" como diz em entrevista o ministro das Finanças, no estilo de aluno obediente, submisso e bem comportado, em vez de juntar a voz à França, Itália e outros países no sentido de se rever o Pacto de Estabilidade.

«O Governo pode ter todas estas atitudes e continuar também a pautar a sua intervenção pelas promessas, a propaganda e as engenharias contabilísticas orçamentais, mas esta política é extremamente negativa para o povo e para o País.

O descrédito do Governo não é uma invenção da comunicação social, tem as suas razões na política de concentração da riqueza, nas promessas não cumpridas, na política de compadrio, no prosseguimento em relação a muitas das questões essenciais de uma política que foi a praticada pelo PSD.»

▼ CAMARADAS FALECIDOS

António Malhão

Após doença prolongada, faleceu, com 80 anos, o camarada António Manuel Malhão. Membro do PCP desde 1946, foi um militante que deu muito ao seu Partido. Integrou o Comité Sub-Regional na década de 40, na região de Montemor-o-Novo. Funcionário do Partido na clandestinidade. no distrito de Évora, foi preso pela PIDE em 1949.

Depois da Revolução do 25 de Abril foi funcionário do Partido até à reforma. Fez parte da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Montemor-o-Velho, após o derrube do fascismo.

António Baptista

Faleceu no dia 8 de Agosto, com 70 anos, o camarada António Oliveira Baptista. Membro do Partido desde 1974, trabalhou nas oficinas da CP no Cais do Sodré. Natural de S. Julião da Barra, Oeiras, estava organizado na freguesia de Porto Salvo.

Constantino Santos

Com 66 anos, faleceu no dia 17 de Agosto o camarada Constantino Pedro dos Santos. Reformado da CP, onde exerceu as funções de maquinista, o militante comunista estava organizado em Barcarena, freguesia a cuja executivo pertenceu após o 25 de Abril. Era membro do Partido desde 1975.



Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

Mais um enorme escândalo

PS usa dinheiros públicos para fins partidários

«Inaceitável e vergonhosa», assim classifica a Direcção Regional do Alentejo (DRA) a utilização pelo PS de dinheiros públicos para fins estritamente partidários. Em causa estão «100 mil contos de todos nós para a campanha de promoção do candidato do PS à Câmara Municipal de Évora», segundo os comunistas alentejanos, para quem este é «mais um enorme escândalo».

A denúncia, em comunicado, foi feita a propósito da instrumentalização que está a ser feita pelo PS ao «Por Alentejo» (PORA), designação dada ao Programa de Desenvolvimento Regional do Alentejo.

Acontece que o gestor deste programa e simultaneamente Presidente da CCRALT é o cabeça de lista do PS à Câmara Municipal de Évora, tendo os primeiros «outdoors» da sua propaganda eleitoral surgido exactamente na mesma altura em que foi lançada a divulgação do programa «Por Alentejo».

Destituído de qualquer sentido é o facto de esta divulgação do programa, feita no passado dia 7, nas instalações da CCRALT, com a presença da ministra do Planeamento, ter ocorrido precisamente agora, de forma considerada absolutamente extemporânea, uma vez que já passou cerca de ano e meio sobre a data de aprovação do programa e mais de um ano sobre o início da apresentação de candidaturas e das pri-

meiras aprovações, e quando já todos os agentes e entidades regionais potenciais beneficiários conhecem a sua existência e os elementos fundamentais da sua estrutura.

Resulta assim, no entender dos comunistas de Évora, que a escolha deste «timing» só foi possível porque o Governo e o PS, aproximando-se as eleições autárquicas, quiseram lançar «uma campanha de 'charme' na região visando tirar vantagens eleitorais».

No que se refere em particular a Évora, sendo o protagonista da campanha a lançar o seu cabeça de lista à Câmara, o PS pretende assim não a divulgação do programa, porque essa já não faz sentido, mas sim a divulgação e promoção do seu candidato.

Uma atitude que suscitou o mais veemente protesto da Direcção Regional do Alentejo do PCP, para quem mais este exemplo constitui não apenas a demonstração da «incompatibilidade entre o desempenho do cargo de presidente da CCRALT e Gestor do PORA com a qualidade de candidato autárquico», como, por outro lado, «a falta de escrúpulos do PS no uso e abuso dos dinheiros públicos com objectivos eleitorais e partidários». Daí também a sua exigência de «imediate substituição do presidente da CCRALT, bem como do director da Direcção Regional do Ambiente, candidato à Câmara de Mértola».

PS de Loures «esqueceu» metro e saúde

Privilégio aos interesses partidários

A CDU acusou o Partido Socialista de ter «metido na gaveta» a resolução de importantes reivindicações da população do concelho de Loures, consideradas pelos socialistas como «muito importantes» durante as campanhas eleitorais.

A Coordenadora Concelhia de Loures da Coligação Democrática Unitária, em nota enviada à imprensa considera que os eleitos do Partido Socialista optaram, no concelho, por privilegiar «os interesses partidários em detrimento dos interes-

Os eleitos do PS nada fizeram para denunciar a política do Governo

ses da população para não porem em causa o Governo». A acusação deve-se ao «esquecimento» por parte dos socialistas de duas causas que abraçaram durante sucessivas campanhas eleitorais: a saúde e o metropolitana.

Em relação à saúde, a CDU afirma que o PS não «tomou qualquer iniciativa política ou institucional no sentido da denúncia do incumprimento do Governo quanto à constru-

ção dos centros de saúde de Santo António dos Cavaleiros e de São João da Talha, assim

como quanto ao prolongado silêncio que se instalou em relação ao Hospital de Loures».

Para a estrutura concelhia da coligação, a «situação mais evidente

quanto a esta omissão foi expressa em plena Assembleia Municipal, em que o PS fez todos os esforços, não no sentido da avaliação e da denúncia das responsabilidades do Governo pelo estado de abandono a que remeteu as populações do concelho de Loures, mas da dúvida quanto à pertinência da constituição de um grupo de trabalho na Assembleia Municipal para avaliar a situação da saúde no concelho». A CDU



A extensão da rede do Metro é uma velha luta da população de Loures que o Governo e o PS se ocuparam de inviabilizar

afirma ter ficado patente nesta reunião a incapacidade do candidato do PS à presidência da Câmara para a função, pois fez uma intervenção em que ficou claro o total «desconhecimento da situação a que os municípios estão sujeitos, apesar dos seus eleitos reconhecerem o evidente, que é a responsabilidade do

Governo nas grandes deficiências do sistema de saúde do concelho».

Amnésia a metro

A contrastar com a atitude seguidista dos eleitos socialistas, os autarcas da CDU mantiveram estes assuntos bem presentes, «quer em ini-

ciativas públicas quer em nos contactos institucionais com os diferentes ministros com responsabilidades nestas matérias».

Por outro lado, a persistência das populações e das autarquias locais fez com que o mais alto responsável do Ministério da Saúde quebras-se o silêncio de mais de um

ano e apresentasse hipóteses de trabalho à Câmara Municipal de Loures no sentido de iniciar as obras do Hospital de Loures e do Centro de Saúde de Santo António dos Cavaleiros.

Quanto ao Metro, «e enquanto a CDU desenvolve um conjunto de acções, das quais destacamos a iniciativa «CDU - Todos pelo Metro» - que já se consubstanciou na recolha de mais de seis mil assinaturas, tendentes à sensibilização da opinião pública e pedido de responsabilidades ao Governo, responsável pela situação de incumprimento de compromissos publicamente assumidos -, o PS teve como que uma amnésia colectiva». Para a campanha para as próximas eleições a coligação está à espera que os eleitos e responsáveis deste partido no concelho «voltem a colocar de novo nos seus programas esta preocupação, na esperança que os municípios se tenham esquecido da cobertura que entretanto deram ao Governo».

Odivelas

Governo insensível aos estragos

«A ex-JAE e o Ministério foram insensíveis aos estragos provocados nas viaturas de quem reside, trabalha e visita o concelho de Odivelas, particularmente as freguesias de Caneças, Ramada e Odivelas, e ao mal-estar físico e psíquico que esta situação provoca», afirmou a CDU local que exige uma intervenção de fundo na Estrada Nacional 250.

As autarquias e as populações alertaram os serviços competentes e desenvolveram diversas formas de protesto, «culminando nos últimos anos com os buzinhos, que tiveram a adesão massiva dos automobilistas e cobertura da comunicação social, levando a que o ex-ministro Jorge Coelho, em Julho de 2000, viesse a Odivelas, numa acção propagandista, assinar protocolos e prometer as obras tão desejadas».

Em Janeiro e Junho de 2001, nada tendo sido feito, a CDU levou a cabo novas acções de denúncia e exigência do início das obras, que provocaram a pavimentação, incompleta, da estrada, no mês de Julho.

«Escandalosamente, a obra que o presidente da Comissão Instaladora e candidato do PS anunciou que se iria iniciar na segunda quinzena de Julho ainda não começou», lembra a CDU que anunciou, no passado dia 17 de Agosto, que enviará, até ao início das obras, um fax ao ministro do Equipamento exigindo o início das obras de recuperação da EN 250.

Tendo este protesto começado no dia 17, aquando do anúncio da iniciativa, continuava à hora do fecho da edição, visto ainda não se terem iniciado as obras.

Moita

Candidatos apresentados

O primeiro ciclo de apresentações públicas dos candidatos da CDU aos órgãos autárquicos do concelho da Moita terminou na passada sexta-feira, dia 24 de Agosto, com a apresentação pública da candidata à freguesia do Gaio-Rosário, Cristina Campante. A CDU, em idênticos actos públicos desde 26 de Maio, apresentou os candidatos à Câmara e Assembleia - João de Almeida e Joaquim Gonçalves -, bem como os cabeças de lista às freguesias da Moita, Baixa da Banheira, Sarilhos Pequenos, Alhos Vedros e Vale da Amoreira, res-

pectivamente, António Domingos, Fernando Carrasco, Manuel Rodrigues, Fernanda Gaspar e Jorge Silva.

Em conferência de imprensa, foi recentemente divulgada a lista da Câmara Municipal, seguindo-se a João de Almeida, e até ao quinto lugar, os actuais vereadores João Lobo e Rui Garcia, e, pela primeira vez, Carlos Picanço dos Santos, economista, e Miguel Canudo, dirigente da Pluricoop e eleito na Assembleia de Freguesia da Baixa da Banheira.

Monchique

Câmara destrói património

A CDU acusou o executivo da Câmara Municipal de Monchique de «desleixo e aversão a tudo o que tenha a ver com cultura». O motivo da acusação é simples: por ocasião das obras efectuadas no edifício dos paços do concelho, «foram deitados nos contentores de lixo centenas de livros provenientes das bibliotecas pessoais dos falecidos srs. Magalhães e Guerreiro Gascon, que tinham sido oferecidos

para, mais tarde, integrarem a futura biblioteca municipal, obras valiosas e muito antigas». Datando alguns de 1700 e 1800, estes documentos «tinham sido preservados estes anos todos à espera de serem postos à disposição dos seus legítimos proprietários», os municípios, num claro gesto de desrespeito por quem ofereceu as obras, bem como por aqueles a quem se destinavam.

Matosinhos

Bairro sem condições

Honório Novo, candidato da CDU à presidência da Câmara Municipal de Matosinhos, visitou no passado sábado, dia 25 de Agosto, o Bairro Social da Estação, em São Mamede de Infesta, onde contactou moradores e visitou algumas das habitações. No final da visita, o candidato, que se encontrava acompanhado por outros candidatos e responsáveis da coligação no concelho - nomeadamente Serafim Brás, responsável do PCP, Valdemar Madureira, candidato à Assembleia Municipal, e António Miranda, candidato à Junta de Freguesia de São Mamede de Infesta -, notou que as habitações revelavam evidentes

signais de deterioração causadas por infiltrações de água. Honório Novo lançou em seguida um repto ao executivo municipal no sentido de serem apuradas as responsabilidades pela falta de qualidade que se verifica na construção de habitação social no concelho, pois este não é um caso isolado, verificando-se problemas igualmente graves noutros bairros do concelho, como o Bairro do Chouso, em Santa Cruz do Bispo, no Bairro da Guarda, em Perafita, no Bairro do Seixo, também na freguesia de São Mamede de Infesta, e nos bairros da Biquinha e de Sendim, nas freguesias de Matosinhos e de Guifões.

O candidato da CDU à autarquia de Matosinhos assumiu o compromisso de, caso os actuais órgãos municipais não tomem medidas, apresentar como a sua primeira proposta no futuro executivo a sair das eleições de Dezembro, a realização de um inquérito ao processo de construção de habitação social no concelho de Matosinhos, no sentido de apurar responsabilidades.

A CDU exige ainda que a Câmara Municipal trate de forma digna os moradores dos bairros sociais, que, sendo provenientes de ilhas e habitações degradadas, têm o direito de serem respeitados e tratados como cidadãos que são.

Santarém

Unir para servir

A Comissão Coordenadora da CDU, em nota de imprensa da passada segunda-feira, dia 27, denunciou a «feira de vaidades e as lutas pelos protagonismos, como se os problemas dos concelhos se resumissem a simples nomes» e lembrou que o «concelho não existe para servir pessoas, seres providenciais», mas que «são as pessoas, em especial as que se disponibilizam para assumir a gestão do colectivo, que devem e têm a obrigação de servir o concelho, com simplicidade, ética, transparência, responsabilidade».

«É essa a posição de honra da candidatura da

CDU, que, uma vez mais, queremos destacar pela positiva», assinala a coligação, destacando o contributo dado pela candidatura encabeçada por Vicente Batalha para a «discussão leal e lúcida dos graves problemas do concelho de Santarém», o que constitui uma diferença essencial, de que a CDU se reclama.

Para o futuro, a coligação em que participa o PCP promete que «vai continuar o seu trabalho, que se tem destacado e tem marcado responsabilmente esta campanha», afirmando que se manterá na mesma linha de sempre: «ouvir, dialogar, aprender, congregar contri-

butos, variados e diversificados, dos vários quadrantes políticos». O compromisso continua com a afirmação de que a «candidatura da CDU está para unir, somar, servir, não para dividir, diminuir ou servir-se; para clarificar e dignificar, não confundir, nem dividir para reinar».

Como fim da sua candidatura, a CDU garante que esta visa apenas «os interesses do concelho de Santarém e da sua população, para a harmonia entre cidade e as freguesias rurais, para a melhoria da qualidade de vida de todos os municípios, sem excepção».

Nem Hospital nem SAP nem transportes

Nove horas de uma manhã de Agosto.

Em frente ao Posto Médico de S. Paio de Oleiros, mais de uma centena de pessoas aguarda, expectante, o início da função. Muitas e muitas outras se lhes juntariam, ao longo daquela manhã.

Estavam ali, de peito feito, para o que desse e viesse. Respondiam ao apelo da CDU. «Juntem-se e protestem! Mostrem a vossa indignação».

E se tinham motivos para protestar! E se tinham motivos para se indignar!

Roubaram-lhes o Hospital, pertença do seu património, da sua história, ali lhes tinham «aparado» os seus filhos, curado as suas dores, acompanhado a perda dos seus familiares.

Perderam-no, inexoravelmente, fugiu-lhes sem remédio.

Mas criaram-lhes ilusões (sempre nos apegamos a elas, para ir tocando a vida). O Hospital não fecharia (prometiam-lhes), só deixava de ter a importância de outros tempos. Mas o Hospital fechou.

Depois, em seu lugar, garantiram-lhes um Serviço de Atendimento Permanente e transportes para quem precisasse de se deslocar ao Hospital de S. Sebastião, para consultas, tratamentos, etc., etc.

Afinal, nem Hospital, nem Serviço de Atendimento Permanente, nem transportes. O que restou foi um Posto Médico a funcionar em casa emprestada, apenas com dois médicos para 4300 utentes.

Os Oleirenses foram acreditando nas promessas que lhes fizeram ministros, deputados, directores regionais de saúde, o próprio presidente da Câmara e chegaram mesmo a verificar alguns sinais positivos, como as obras interiores e exteriores no edifício onde outrora funcionou o Hospital. Mas nada mais.

Naquele dia 7 de Agosto, a CDU organizou um protesto a que os Oleirenses aderiram com entusiasmo, manifestando, a quem quis ouvir, as razões do seu descontentamento. Empunharam cartazes, assinaram o Livro de Reclamações do Posto Médico, elegeram uma Comissão de Utentes e decidiram não mais baixar a voz até que seja solucionado o problema.

As mulheres marcaram uma presença massiva e entusiasta. Algumas mostravam e falavam dos males dos seus, mais do que dos próprios, ou não sejam elas as zeladoras atentas e carinhosas dos filhos, dos maridos, dos pais, dos sogros e mais daqueles outros, parentes ou não, que lhes caem em cima, e a quem socorrem naquele imenso abraço maternal, tão autenticamente feminino.

«Isto não há direito!»

Falavam, desinibidamente, enfrentavam microfones e câmaras de televisão, como se toda a sua vida não tivessem feito outra coisa senão dar entrevistas e falar em público.

«Não se pode viver assim. Consultas com meses de atraso! Depois, as más caras, os maus modos! A gente está farta!»
E contavam as suas vidas.

«Olhe, eu sofro muito dos ossos. O médico mandou-me pr'á 'Vila', fazer tratamento de fisioterapia no Hospital. Saía daqui na carreira da 1.00 hora pr'a Lamas, porque não há carro directo para a 'Vila', à 1.45 apanhava a carreira de Lamas, chegava ao Hospital às 2.30. Era atendida às 4.00 da tarde. Terminava o tratamento às 5.20. Esperava até às 6.15 horas, pelo autocarro para Lamas e, depois, apanhava um táxi, porque já não tinha outra forma de chegar a casa.»

Outra meteu-se na conversa.

«E eu, que durante 70 dias seguidos fui para o Hospital pr'á Feira fazer tratamentos e fui sempre de comboio, no Vouguinha! Saía na Estação do Cavaco e lá ia e vinha a pé, uns três quilómetros ou mais, chovesse ou fizesse sol (e o que choveu este ano!) Doente, quase não podia comigo. No fim do tratamento, parece que estava pior do que quando comecei! Mas quem pode dar três contos, e mais, por um carro de praça para nos levar e trazer ao Hospital? Isto não há direito.»

De facto não há direito que o direito à saúde, consagrado na Constituição da República Portuguesa, seja tão violentamente desrespeitado por um Governo que enche a boca com direitos sociais, mas mostra, na prática, que não está vocacionado para os respeitar e fazer cumprir.

Assim como não há direito que a Autarquia mostre tanta falta de sensibilidade para estes problemas e não seja capaz de se empenhar em, pelo menos, facilitar o acesso dos Oleirenses ao Hospital de S. Sebastião.

A tal centralidade, de que tanto se fala, não se compadece com situações como estas. Não há centralidade sem acessibilidades, não há acessibilidade sem uma rede de transportes públicos que ligue expeditamente a sede do Concelho com as suas 31 freguesias.

Centralidade tem de pressupor melhor qualidade de vida para os cidadãos em geral, senão não vale a pena.

Passa a ser mais uma palavra sem sentido, mais um slogan enganador.

Manuela Antunes Silva

Multiplicam-se os alertas
contra *ranking* das escolas

As assimetrias e o rosto das escolas

A divulgação dos dados respeitantes aos resultados da primeira fase dos exames nacionais do 12.º ano, do ano lectivo 2000/2001, tem vindo a ser alvo de várias apreciações e críticas.

A divulgação de dados sobre as escolas de ensino secundários de todo o País motivou balanços, críticas, e diferentes tomadas de posição. Em causa está a possibilidade de ser feito um *ranking* das escolas secundárias. Mas também outras questões como formas de avaliação do ensino, a consideração de factores e diferenças que os dados agora conhecidos não consideram, os problemas que, entretanto, estes mesmos dados testemunham. Os dados divulgados revelam que as melhores notas estão nos distritos do Porto, Lisboa e Coimbra e as piores em Portalegre, Bragança e Braga, atestando assim de uma profunda assimetria entre litoral e interior.

Numa primeira apreciação, a Federação Nacional dos Professores (FENPROF), assume uma leitura crítica da divulgação destes dados. Paulo Sucena, secretário-geral da Federação, teme que a feitura de um *ranking* não contribua para a melhoria da qualidade de ensino, mas antes para acentuar clivagens entre escolas. Embora defen-

da uma avaliação do sistema educativo para que possam ser tomadas medidas para a melhoria da qualidade de ensino, a FENPROF contesta uma qualificação das escolas tendo em conta apenas alguns parâmetros. Paulo Sucena destacou alguns factores importantes para a avaliação do desempenho das escolas que não estão contidos nos dados divulgados, nomeadamente o projecto educativo e a

**As escolas
«tendem
a concentrar
o seu trabalho
na instrução
em detrimento
da educação/
/formação»**

forma como a escola se relaciona com a comunidade. «Tudo isto faz o rosto da escola», sublinhou.

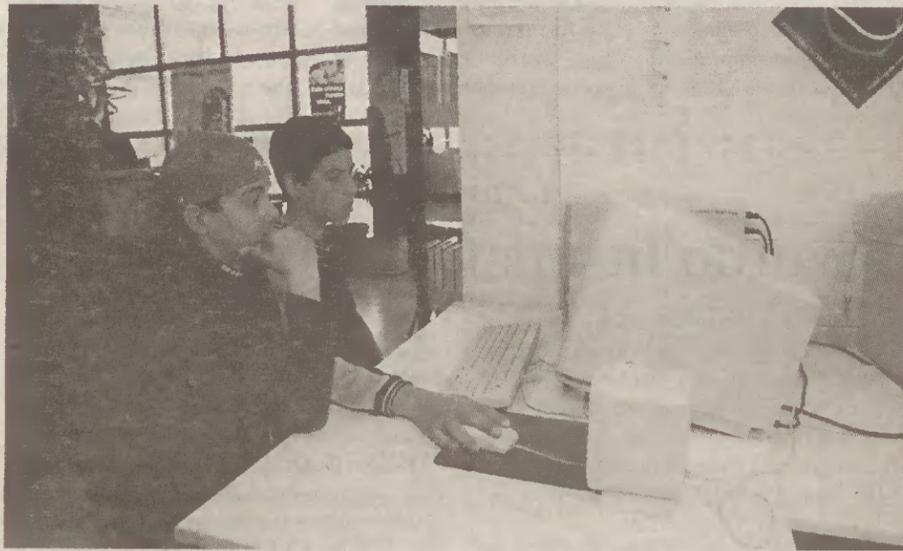
A FENPROF lembra países em que esta prática foi abandonada, como é o caso da Irlanda e País de Gales, face aos frágéis resultados obtidos e ao «clima pouco saudável de concorrência entre escolas». E mostra apreensão quanto aos caminhos que o ensino poderá tomar em Portugal, enquanto as escolas «tendem a concentrar o seu trabalho na instrução em detrimento da educação/formação».

A Confederação Nacional de Associações de Pais discorda também da divulgação de um *ranking* das escolas. A Confederação de Pais defende avaliações permanentes e sublinha que uma reflexão na sequência destes dados não

tem em conta um conjunto de elementos, entre os quais as condições de crescimento dos alunos. Em causa estão factores como o isolamento e falta de condições das escolas, a grande mobilidade do corpo docente, assim como outros fenómenos sociais.

O Sindicato dos Professores da Região Centro reagiu sublinhando que os resultados numéricos ocultam vários aspectos importantes, nomeadamente «a capacidade de cada escola para o desenvolvimento de iniciativas que vão ao encontro das necessidades educativas dos seus alunos». E desafia o Governo a combater «as assimetrias» de forma a dinamizar o ensino em Portugal.

Um desafio que faz todo o sentido.



São muitos os factores que determinam a qualidade do ensino

Produtores de gado exigem a reabertura das feiras

Comerciantes e produtores de gado de Monte Redondo, concelho de Leiria, manifestaram-se, esta manhã, no Largo da Feira, exigindo a abertura das feiras de gado, encerradas na sequência do surto de febre aftosa registado na Grã-Bretanha.

Os manifestantes sublinham não haver casos de febre aftosa na região e que o encerramento das feiras prejudica os produtores e a produção nacional de gado e

só serve as importações de carne.

Esta é a segunda manifestação promovida pelos produtores de gado do distrito de Leiria neste mês de Agosto. No passado dia 20, numa iniciativa que contou com o apoio da CNA, mais de 300 manifestantes reclamaram em Mamede, concelho da Batalha, a reabertura das feiras.

A Associação Nacional de Comerciantes e Produtores de Gado não contesta a

necessidade de as entidades gestoras das feiras fazerem algumas obras. Mas reclama um período de seis meses para a sua concretização e que correspondam apenas às exigências mínimas, para que não se venham a tornar excessivamente caras para as possibilidades dos produtores. E lembra que, mesmo no período mais difícil da BSE (doença das «vacas loucas»), as feiras se mantiveram abertas.

Os manifestantes lamentam

ainda a falta de disponibilidade para o diálogo por parte das entidades oficiais a quem foi apresentada a proposta de uma moratória de seis meses para a remodelação dos recintos das feiras.

A única resposta – negativa – veio da Divisão de Intervenção Veterinária da DRABL.

«Vamos mostrar que existimos», afirmam os produtores de gado, que prosseguem entretanto a sua luta pela reabertura das feiras.

Interior flagelado pelos incêndios

Os incêndios já destruíram este ano 31 767 hectares de floresta e de mato nos 18 distritos do Continente, sendo os distritos do interior os mais flagelados, sobretudo o de Castelo Branco.

Segundo o relatório provisório da Direcção-Geral das Florestas, o distrito até agora mais castigado pelas chamas foi o de Castelo

Branco com 5134 hectares de área ardida, seguindo-se Bragança (3417), Vila Real (2752), Guarda (2378) e o Porto (2353 hectares).

Até 19 de Agosto foram registados 2907 incêndios florestais em Portugal, e só em Junho arderam 8129 hectares (673 fogos), seguindo-se a semana de 6 a 12 de Agosto com 535 fogos e

6593 hectares de área ardida, e a primeira semana de Julho com 277 comunicações de fogo e 3711 hectares ardidos, estes dois últimos períodos devido às condições meteorológicas que se fizeram sentir, com calor intenso. Nos primeiros oito meses do ano registaram-se incêndios em Portugal, e mesmo no frio e chuvoso

Janeiro houve um fogo florestal, em que arderam três hectares.

Na estatística dos grandes incêndios, em que a área ardida é igual ou superior a cem hectares, houve já este ano 50 sinistros em Portugal, o que corresponde a 18 038 hectares (56,8 por cento do total de área ardida).

Avante! Festa!

FESTADO Avante! 2001 7, 8, 9 SETEMBRO • ATALAIA • AMORA • SEIXAL

Só faltam 8 dias para a Festa abrir

O tempo começa a esgotar-se e ainda há muito por fazer na Atalaia. Como sempre, êxito desta edição depende do trabalho voluntário de muitas centenas, mesmo milhares de camaradas e amigos da Festa que não só participam de forma decisiva na sua construção como asseguram dia e noite a infinidade de tarefas associadas ao funcionamento das diferentes estruturas e sectores.

Antes, porém, é preciso que tudo fique pronto para acolher a multidão que, às 18.30 horas de sexta-feira da próxima semana, começará a encher as ruas, avenidas e pavilhões da Festa. Acabar as pinturas, fazer as limpezas, arrumar os espaços. Muito trabalho para os poucos dias que restam. Um esforço final para que esta Festa seja a mais bela de todas. Neste fim-de-semana, participa nas jornadas de trabalho.

Ajuda a fazer a Festa!





Organizações regionais

As lutas, artes e cultura de um país

Percorrer os pavilhões das organizações regionais do PCP é uma forma de visitar o País, conhece-lhe os usos e costumes, os problemas e lutas das populações pelo desenvolvimento harmonioso e equilibrado do todo nacional. É também sempre uma viagem renovada à descoberta ou redescoberta das tradições, do artesanato e sabores para a qual aqui deixamos um sumário-guia.

comemora os 80 anos do PCP e lembra as lutas sociais no Algarve entre os anos de 1926 e 1974. As lutas dos trabalhadores algarvios, e do movimento sindical unitário, serão temas tratados no segundo painel. Uma terceira parte dará a conhecer os candidatos da CDU na região, bem como os objectivos traçados pela coligação.

Aveiro

Aveiro como terras e gentes de luta e de

exposição conta com três elementos fundamentais: um painel dedicado à obra notável realizada pelo poder local democrático no Alentejo onde os comunistas e outros democratas da CDU são maioria em 27 das 47 câmaras da região e onde detêm importantes posições nas restantes; um pavilhão onde merece particular destaque Alqueva e as propostas do PCP para assegurar o seu cabal aproveitamento e um elemento central dedicado ao Partido. Os cantos corais, característicos deste povo trabalhador, serão presença constante.

Braga

O distrito de Braga estará presente na 25.ª edição da Festa do «Avante!» com os seus produtos tradicionais, da gastronomia ao artesanato. No artesanato – para além de peças tradicionais dos diferentes concelhos – têm particular realce os trabalhos dos artesãos Júlia Ramalho, Mistério, Ana e Rosalina Baraça, Arlindo Fagundes e Júlia Côtá.

Bragança

Um espaço verdadeiramente transmontano é o que propõem os comunistas de Bragança. Dedicado aos pombais tradicionais do nordeste, Bragança traz à Festa o melhor da sua gastronomia e artesanato. O teatro, com o grupo «Teatro em Movimento» e a música, com a presença dos gaiteiros constituem outros motivos de interesse.

Castelo Branco e Guarda

Guarda e Castelo Branco surgem novamente num espaço conjunto, composto por diversos stands. Aqui pode ser vista uma exposição política, dedicada às eleições autárquicas e à intervenção do Partido nesta região interior. O visitante encontra ainda uma garrafeira com os melhores vinhos de todas as adegas cooperativas da região e um taneiro a laborar ao vivo. No domingo, pelas 11 horas, realiza-se um convívio de naturais da região, residentes em Lisboa ou Setúbal.

Coimbra

Situada, este ano, à entrada da Medideira, Coimbra mantém o mesmo espírito de camaradagem dos anos anteriores, que faz com que muitos a procurem para retemperar forças. Tendo

como motivo, os moinhos de vento de Penacova – sinais de ancestral presença humana –, esta organização leva à Festa alguns testemunhos da realidade do distrito, sob a forma de vídeo, reflectindo a luta dos trabalhadores da Estaco e das populações – os buzinhos na IP 3 e em Montemor-o-Novo.

Leiria

Um Stand do Vidro, com venda de vidro de qualidade, e um Forno de Pão, de onde sai um saboroso pão com chouriço, serão alguns dos motivos de interesse deste pavilhão. Para comer e beber, Leiria oferece, entre especialidades, sopa de legumes, caldo verde, pastéis de bacalhau, polvo, orelhas de porco e a famosa sopa de peixe. A exposição política mostrará aos visitantes a luta dos trabalhadores e o desenvolvimento da actividade do Partido do distrito.

Lisboa

Sobre o azul céu, o branco da paz e o vermelho comunista, Lisboa marca uma forte presença política com duas exposições: uma sobre o Partido e a sua acção e a luta da classe operária e dos trabalhadores por melhores salários e condições de vida e em defesa dos direitos e uma outra sobre o trabalho e realizações dos comunistas e seus aliados no Poder Local. A já tradicional Feira da Ladra e o Café Concerto são outros locais de passagem obrigatória.

Madeira

O pavilhão da Madeira mostra o trabalho desenvolvido pelo Partido e pela CDU na região, dando saliência à luta pelo acesso gratuito aos quatro canais portugueses de televisão. As realidades do arquipélago, as suas tradições e o rico artesanato e gastronomia são outros atractivos.

Porto

Com a decoração a remeter para o Porto 2001 e para as questões da cultura, neste pavilhão destaca-se uma exposição política sobre a vida do Partido, as suas lutas no distrito, os seus



80 anos, o septuagésimo aniversário do «Avante!» e as eleições autárquicas, em formato multimédia. Os 80 anos do Partido, o seu XVI Congresso e a V Assembleia Regional do Porto, e as propostas da CDU para o distrito, não esquecendo a apresentação dos candidatos, estarão bem visíveis na exposição, em que se recorda ainda a resistência à ditadura fascista, lembrando a vida e o papel dos camaradas Virgínia Moura, Lobão Vital, Ângelo Veloso e Armando Castro.

Santarém

Santarém, com nova localização frente ao Palco 25 de Abril, aposta numa decoração alusiva aos 80 anos do Partido e às lutas sociais no distrito, desde a luta dos operários agrícolas de Almeirim, à defesa do ambiente, em Coruche. Relembrando lutas antigas – como a conquista da primeira convenção colectiva pelos agricultores do Couço ou a grande jornada em apoio à Reforma Agrária – e recentes, o pavilhão de Santarém dará a conhecer, também, os candidatos da CDU às suas autarquias.

Setúbal

Para assinalar os 80 anos de vida e de luta do PCP, estará patente uma exposição com um espaço dedicado ao

«Avante!» e um outro sobre os 48 anos de resistência ao fascismo e de luta clandestina, que inclui uma mostra de com objectos fabricados pelos presos políticos na prisão e vários documentos clandestinos. «80 anos com os trabalhadores em defesa dos direitos sociais» é outra exposição que incide sobre a intervenção política do PCP na defesa dos direitos dos trabalhadores e que inclui diversos objectos oferecidos por trabalhadores ao PCP. «O Poder Local Democrático», conquista da revolução de Abril, realça a forte presença da CDU nas autarquias da região.

Viana do Castelo

Viana do Castelo dispõe de um pavilhão com 550 m², onde funcionarão três áreas distintas: um stand de artesanato, uma venda de produtos e doces regionais e uma adegas. Os lenços garridos, os bordados e as rendas de Viana, a par das socas e chancas de Paredes de Coura e das rocas e fusos de Arcos de Valdevez marcarão presença no artesanato. A banca oferece uma colecção de postais de Vilar de Mouros e uma edição de seis «Avante!» clandestinos, que relatam lutas travadas no Alto-Minho antes do 25 de Abril, bem como uma estatueta, editada pela Organização



Regional de Viana do Castelo, comemorativa dos 25 anos do 25 de Abril.

Visu

As eleições autárquicas são o grandes tema políticos da exposição, que mostrará também as principais lutas travadas no distrito no último ano, por melhores condições de vida e de trabalho. Assim, neste espaço, o visitante poderá encontrar-se com os candidatos da CDU às eleições de Dezembro, para convívio e troca de opiniões. Refira-se por último que os comunistas de Visu têm à venda um Dão particular especialmente engarrafado para a 25.ª Festa do «Avante!».

Vila Real

A gastronomia é um dos grandes trunfos do espaço que os comunistas de Vila Real têm na Festa. Na ementa de fazer crescer água na boca, estão especialidades como o javali, os canelos, o caldo de cebola e o vinho da região. As cristas de galo, os cavacórios, o moscatel completam a lista deste espaço onde será ainda possível conhecer os costumes desta bela região do Norte do País.



Açores

O arquipélago açoriano é uma das zonas mais pobres do País e da Europa. Para além dos retratos desta realidade e das propostas para a ultrapassar, trazidas à Atalaia pelos comunistas açorianos, poder-se-á encontrar as já sobejamente conhecidas sopas do Espírito Santo, morelas com ananás, polvo guisado ou queijo de S. Jorge. Os vinhos e as aguardentes, ou os bordados, cestinhos de verga e peças de osso de baleia estarão, mais uma vez, à disposição dos visitantes.

Algarve

A exposição política desta organização, dividida em três painéis, destaca as lutas sociais na região, a iniciativa e actividade do Partido e as próximas eleições autárquicas. O primeiro painel

Beja, Évora, Portalegre e Litoral Alentejano

Optando por uma solução de exposição espalhada por diferentes pontos de atracção distribuídos por toda a área ocupada pelas quatro organizações, a

Horários, percursos recomendados e parqueamentos

Ir e regressar da Festa

Deixar o carro em casa e utilizar a variada rede de transportes públicos é uma alternativa rápida e económica para ir e regressar da Festa «Avante!». Mas para os que mesmo assim preferem o automóvel, aqui ficam os percursos e os locais de estacionamento que a organização recomenda.

Transportes rodoviários

Cacilhas-Festa-Cacilhas

Bilhete de bordo: 350\$00; pré-comprado: 190\$00 (M4); 100\$00 (M2) Passe L 123.

Sexta, Sábado e Domingo: carreiras n.º 112-113 (Medideira) e 149 (Quinta da Princesa) da TST, asseguram transportes de ligação entre Cacilhas e a Festa entre as 06.50 horas e as 00.30 horas. O regresso efectua-se até às 2 horas da madrugada.

Baixa de Banheira-Festa-Baixa da Banheira

Bilhete de bordo: 540\$00; pré-comprado: 355\$00 (M8); 190\$00 (M4) Carreiras TST.

Esta carreira efectua-se na sexta-feira, de hora/hora entre 18.00 às 21.00, sendo a última às 21.30 horas. No sábado e domingo: das 10.30 às 13.30 e das 15.00 às 18.00, de hora/hora; das 18 às 20 horas, 30/30 minutos, sendo a última às 21.00.

Em sentido inverso, os autocarros na sexta-feira são às 23.00 e às 24.00, circulando entre as 00.30 e as 2 horas de 30/30 minutos. No sábado, das 18 às 21, de hora/hora; das 22 às 2 horas, de 30/30 minutos. No domingo, das 18 às 21, de hora/hora. Das 22 às 24 horas, de 30/30 minutos.

Fluviais

Cacilhas/Cais do Sodré

(em articulação com o transporte rodoviário)

Bilhete máquina: 100\$00; bilhete: 110\$00; pré-comprado: 850\$00 (10 viagens); Passe L 123.

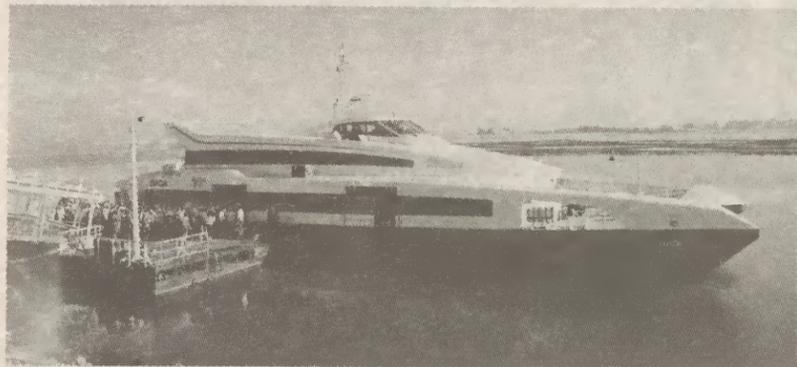
Diariamente as ligações efectuam-se até às 24 horas, de 20/20 minutos. Das 00.40 às 2 horas, de 40/40 minutos. O último barco parte às 05.20 horas. Seixal/Lisboa (com ligação rodoviária até à Festa)

Bilhete: 225\$00; pré-comprado: 1.800\$00 (10 viagens); Passe L 123. Sexta-feira: Até às 23, de hora/hora. Sábado e domingo, até às 21, de hora/hora.

Transportes para deficientes (carrinha)

Os visitantes com deficiência têm à disposição transportes especiais para a Festa, segundo os horários que abaixo se indicam, que podem ser tomados no terminal dos barcos pequenos em Cacilhas e no terminal fluvial do Seixal. No interior da Festa, o terminal é na Praça da Paz. Em Lisboa, na Praça de Londres.

Sexta-feira: 19 horas, Cacilhas-Festa e Lisboa-Festa; 20 horas, Seixal-Festa; 22 horas, Festa-Seixal; 23 horas, Festa-Lisboa; 24 horas Festa-Cacilhas. Sábado: 10 horas, Cacilhas-Festa; 10.30 horas, Lisboa-Festa; 11 horas, Seixal-Festa; 13 horas, Cacilhas-Festa; 15 horas, Seixal-Festa; 19.30 horas, Cacilhas-Festa; 20 horas, Seixal-Festa; 23.30 horas, Festa-Cacilhas e Festa-Lisboa.



Domingo: 10 horas, Cacilhas-Festa; 10.30 horas Lisboa-Festa; 11 horas, Seixal-Festa; 19 horas, Festa-Cacilhas; 23 horas, Festa-Cacilhas; 23.30 horas, Festa-Lisboa.

Transportes ferroviários

Bilhete normal: 390\$00; ida e volta: 780\$00; bilhete criança até aos 12 anos, reformados, pensionista, idosos com mais de 65 anos: 190\$00; ida e volta: 380\$00; pré-comprado: 3.100\$00 (10 viagens, 5 idas + 5 voltas).

Entre Campos-Foros da Amora Sexta-feira: Até às 20.50, transportes de 15/15 minutos. Até às 00.50, de 30/30 minutos. Até às 3.00, de hora/hora. Sábado: Até às 19.50, de 15/15 minutos. Até às 0.50, de 30/30 minutos. Domingo: Até às 3.00, de hora/hora. Até às 00.50, de 15/15 minutos. Até às 00.50, de 30/30 minutos.

Na sexta-feira e sábado, estão previstos comboios extraordinários com partida do Fogueteiro-Lisboa, à 1.50 e às 3.00 horas. No domingo, o último comboio entre o Fogueteiro e Lisboa parte às 0.35 horas.

Vaivém gratuito (Foros da Amora/Festa)

Aos visitantes da Festa que utilizem o comboio, serão assegurados bilhetes

de autocarro gratuitos entre a estação dos Foros de Amora e a Quinta da Atalaia, (paragem na Quinta do Bataiteiro) e Quinta da Atalaia-Foros de Amora. Os bilhetes servem nos dois sentidos durante os três dias da Festa, nos autocarros da Sulfertagus. Estes bilhetes serão distribuídos na estação de Foros da Amora e na Festa (saídas e postos de informação). Haverá autocarros que asseguram a ligação até ao último comboio (sexta e sábado às 3 horas e domingo às 0.35 horas).

Atenção automobilistas!

Se vem do sul ou nó do Fogueteiro, deixe o carro no parque Maria Pires a seguir à escola Paulo da Gama, após a Ponte da Fraternidade. E está a 300 metros da Festa.

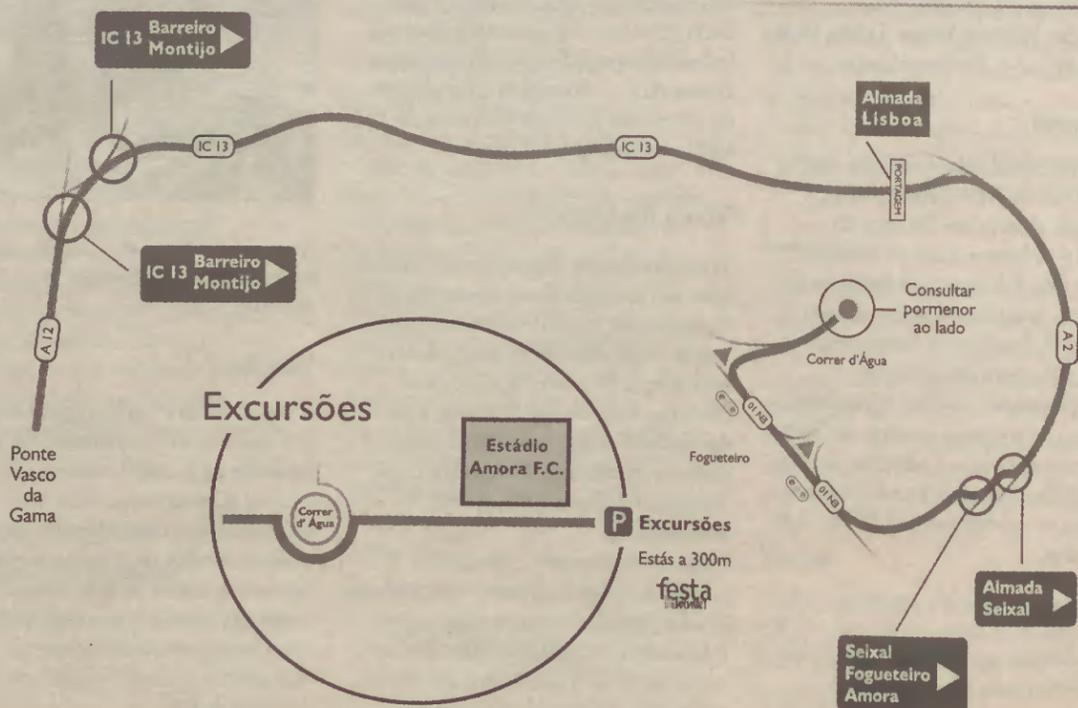
Se vem do norte tem agora duas alternativas: Ponte Vasco da Gama, apanhando a auto-estrada para Almada, com saída no Nó do Fogueteiro. Estacione no Parque acima referido.

Pela Ponte 25 de Abril e nesse caso, como alternativa à AE-Sul (com saída no Nó do Fogueteiro) e à EN-10, sugerimos que tome a variante à EN 10, em frente ao Pão de Açúcar de Almada e prossiga até Corroios. Estacione no Parque da Fertagus da Cruz de Pau (grátis), usando o vaivém da Sulfertagus (grátis).

Vindo pela Ponte 25 de Abril



Vindo pela Ponte Vasco da Gama



A Bienal de Artes Plásticas procurou sempre oferecer a um vasto público uma ampla panorâmica do trabalho artístico a nível nacional



«A Bienal da Festa nasce

como consequência natural das “portas que Abril abriu”, como local apelativo para uma exposição de arte e para um contacto imediato, linear, posto ali à mão de milhares de pessoas.»

12.^a Bienal da Festa do «Avante!»

A arte à mão de todos

Rogério Ribeiro recorda que no início da Bienal «houve hesitações, discutiu-se e ainda se discute qual o modelo mais conforme aos três dias de Festa». No entanto, afirma no texto que introdutório do catálogo deste ano, «uma linha de trabalho tem acompanhado e resolvido a adequação a cada nova edição. A primeira ainda inexperiente, no calor do entusiasmo e no desejo de dar dignidade ao espaço para acolher as obras, nasceu numa imensa e inesperada área e, malgrado a precariedade da instalação, abriu em grande festa a primeira galeria aberta no Portugal de Abril».

O artista plástico, um dos que ao longo dos anos tem acompanhado as mostras de arte na Festa, nota que a realização regular o certame de dois em dois anos

«ganhou raízes sendo hoje indispensável».

«Muitos foram os artistas que se convidaram, oportunidade também para se prestarem homenagens, revelando conjuntos alargados da obra de alguns autores, certames com com participações estrangeiras e de grande qualidade internacional, participação regular dos que desejam estar presentes e apresentarem assim o seu trabalho.» Uma exposição de três dias, segundo Rogério Ribeiro, é «uma característica assumida, tal como todo o potencial expositivo nas mais diversas áreas. É esta a Festa do “Avante!”, reunião de três dias de intensa plenitude, uma visão globalizante dos mais diversificados campos da actividade cultural, técnica e política». Para Rogério Ribeiro a Bienal de Artes Plásticas é «uma festa convívio, galeria de arte, que resistiu ao tempo, oferecendo uma ampla panorâmica do trabalho artístico a nível nacional, um certame inequivocamente dos mais abertos e com um público que renovadamente se sente solicitado ao diálogo, ao conhecimento, ao aprofundamento duma linguagem que lhe é necessária».

A maior de sempre

À edição deste ano concorreram 215 artistas, 80 dos quais foram seleccionados pela organização para apresentar 118 trabalhos. A estes juntam-se outros 50 artistas convidados que participam com 73 obras.

Ao todo, na 12.^a Bienal irão estar presentes 124 artistas nas disciplinas de pintura, escultura, vídeo-arte, gravura, etc., com um total de 191 obras. É a maior de sempre! Como grande novidade, a Bienal apresenta um aspecto e organização renovados, de modo a exposição das obras com mais espaço, criando assim também melhores condições para os visitantes.

«A arquitectura das Festas»

Neste espaço, inclui-se ainda uma exposição de projectos de arquitecturas efémeras e de intervenções plásticas elaborados para a Festa ao longo das suas 25 edições. Podem aqui ser vistos: esboços, maquetes e fotografias que documentam um imenso, complexo e criativo

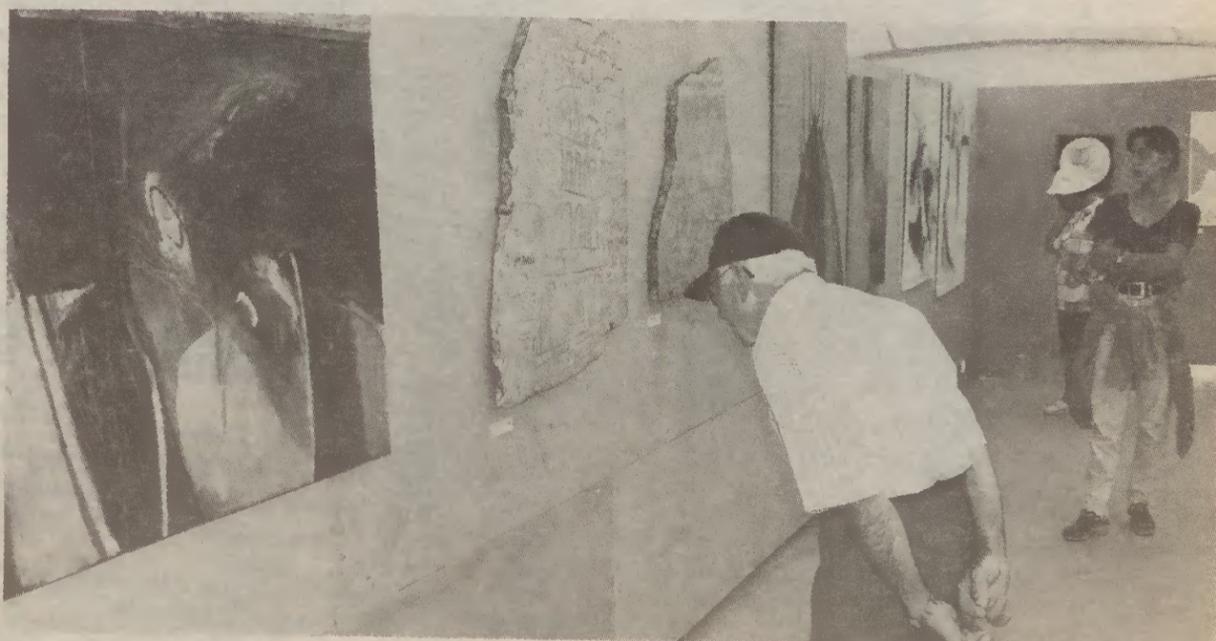
trabalho de concepção e construção colectiva.

Neste local será ainda feita referência ao contributo dos arquitectos falecidos Pires Martins e Santa Rita, dois arquitectos que muito contribuíram para a Festa.

Outras intervenções

Paralelamente à Bienal, a Festa promove outras intervenções plásticas que se encontram em vários locais da Festa pelo terreno. Tratam-se de 15 a 20 pinturas de grandes dimensões, em suporte de madeira, com o tamanho de 2,50 por 1,88 metros.

Duas dessas obras, que estão situadas no Espaço Internacional, foram concebidas em torno dos temas «PCP, 80 anos de Solidariedade Internacionalista» e «A Luta do Povo Palestiniano». A primeira é constituída por 10 placas com 2,50 x 1,88 metros, ou seja, 18,8 metros de comprimento por 2,50 metros de altura. A segunda, igualmente de dimensões consideráveis, foi feita sobre cinco placas de 2,50 x 1,88 metros, produzindo um formato de 9,4 metros de comprimento e 2,5 de altura.



Espaço Central

Da história da resistência às batalhas do presente

Os 80 anos do PCP, da sua fundação aos dias de hoje, é o tema de uma das quatro exposições que estarão patentes no Espaço Central. Percorrendo-a, o visitante contacta com o meio século de resistência do povo português, ao longo do qual o PCP assumiu um papel destacado.

Em 1964, o VI Congresso do PCP aponta o levantamento nacional como única via para a vitória sobre o fascismo, o que veio a verificar-se dez anos mais tarde quando, na madrugada de 25 de Abril de 1974, o Movimento dos Capitães derruba a ditadura fascista. Assim vão os visitantes, nesta exposição, acompanhando a luta do PCP, que hoje prossegue contra a ofensiva neoliberal e as novas formas de exploração do capitalismo. «PCP - nome da esperança, força essencial para a alternativa, projecto com futuro» é outra das exposições que, no Espaço Central, faz um balanço da actualidade política e da actividade dos comunistas. Destaque especial é dado às orientações e decisões do 16.º Congresso que, em Dezembro passado, reiterou a raiz de classe, a natureza operária do PCP.

«A Festa do Avante!», logo à entrada do Pavilhão Central, é, por sua vez, uma exposição que traz à memória momentos marcantes das edições anteriores. As 25 fotos iniciais dão aos visitantes uma panorâmica deste

grande evento político-cultural, desde a FIL à Atalaia, revivido mais adiante num espaço onde serão projectadas continuamente 640 imagens das diferentes edições. Os artistas e as imagens gráficas dos que nos deram momentos inesquecíveis e o ar de festa sempre diferente e melhor, lá estão também.

Aos visitantes é ainda proporcionada, neste espaço, a exibição de um filme sobre as Festas do «Avante!». Imagens a não perder. A CDU nas Autarquias será a quarta exposição patente que coloca o ênfase na grande batalha política das eleições autárquicas. A obra da CDU, as soluções de qualidade para uma vida melhor que protagoniza, o seu papel insubstituível em defesa das populações estão descritos em painéis que mostram o valioso trabalho dos comunistas e seus aliados nas autarquias, ao longo dos últimos 25 anos de Poder Local Democrático (1976-2001).

Por fim, lugar de destaque no Espaço Central será também dado à vida e obra do matemático comunista Bento de Jesus Caraça e ao 130.º aniversário da Comuna de Paris. De passagem obrigatória são ainda os espaços da Internet - onde este ano são promovidos ateliers técnicos sobre a criação de páginas na rede e dois debates sobre «Trabalho militante na Web» e «Liberdade de expressão na internet»; de «O Militante», onde tem particular destaque o ciclo de debates «À Conversa Com»; e o Fórum, onde se realizam os debates centrais da Festa.

Aspecto renovado conhece este ano o Café d'Amizade, situado como habitualmente no coração do Espaço Central. Quem nunca lá esteve, deve experimentar e passar por lá. Para muito é simplesmente o local ideal para a palavra descontraída e solidária. E, naturalmente, tomar um bom café, em chávena de porcelana, uma bebida especial preparada por qualificados *barmen* ou, simplesmente, uma caneca de cerveja bem fresca.

O projecto do Pavilhão Central lembra uma pirâmide sob a qual se abrem amplos espaços de exposição que beneficiam da luz solar

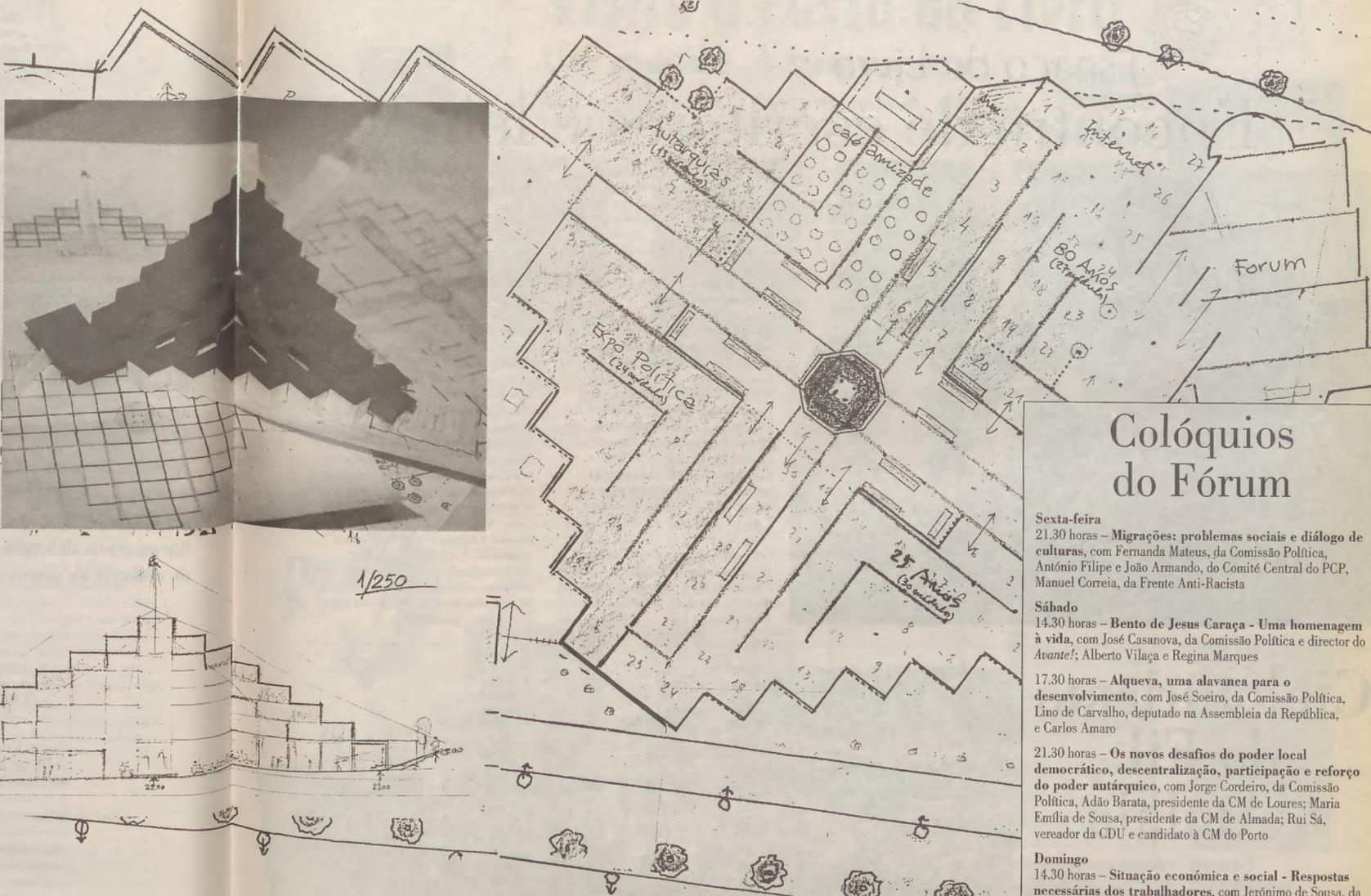
Comuna de Paris

O primeiro governo proletário

Foi na cidade de Paris que a classe operária conquistou pela primeira vez na história o poder à burguesia reaccionária, instaurando a Comuna de Paris. Foi há 130 anos. Corria o ano de 1871, quando, em 18 de Março, o proletariado parisiense se revoltou contra o governo de Thiers, obrigando-o a fugir para Versalhes. Os revolucionários vitoriosos proclamam o governo da Comuna, onde estão representados desde os operários às camadas da pequena

burguesia. Eleita democraticamente, a Comuna de Paris constituiu-se como órgão legislativo e executivo. A igreja foi separada do Estado e foram adoptadas medidas para a melhoria da vida da população, substituindo-se o exército regular pelo armamento geral do povo. Em 21 de Maio as tropas de Versalhes, mais de 100 mil homens, entram em Paris mas deparam com a resistência tenaz das barricadas, que lutam heroicamente até 28 de Maio. Segue-se um onda de terror inédito que executa sumariamente milhares de *communards*.

Apesar de derrotada as ideias da Comuna de Paris permanecem vivas, constituindo o primeiro exemplo de que é possível construir uma sociedade mais justa em que se cumpram na prática as ideias de liberdade, igualdade e fraternidade. Este acontecimento histórico é evocado num espaço próprio situado no Pavilhão Central da Festa, bem como num debate que se realiza, sábado às 16 horas, no Pavilhão da Mulher.



Colóquios do Fórum

Sexta-feira

21.30 horas - **Migrações: problemas sociais e diálogo de culturas**, com Fernanda Mateus, da Comissão Política, António Filipe e João Armando, do Comité Central do PCP, Manuel Correia, da Frente Anti-Racista

Sábado

14.30 horas - **Bento de Jesus Caraça - Uma homenagem à vida**, com José Casanova, da Comissão Política e director do *Avante!*; Alberto Vilaça e Regina Marques

17.30 horas - **Alqueva, uma alavanca para o desenvolvimento**, com José Soeiro, da Comissão Política, Lino de Carvalho, deputado na Assembleia da República, e Carlos Amaro

21.30 horas - **Os novos desafios do poder local democrático, descentralização, participação e reforço do poder autárquico**, com Jorge Cordeiro, da Comissão Política, Adão Barata, presidente da CM de Loures; Maria Emília de Sousa, presidente da CM de Almada; Rui Sá, vereador da CDU e candidato à CM do Porto

Domingo

14.30 horas - **Situação económica e social - Respostas necessárias dos trabalhadores**, com Jerónimo de Sousa, da Comissão Política, Amável Alves, da CGTP e do Comité Central, Paulo Trindade, da CGTP, e Célia Lopes, da Interjovem

«O Militante» «À Conversa com...»

Sexta-feira

21.00 horas - **Autarquias, uma frente de luta**, com Abílio Fernandes e Carlos de Sousa

Sábado

15.00 horas - **80 anos - o PCP e as lutas de massas**, com Américo Nunes

18.00 horas - **80 anos - aspectos da história do PCP**, com José Vitoriano

21.00 horas - **80 anos - a informação do PCP**, com Aurélio Santos

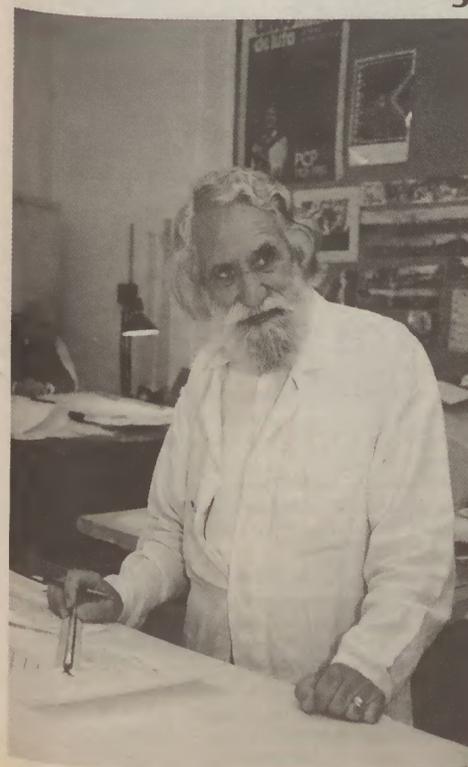
Domingo

15.00 horas - **80 anos - o PCP e a unidade democrática**, com Dias Lourenço



Justino Morais

Uma acção colectiva



O Espaço Central da Festa apresenta-se este ano com uma concepção arrojada que lembra uma pirâmide, embora o arquitecto Justino Morais, prefira vê-la como um outeiro. Aos 73 anos, acha que um arquitecto não se reforma: «A coisa mais bonita é uma pessoa poder estar em actividade até ao fim da vida, a fazer aquilo que gosta. Esse é que é o segredo da vida.»

A sua ligação ao Partido remonta ao final dos anos 70, quando integrava a direcção da Associação de Arquitectos, de que chegou a ser presidente. Começou a trabalhar para a Festa ainda no Alto da Ajuda e aderiu ao espírito colectivo que continua a marcar a construção e realização deste acontecimento maior. «A Festa é realmente resultado de uma acção popular e sempre foi isso que mais me atraiu nela». Também por isso, recusa o papel de autor: «Aquilo não é nosso, é de uma data de gente, é o resultado de uma acção colectiva. A Festa do *Avante!* é toda planeada e discutida até ao máximo. Depois toda a execução é assistida e discutida da mesma maneira.»

E mesmo o facto de o resultado de meses de trabalho desaparecer logo a seguir à Festa, Justino Morais entende-o de uma forma particular: «É uma coisa que dói a qualquer arquitecto, mas neste caso não incomoda nada porque sabemos que a Festa vai sempre continuar e isso é que importa.» A criação de infra-estruturas fixas na Atalaia veio facilitar o trabalho de construção embora tenha colocado novas dificuldades ao arquitecto: «Todos os anos temos de dar a volta para que, pelo menos, a imagem seja diferente, já que o local é o mesmo. No entanto, o próprio processo de fazer as coisas tem vindo a fixar-se. O tipo de estrutura que utilizamos, o tubo, tem revelado grandes possibilidades apesar de implicar cuidados acrescidos para garantir a rigidez necessária.»

Quanto aos constrangimentos económicos, Justino Morais afirma que não têm sido um problema, mas estão obviamente

implícitos quando se parte para um projecto. De qualquer forma, diz, «habituei-me a fazer coisas baratas e não sei fazer coisas caras, o que é fixado, pá». Este «hábito», como diz, adquiriu-o quando se dedicou à habitação de custos controlados: «Do ponto de vista social é preciso fazer coisas para todos, o que implica uma atitude muito cuidadosa quanto às soluções que apresentamos.» Quanto à estrutura que vai albergar as grandes exposições e uma série de outras actividades, terá uma altura máxima de 20 metros e foi concebida para ter uma presença forte na Festa. «É um espaço delimitado que sugere um pavilhão, mas na realidade é uma área aberta, onde há um jogo de luzes e de cor.»



Espaço do Livro

Encontro de escritores e leitores



Quem gosta de livros tem na festa do «Avante!» um espaço especial que para além de uma ampla oferta de títulos de cerca de 50 editoras, promove uma série de importantes lançamentos no mercado, bem como as tão concorridas sessões de autógrafos que proporcionam momentos únicos de encontro entre os visitantes e os seus autores preferidos.

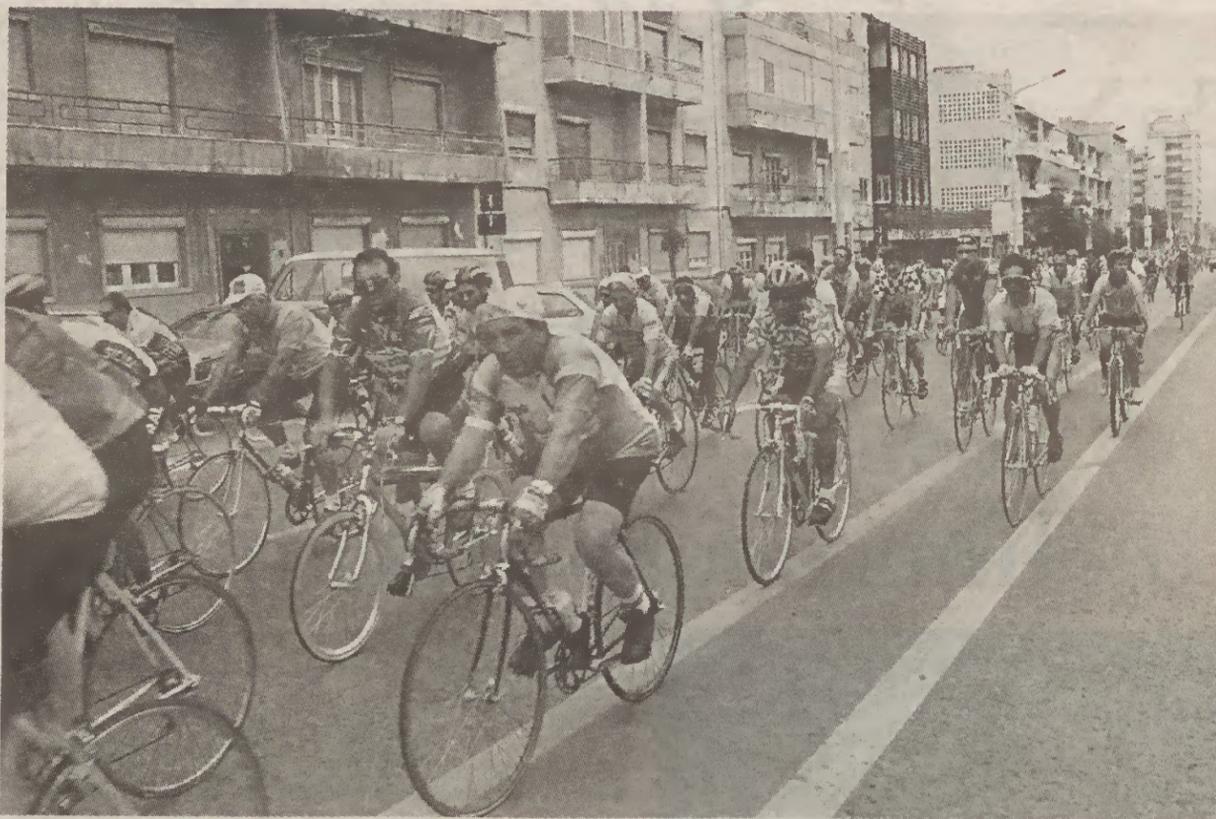
Sábado e domingo, o espaço conta com a presença de Alice Vieira, Ana Maria Magalhães, António Dias Lourenço, António Torrado, Carvalho da Silva, Fernando Correia, Jaime Serra, José António Gomes, Manuel Gusmão, João Pedro Méseder, Modesto Navarro, Sofia Vilarigues e Vergílio Alberto Vieira. Entre os lançamentos há a destacar no sábado, às 15 horas, o livro **XVI Congresso do PCP, Democracia Socialismo – um projecto para o Século XXI**; às 18 horas, **Estórias e Emoções de Uma Vida de Luta**, de Joaquim Gomes, com apresentação de Fernando Correia; às 19 horas, **A Rua Direita e a Canilha do Lado da Praia – Barreiro Uma História de Trabalho, Resistência e Luta, III Parte**, de Armando Sousa Teixeira; às 21 horas, **Alva**,

de Miguel Urbano Rodrigues.

Do prelo sai ainda a reedição há muito esperada de **Rumo à Vitória**, de Álvaro Cunhal. Entre outras novidades editoriais destacam-se ainda o livro de Jaime Serra, **O Abalo do Poder**; Seis Serigrafias de Rogério Ribeiro, reproduzindo outras tantas ilustrações da sua autoria para romance de Manuel Tiago, **Até Amanhã, Camaradas; A Caverna**, o último romance de José Saramago; o recém-lançado **Na Berma de Nenhuma Estrada**, de Mia Couto, e o segundo volume da série de quatro livros póstumos de Manuel da Fonseca, intitulado **O Vagabundo na Cidade**, recentemente editado. A esta lista, juntam-se ainda as recentes edições de Mário de Carvalho, Daniel Sampaio e Sophia de Mello Breyner. Nesta autêntica festa do livro, os descontos vão até aos 40 por cento sobre o preço de capa normal, mas a verdadeiras pechinchas encontram-se na Feira de Saldos, onde se podem adquirir livros a partir de 350 escudos. Crianças e jovens não ficaram esquecidos. À sua disposição existem álbuns de grande qualidade, novas colecções, novidades editoriais, prevendo-se ainda sessões de autógrafos com alguns dos escritores preferidos.

Cicloturismo da Fil à Atalaia

É já no próximo domingo que se realiza o passeio de cicloturismo comemorativo da 25.ª edição da Festa do «Avante!». Como forma de assinalar a realização deste grande evento político cultural, que teve o seu início na Feira Internacional de Lisboa, corria o ano de 1976, centenas de ciclistas partirão deste local, pelas 9 horas, desfilando em caravana pelas ruas da capital em direcção a Vila Franca de Xira. Aqui, atravessam o Tejo e seguem até ao Montijo, onde se inicia a segunda etapa que terminará na Quinta da Atalaia, no concelho do Seixal, com um almoço convívio em que serão entregues lembranças aos participantes.



(*) Как этот, нет фестивалю на свете!

Compra já a EP e beneficia de um desconto. Agora custa apenas 2500 escudos. Nos dias da Festa, o preço será de 3500 escudos

Cascais-Atalaia

Excursão para a festa

Nos dias 8 e 9 de Setembro, sábado e domingo da Festa, a concelhia de Cascais organiza uma excursão para a Quinta da Atalaia, que inclui viagem de volta no mesmo dia, com paragem em vários pontos do concelho. O preço único é de 1100 escudos, devendo os interessados contactar os centros de trabalho de Alcabideche (21 469 2145), Cascais (21 486 6991), Parede (21 456 1122) ou S. Domingos de Rana (21 444 2253).

Nos dois dias, o transporte parte do Largo de Alcabideche pelas 8.30 horas e tem paragens previstas em Alcoitão, junto aos semáforos, às 8.35 horas; Manique (Neves), às 8.45 horas; Tires (Alto de Tires) às 8.50 horas; Parede (Centro de Trabalho), às 9 horas; Rana (Alto), às 9.05 horas; e Sassoeiros (Café Santos), às 9.10 horas.

No primeiro dia, o regresso efectua-se à 1 hora da madrugada e, no segundo, às 23 horas. As inscrições podem ser feitas até dia 5 de Setembro.

ÁLVARO CUNHAL

Visite a Festa do Livro

Um mundo à sua espera

Milhares de livros * Meia centena de editoras

* Sessões de autógrafos * Preços excepcionais **Novidades**

edições
Avante!

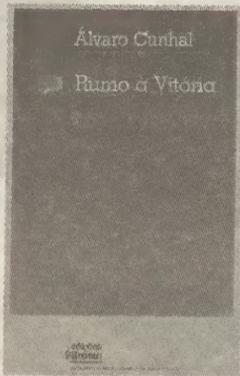


PROJECTOS
"Eu gostaria de saber pintar"

Projectos

"eu gostava de saber pintar"

Reprodução de oito pinturas inéditas de Álvaro Cunhal



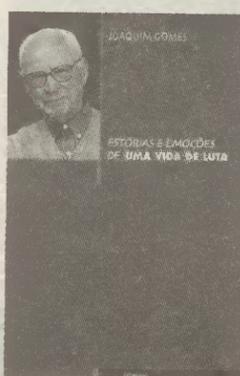
Rumo à Vitória

Álvaro Cunhal
De novo à venda a reedição há muito esperada.



O Abalo do Poder

Jaime Serra
O autor passa em revista os principais acontecimentos do passado recente, opondo os factos às tentativas de deturpação da verdade histórica.



Estórias e Emoções de Uma Vida de Luta

Joaquim Gomes
Páginas de recordações umas vezes comoventes, outras dramáticas, outras ainda eivadas de fina ironia, mas sempre plenas de sensibilidade e humanismo.



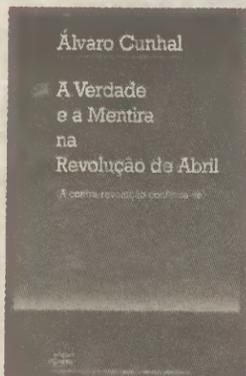
A Rua Direita e a Ganiha do Lado da Praia

Armando de Sousa Teixeira
Um pesadelo de lagartas metálicas de tanques e carros de assalto rasgando a estrada, deixando fundas marcas no alcatrão ainda recente, e nas almas.



6 Serigrafias para o romance de Manuel Tiago Até Amanhã Camaradas

Edição muito limitada, numerada e assinada pelo autor. Estas serigrafias reproduzem as mais representativas ilustrações de Rogério Ribeiro para este romance.



A Verdade e a Mentira na Revolução de Abril

Álvaro Cunhal
Na acção política, a verdade constitui um valor identificador de uns e a mentira uma prática viciosa e sistemática de outros. Dos partidos e fora dos partidos. Revelaram-se, na Revolução de Abril e na contra-revolução, como elementos característicos da identidade de cada partido e das suas diferenças. (...)



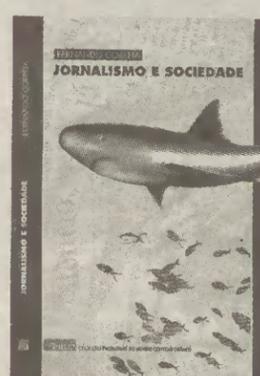
O Imperialismo Fase Superior do Capitalismo

V. I. Lênine
Edição comemorativa do 130.º aniversário do nascimento do autor. Por toda esta obra de Lênine perpassa um sentido de urgência e de responsabilidade histórica perante as exigências duma luta de classes que desembocou na Revolução Socialista de Outubro.



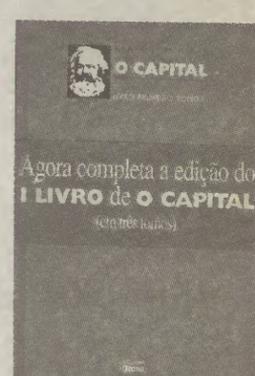
1969: Um Marco no Caminho da Liberdade

Lino de Carvalho
O presente trabalho tem desde logo o mérito de representar uma importante contribuição para situar e identificar as questões-chave da orientação e das formas de intervenção política que assumiram uma decisiva relevância em todo esse período crucial.



Jornalismo e Sociedade

Fernando Correia
Uma coisa são as novas tecnologias e as suas extraordinárias potencialidades para o bem dos homens, outra coisa é o manto dissimulador e anestésico de uma «era da informação» encarada como uma espécie de «designio global da humanidade».



O Capital (Livro Primeiro - Tomo III)

Karl Marx
Marx descobriu o segredo da exploração capitalista e formulou uma teoria verdadeiramente científica da mais-valia que, segundo a expressão de Engels, provocou a mesma impressão que «um trovão num céu sereno».



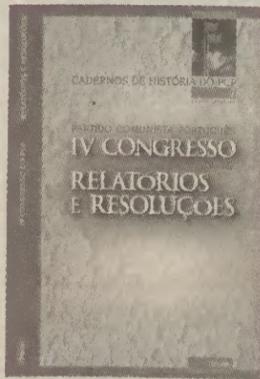
Um Risco na Areia

Manuel Tiago
O seu mais recente romance. A luta pela derrota da ofensiva contra-revolucionária de 28 de Setembro de 1974, em que se entrecruzam personagens que nos mostram toda a complexidade do ser humano.



A «Aldeia-Mundo» e o seu Castelo

Philippe Paraire
Ensaio contra o FMI, a OMC e o Banco Mundial. Até onde irá a globalização? O que se vê por toda a parte é o aumento da dívida, o recuo dos direitos sociais, conflitos étnicos, degradação do meio natural, desenvolvimento selvagem e desigualdades em único benefício de um Capital que se tornou global.



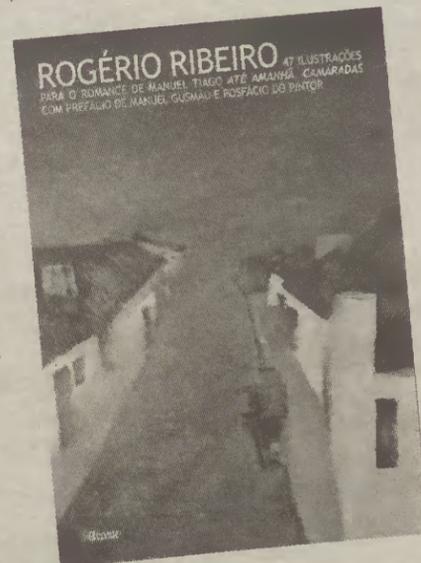
IV Congresso Relatórios e Conclusões (II Volume)

Neste Volume II e último, relativo ao IV Congresso (2.º ilegal) do PCP, publicam-se os Relatórios, Resoluções e Anexos, resultantes dos trabalhos.



Relatório sobre o Algarve

Carlos Costa
Quem ler o relatório não poderá deixar de constatar - rata-se de uma obra de um revolucionário profissional, na autêntica acepção leninista, e de um exemplo vivo do estilo e do método de trabalho caracterizadores do Partido Comunista Português.



47 Ilustrações Para o Romance de Manuel Tiago Até Amanhã, Camaradas

Rogério Ribeiro
O livro fala da luta do Partido Comunista Português, e estas imagens ambicionam ser também, de algum modo, um relato dessa luta. Testemunho a somar aos de tantos camaradas neste caminho ambicioso, fecundo e fraterno, a rolar sobre os anos com uma inequívoca esperança.

Obras de Manuel Tiago pseudónimo de Álvaro Cunhal
Até Amanhã, Camaradas
Cinco Dias, Cinco Noites
A Estrela de Seis Pontas
A Casa de Eulália
Fronteiras
Um Risco na Areia

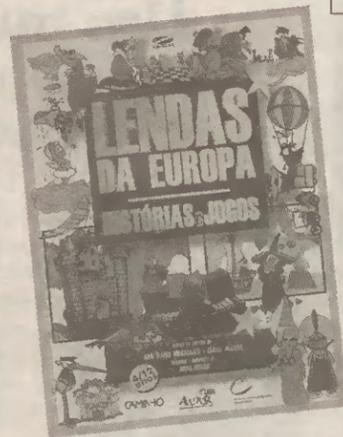
Uma Aventura

Com o seu talento muito especial, criando enredos trepidantes e cheios de emoção, **Ana Maria Magalhães** e **Isabel Alçada** ganharam para a leitura uma geração inteira de jovens. A colecção vendeu já mais de seis milhões de exemplares, um sucesso ímpar em Portugal.

Para os mais novos



Uma Aventura no Castelo dos Ventos
O que é o Galopador? Quem roubou as preciosas imagens de S. Tiago? Que misteriosos segredos encerra o castelo batido pelos ventos? Mais emocionante do que nunca, uma nova aventura das gémeas e dos seus amigos, desta vez na região de Palmela.



CD-rom Lendas da Europa Histórias e Jogos

Este CD-rom contém lendas dos 15 países da União Europeia destinada aos mais novos, e também informação sobre a Europa, a par de jogos de computador para todas as idades.

Colecção Livros do Dia e da Noite

A variedade caracteriza esta colecção de autores portugueses para crianças e jovens. Abrangendo géneros e temas diversos, o critério de publicação

é a qualidade dos textos. Entre os autores encontram-se nomes já bem estabelecidos, mas está também aberta a novos valores.



Novidade



Novidades

Volumes publicados

Cinco Tempos, Quatro intervalos
Ana Saldanha
O Saco de Mentiras
Vergílio Alberto Vieira
Diário Secreto de Camila
Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada
Versos com Reversos
João Pedro Méseder
Os Doze de Inglaterra
seguido de **O Guarda Vento**
António Torrado
Segredos e Brinquedos

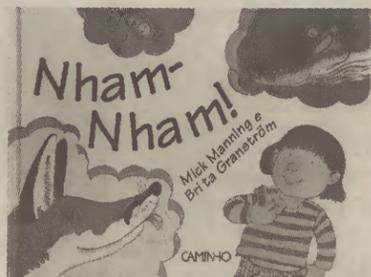
Matilde Rosa Araújo
O Peixinho Folha-de-Água
Vergílio Alberto Vieira
Diário Cruzado de João e Joana
Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada
Para o Meio da Rua
Ana Saldanha
A Guerra dos Sinais
Natércia Rocha
Do Alto do Cavalão Azul
Vergílio Alberto Vieira
De que Cor é o Desejo?
João Pedro Méseder

Colecção Mil Descobertas

Pequenos álbuns ilustrados a cores, que oferecem com bom humor uma abordagem original de informações e conceitos básicos. Imagens e assuntos familiares são o ponto de partida para a aquisição de conhecimentos.

Colecção Livros do Arco-Íris

Ilustrações que enchem a página, textos curtos, os melhores autores e ilustradores. Pequenos álbuns cartonados, ilustrados a cores. Livros feitos a pensar nos pequenos «leitores» que ainda não sabem ler.



Nham-Nham!

Nham-Nham! é um livro que fala de mastigar e engolir – ou seja, é um livro que fala de alimentação. E também fala de uma cadeia: a cadeia alimentar em que cada ser vivo desempenha o seu papel.

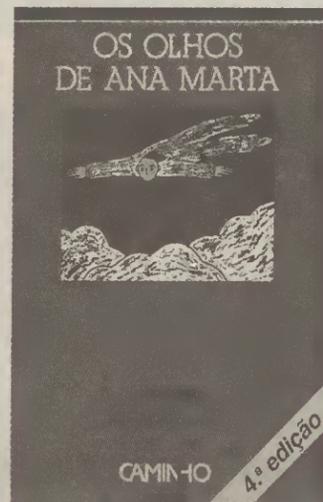


Chape Chape Chape

Chape Chape Chape! é uma viagem de descoberta da água. Acompanhamos as aventuras de um rapaz e do seu cão, flutuamos nas ondas, pairamos nas nuvens, descemos rios caudalosos até onde toda a água vai parar... e recomeçar.

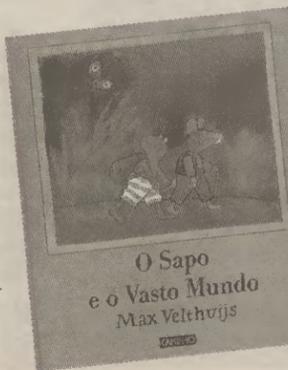


A superior qualidade de uma das maiores escritoras para jovens

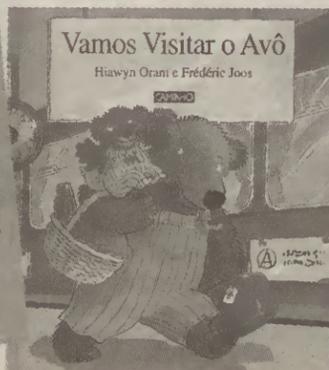


Talvez o melhor romance de **Alice Vieira**. Traduzido em várias línguas.

Prémio Octogones 2001



O Sapo e o Vasto Mundo
Cheio de entusiasmo, o Sapo acompanha o Rato nas suas viagens em busca de aventuras. Mas o Sapo em breve sente saudades do Porco, da Pata e da Lebre e descobre que o vasto mundo é muito longe de casa...



Vamos Visitar o Avô
A Ursina e o Ursino apanham o comboio para ir visitar o Avô. Mas o comboio nunca mais chega. Então a Ursina tem uma ideia para chegar mais depressa...



Colecção Bravo
Ao longo de 124 páginas integralmente ilustradas a cores, os livros oferecem um panorama aprofundado dos mais variados temas históricos e científicos. Uma colecção de vocação enciclopédica destinada a jovens e a adultos curiosos.

Volumes publicados:

Os Egípcios

História da Tecnologia

Três Mestres do Renascimento – Leonardo, Miguel Ângelo, Rafael

Ecologia

História da Economia

A Pré-História do Homem

O Universo



Histórias Para Ir Dormir

Margaret Mayo

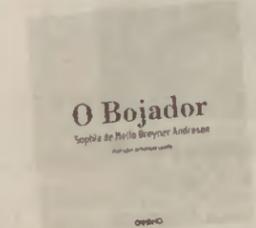
Estas *Histórias* têm as suas raízes em contos tradicionais célebres, com origens tão diversas como os índios Hopi, o Japão, ou a Hungria. Contadas de novo e adaptadas para deliciar as crianças de hoje. Um magnífico álbum, com ilustrações em todas as páginas.



Fiz das Pernas Coração
Contos Tradicionais Portugueses

José António Gomes

Os catorze contos reunidos neste livro provêm da tradição oral portuguesa. Na selecção dos textos, procurou o organizador contemplar diferentes tipos de narrativas, nomeadamente os contos de encantamento, as histórias de animais, as lendas e as facécias.



O Bojador
Sophia de Mello Breyner Andresen

Este livro foi escrito por Sophia quando as filhas Maria e Isabel eram pequenas, e destinava-se a ser representado numa festa de escola. Mas, por ironia do destino, acabou por ficar esquecido numa gaveta, até hoje. É um texto magnífico.



Contos da Terra do Dragão

Contos tradicionais e populares da China

Este conjunto de histórias e anedotas baseia-se nas lendas e contos tradicionais chineses transmitidos de geração em geração. São importantes para um melhor conhecimento da mentalidade e cultura chinesas.

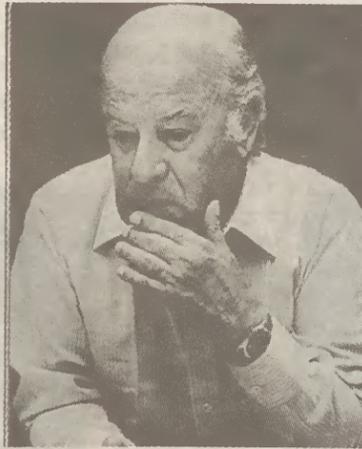


Literatura portuguesa e ficção



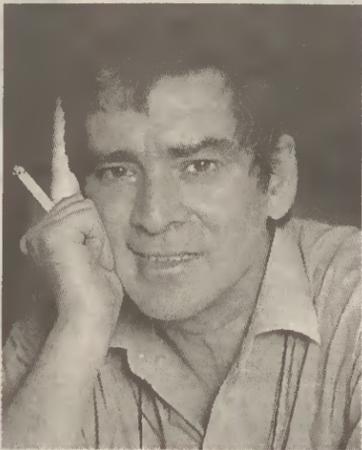
O Vagabundo na Cidade
Manuel da Fonseca

Um novo livro que espelha a sua imortal arte de contador de histórias.



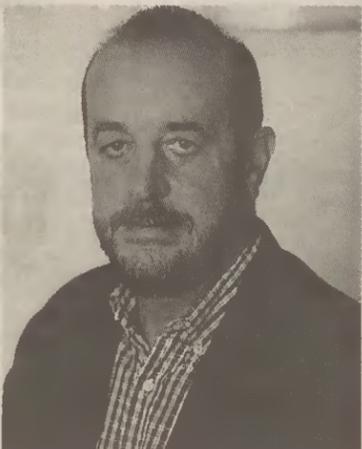
Contos Vagabundos
Mário de Carvalho

Um dos mestres da literatura portuguesa contemporânea.



Tudo o Que Temos Cá Dentro
Daniel Sampaio

Um novo livro que se lê como um romance.



José Saramago
O primeiro romance após o Prémio Nobel.

A Caverna
Romance

Um perturbador e actualíssimo livro.

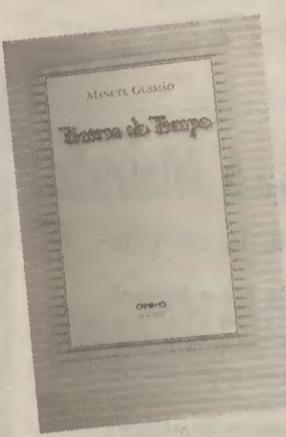
Três novos livros que comprovam a qualidade da literatura portuguesa contemporânea.



Ficção
A Pele dos Séculos
Joana Ruas



Poesia
Todas as Cores do Azul
Isabel Cristina Pires



Teatros do Tempo
Manuel Gusmão

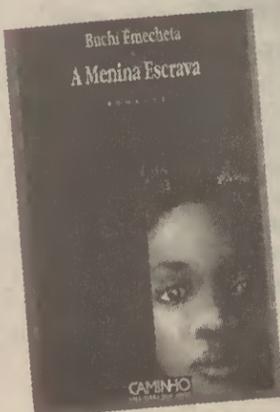
Colecção Uma Terra sem Amos o melhor da ficção estrangeira



Off-side
Gonzalo Torrente Ballester

A Menina Escrava
Buchi Emecheta

Prémio Jock Campbell



Sophia de Melo Breyner Andresen

MAR

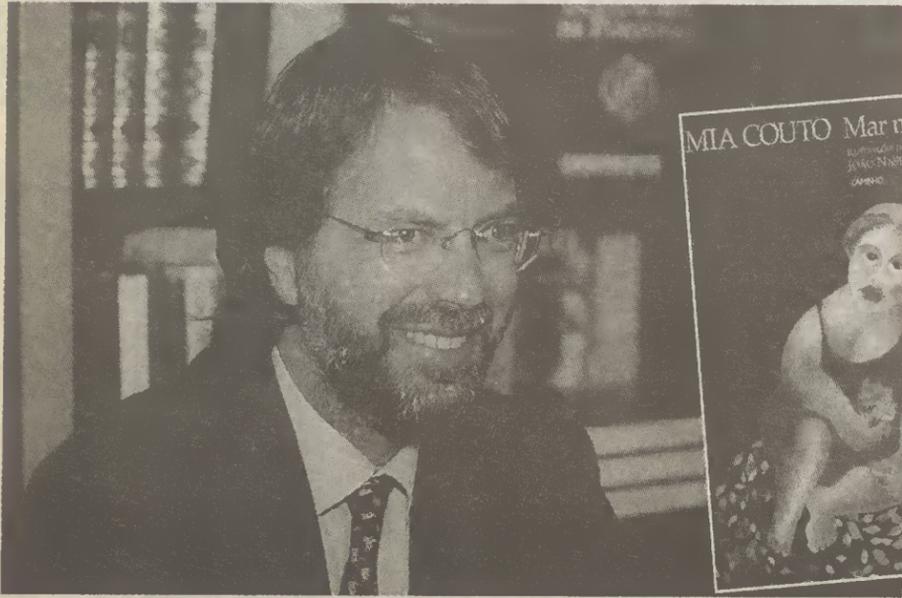
Antologia constituída pelos poemas de Sophia em que o elemento marítimo é a principal ou única referência.



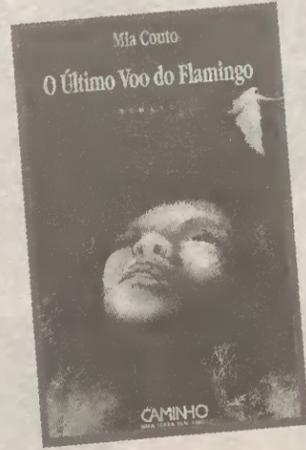
Temas africanos – literatura

Mia Couto: um dos mais talentosos escritores da actualidade

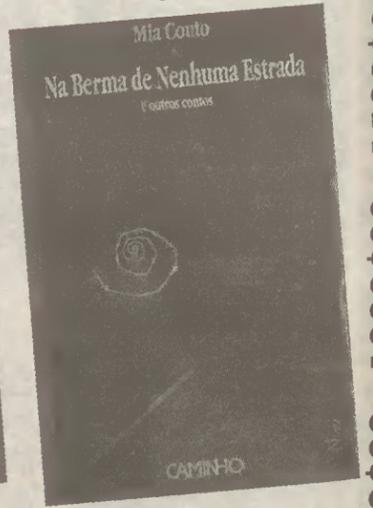
Prémio Mário António 2000 (Fund. Cal. Gulbenkian), Prémio Vergílio Ferreira 1999.
As três mais recentes obras do autor:



Mar Me Quer
4.ª edição
16 000 exemplares



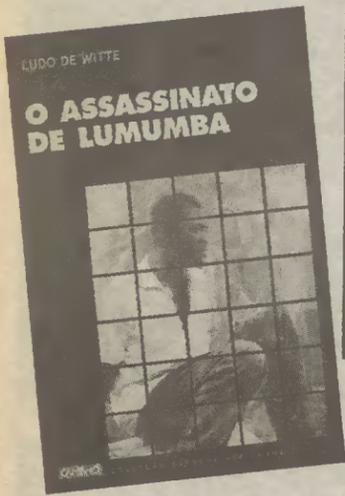
O Último Voo do Flamingo
2.ª edição
16 000 exemplares



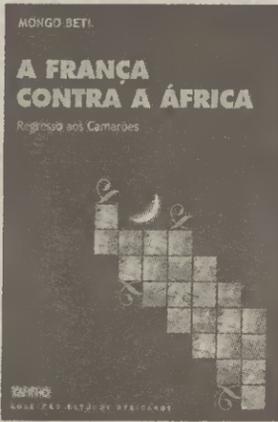
Na Berma de Nenhuma Estrada

Colecção Estudos Africanos

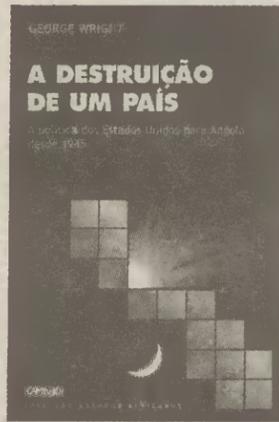
Uma nova colecção que dá voz aos problemas de África



O Assassinato de Lumumba
O assassinato de Patrice Lumumba em 1961 foi certamente um dos mais importantes acontecimentos na história do continente africano na segunda metade do século XX. As suas repercussões foram imensas, e ainda hoje o mundo sofre os seus efeitos.
Ludo de Witte



A França contra África
Retorno aos Camarões
Mongo Beti



A Destruição de um País
A Política dos Estados Unidos para Angola desde 1945
George Wright

Novos títulos, outros autores

Ensaio

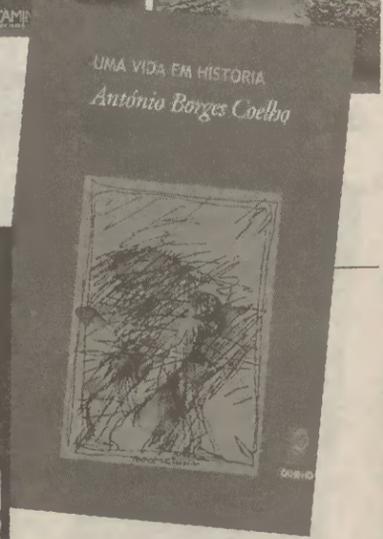
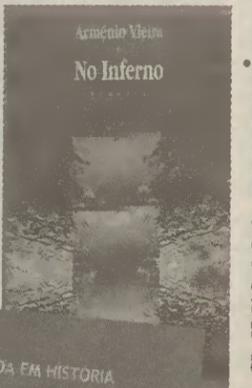
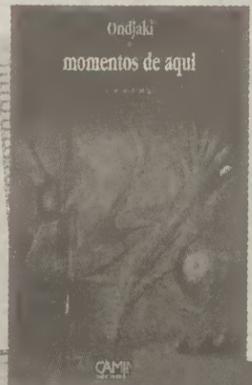
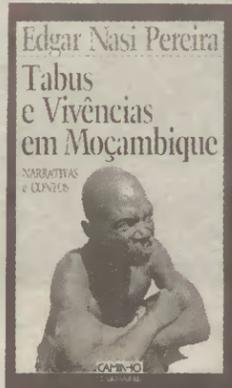
Poesia

Ficção

Tabus e Vivências em Moçambique
Edgar Nasi Pereira
Narrativas e Contos.

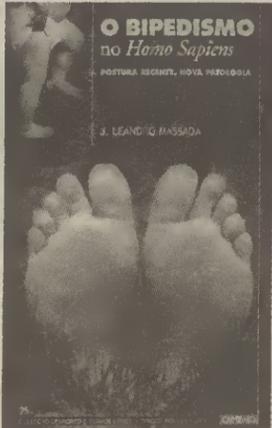
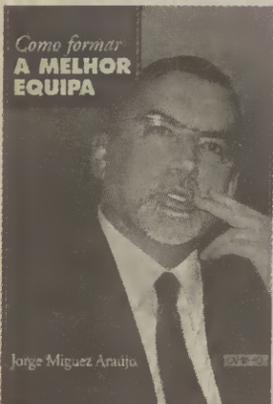
Dizes-me Coisas Amargas Como os Frutos
Paula Tavares

Momentos de Aqui
Ondjkjaki
No Inferno
Arménio Vieira



Ensaio

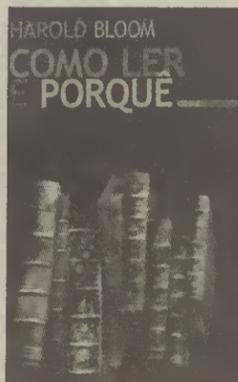
Três novos livros para quem gosta de desporto



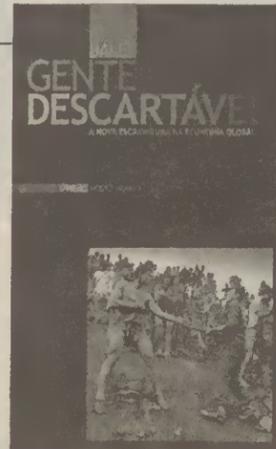
O Bipedismo no Homo Sapiens
Postura recente. Nova patologia
Leandro Massada
Como Formar a Melhor Equipa
Jorge Miguez Araújo
Gostava de Treinar. O que tenho que fazer?
A. Vasconcelos Raposo

Colecção Nosso Mundo

Temas variados e muito actuais



Como Ler e Porquê
Harold Bloom
Este livro ensina como e porque ler, procedendo através de uma variedade de exemplos e de casos: poemas curtos e longos, contos, romances e textos dramáticos.



Gente Descartável
Kevin Bales
A nova escravatura na economia global.

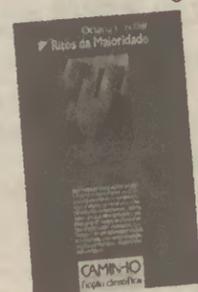
Uma Vida em História
Estudos em homenagem a António Borges Coelho. Reúne-se neste volume um vasto número de estudos de alguns dos mais conceituados nomes da historiografia contemporânea que assim não quiseram deixar de se associar a esta homenagem.

História do Pensamento Filosófico Português



Renascimento e Contra-Reforma
A História do Pensamento Filosófico Português é composta por 5 volumes.
Volume I: A Idade Média
Volume II: Renascimento e Contra-Reforma
Volume III: As Luzes (a publicar)
Volume IV: O Século XIX (a publicar)
Volume V: O Século XX (Tomos I e II)

Provavelmente a melhor colecção de literatura policial e de ficção científica editada em Portugal



Ritos da Maioridade
Octavia E. Butler



Terra Incógnita
Margarida Utne

Saldos de Fins de Edição desconto mínimo de 50% ★ Bons livros a preços excepcionais! 350\$00 • 500\$00 • 800\$00 • 1000\$00 • 1500\$00 • 2000\$00

Dossier Jerusalém

Escalada da agressão

A semana ficou marcada, na Palestina, pela escalada de guerra israelita, numa altura em que o mundo árabe está revoltado com o assassinato do líder da Frente Popular de Libertação da Palestina.

Aos 58 anos, Abu Mustapha, líder da Frente Popular de Libertação da Palestina (FPLP), encontra-se a trabalhar no seu escritório de El Bire, em Ramallah, quando foi morto por um míssil disparado por um helicóptero da Força Aérea israelita. Nesse ataque, outros oito palestinianos ficaram feridos.

Entretanto, o ministro palestiniano encarregado do «dossier» de Jerusalém, Ziad Abu Ziad, apelou segunda-feira ao governo israelita para que restabeleça o diálogo com os palestinianos por forma a encontrar meios de fazer ces-

podem fazer para deter a violência quando (as forças israelitas) continuam a assassinar palestinianos», afirmou, aludindo à política israelita de eliminação de activistas palestinianos acusados de terrorismo.

Os ataques israelitas, «como os bombardeios da madrugada de segunda-feira sobre os territórios palestinianos, estão a fazer o jogo dos grupos extremistas», sublinhou. Esses ataques «enfraquecem a Autoridade Nacional Palestiniana (ANP), lançam o descrédito sobre os moderados no seu seio e reforçam a

mento de que os seus efectivos também participam com as suas armas no levantamento palestiniano».

Críticas a George W. Bush

Paralelamente, as recentes declarações do presidente norte-americano, George W. Bush, voltaram a ser vivamente criticadas, designadamente pela sua alegada intenção de minorar o princípio de encontro conseguido pela UE, através do chefe da diplomacia alemã, Joschka Fischer, entre Arafat e o ministro dos Negócios Estrangeiros israelita, Shimon Peres.

A missão de Fischer, vista como uma vitória diplomática da UE, relegou para o segundo lugar os Estados Unidos, principal mediador no Médio Oriente e maior aliado do Estado hebreu.

Em declarações à «Voz da Palestina», o ministro da Informação e Cultura palestiniano, Yasser Abed Rabbo, afirmou que George W. Bush «não deseja ser ele a cumprir uma função, mas também não quer que os outros façam por si, parece estar interessado em que a situação entre os dois povos continue como está».

O presidente norte-americano, que nunca se reuniu com Arafat embora já o tenha feito por três vezes com o primeiro-ministro israelita, Ariel Sharon, afirmou que «os israelitas deixaram bem claro que não regressarão às negociações sob a ameaça de violência palestiniana», mas não fez qualquer referência aos «assassinios selectivos» de Israel contra dirigentes palestinianos.

«Os israelitas confessam que não pretendem regressar às negociações»

PCP condena

O Secretariado Geral do Comité Central do PCP enviou uma mensagem de pesar à FPLP pela morte de Abu Ali Mustapha, remetendo para a família as suas sentidas condolências, que o *Avante!* transcreve na íntegra:

«Ao tomar conhecimento do vil assassinato de Abu Ali Mustapha, Secretário-Geral da Frente Popular de Libertação da Palestina, o Secretariado-Geral do Comité do Partido Comunista Português expressa a sua firme condenação por tal acto praticado às ordens do governo israelita e reafirma a sua solidariedade com o FPLP e a todas as organizações palestinianas que lutam pelo reconhecimento dos direitos nacionais do povo palestiniano, ou seja, pela edificação do Estado palestiniano com capital em Jerusalém Leste.»

sar «a perigosa e contínua deterioração da situação».

Afirmou, neste contexto, que a exigência israelita de fazer depender o reinício das negociações à total cessação da violência «não é realizável». Rejeitou, por outro lado, as acusações israelitas de que o presidente palestiniano, Yasser Arafat, é o instigador dos actos de violência: «É evidente que os políticos nada

actuação dos extremistas e dos fanáticos», concluiu Ziad Abu Ziad.

O chefe do gabinete de Arafat traduziu também esta posição, acrescentando que a política de retaliação imediata adoptada por Israel consegue unicamente «destruir paulatinamente as instalações de todos os organismos de segurança (da ANP), entre outros motivos com o argu-

SPD contra NATO na Macedónia

Mais de 30 deputados social-democratas condenam a participação da Bundeswehr na Macedónia num documento publicado antes da votação de ontem no Bundestag. Aqueles parlamentares consideram que «a NATO é inadequada como árbitro de conflitos» uma vez que a Aliança militar «não goza de nenhuma confiança na Macedónia, pois apoia os kosovares albaneses cujo desarmamento nunca efectuou e, apesar da presença da KFOR, nunca impediu o emprego de armas pelo UÇK na Sérvia e na Macedónia».

No apelo salienta-se ainda que «a planeada intervenção na Macedónia é contraditória. Se o UÇK está disposto a entregar as armas de livre vontade não há nenhuma necessidade de recolhê-las». Os deputados do SPD defendem que «a política externa alemã tem de ser uma política

de paz» e que «o envio de soldados para a Macedónia não corresponde a esse objectivo» alertando ainda que «a política internacional não pode cair numa ratoeira que apresenta paralelismos evidentes como a escalada no Kosovo».

No documento avisa-se que «esta nova intervenção da NATO prejudicará a autoridade da ONU e o seu direito de preservar a paz «e manifesta-se o receio de que «uma nova intervenção massiva da NATO nos Balcãs, cujo o decorrer e resultados ainda são imprevisíveis, venham a provocar uma nova desestabilização da região».

Por sua vez o Movimento da Paz organizou nas vésperas da votação de ontem no Bundestag acções de protesto em toda a Alemanha contra a decisão do governo de Schröder-Fischer de prosseguir a política militarista da NATO

nos Balcãs. O porta-voz do movimento, depois de constatar que «não existe nenhum mandato da ONU» e que «o Direito Internacional exclui a intervenção de tropas estrangeiras num conflito interno», recorda que «ao Conselho de Segurança só lhe foi permitida apelar à interrupção dos combates» e que «recolher armas com o acordo das partes em conflito é uma tarefa da ONU a qual possui a maior experiência neste campo».

Numa entrevista ao diário «Junge Welt», a socióloga e teóloga pacifista Claudia Haydt considera que apesar de se esconderem as verdadeiras razões desta intervenção a designação da missão «colheita essencial» tem «muito de verdadeiro já que a NATO propõe-se a recolher armas que ela própria semeou».

RP

● Carta de uma criança turca

Ele era um crisântemo

Uma menina turca de 14 anos - Alif Kazar Oglo - a frequentar o oitavo ano da escola de Sayedah Zubaídah, na cidade de Esmirna, escreveu uma carta em que dá voz a Mohamed Jamal Al-Durra, a criança palestiniana cuja morte chocou o mundo. Essa carta, que obteve o primeiro lugar no concurso realizado pela Direção-Geral dos Correios da Turquia em 2001, suscitou a admiração do governo francês, que decidiu atribuir à aluna uma bolsa para prosseguir os seus estudos numa universidade deste país. É esse comovente texto que transcrevemos de seguida.

Adeus, minha flor. Vou partir, vou partir... sou forçado a abandonar-te, mas deixo-te algumas recordações de tudo o que vivemos juntos e que tu conservarás, assim o espero. Vou contar-te um segredo, ó minha flor: nunca consegui adaptar-me às pulsações descompassadas da vida. Nem compreendo o que está a acontecer agora, especialmente as pedras (uma forma de cultura) que passaram a fazer parte do nosso quotidiano. Quando vamos para a escola, enchemos de pequenas pedras um dos bolsos da mochila e as nossas mães, cuidadosas, perguntam-nos se já cumprimos essa obrigação, como se insistissem junto de nós para que não esquecéssemos o lanche. Depois, entregamo-nos às brincadeiras habituais: formamos dois grupos, um palestiniano e outro israelita e começamos a exercitar a nossa «cultura», sim, a nossa «cultura», ó minha flor. Vivemos um tempo de correrias constantes. As aulas decorrem sob o medo, o terror, ao sabor das oportunidades. A própria imaginação está proibida, não acredita? Pois é verdade, ó minha flor.

desenrola-se na escuridão. Estão a roubar-nos tudo, ó minha flor... as flores que ainda não desabrocharam, os cânticos que ainda não foram entoados, as espigas louras da próxima primavera, as nossas esperanças... o nosso futuro... a nossa infância, ó minha flor.

Aqui, todos os dias tombam novos mártires, cujos corpos, envoltos nas bandeiras, são levados aos ombros pelos seus irmãos. Há muito que se instalou a rotina da dor. Para nós, o dia começa com uma bala lançada de uma espingarda. É ela que nos desperta para a cruel indiferença que não cessa de nos rodear. E o crime tornou-se parte do culto na capital da comunhão das culturas e das religiões.

Sim, minha flor, o crime... Sim, em Jerusalém, na Terra Santa.

As crianças...

Quando os seus rostos ainda se assemelham a crisântemos, quando um sorriso encantador deveria permanentemente rasgar os seus lábios, encontramos-las a chorar, a escorrer sangue, com os seus corpos frágeis lançados na luta pela liberdade, numa luta para a morte.

Onde estão as expressões sonantes que dizem que nos devemos amar e abraçar uns aos outros, apesar de todas as

diferenças e de todas as divergências? Infundáveis são os gritos que soltamos, mas em vão, pois até agora não recebemos nenhum eco. Perderam-se todos no deserto da incompreensão e da indiferença, como se tivessem sido lançados num poço sem fundo. Mas não podemos continuar de mãos atadas, ó minha flor. Poderão eles persistir impunemente a roubar as

flores que ainda não desabrocharam, a apagar os sóis que ainda não nasceram, a destruir os sorrisos das crianças? Ó minha flor. É-me difícil dizer-te adeus...

Mas sou forçado a abandonar-te, deixando-te algumas recordações de tudo o que vivemos juntos e que tu conservarás, assim o espero. Escolhi para ti uma canção escrita pelo meu professor e executada por um amigo meu. Peço que não me interpretes mal... Não se trata de uma canção sobre o heroísmo das crianças... É uma canção sobre um amanhã radioso, sobre a harmonia e o mútuo entendimento. As suas palavras transportam pureza, generosidade e amizade e exprimem como é grande a necessidade do carinho. Adeus, minha vida. Adeus, ó minha flor...

● Mohamed Jamal Al-Durra



-Naji Al Ali

O fim do serviço público?

● Pedro Carvalho

Não sei quantos de vocês já ouviram falar de serviços de interesse geral, mas questionando alguns cheguei à conclusão pela vossa expressão que tinha utilizando um vernáculo do «comunitês» – o calão comunitário. Mas este calão, de aparências inofensivas e trajar suave, esconde por trás uma história e um objectivo, fazendo parte de uma estratégia – eliminar a noção de serviço público e integrar os mercados e serviços públicos na lógica cega do lucro. Ou seja, ajudar a garantir as condições de sobrevivência e expansão do capital.

Um pouco de história

O serviço de interesse geral, consolidado após uma comunicação da Comissão de 1996 e inscrito nos Tratados, pretende enquadrar os serviços importantes para as pessoas, como sejam as telecomunicações, os transportes, a energia e por aí fora. Como podem reconhecer estes são alguns dos serviços e sectores que até duas décadas se enquadravam na noção de serviço público e eram da propriedade pública, não só porque são vitais para as pessoas – sendo

escolha e num serviço de mais qualidade. Mas estes argumentos caem por terra, como prova o livro negro apresentado pelo PCP na Assembleia da República ou, como exemplo, o tão citado caso da privatização dos transportes ferroviários britânicos que levou ao aumento do número de acidentes e à diminuição geral do serviço, privilegiando o lucro à segurança. Mesmo o argumento dos monopólios de Estado cai por terra, quando muitas privatizações na UE conduziram ao nascimento de monopólios privados, muitos vezes dominados pelo capital estrangeiro.

Maximalismo parlamentar

No PE foi agora retomada a discussão sobre os serviços de interesse geral. O relatório preliminar, elaborado pelo deputado cristão-democrata alemão Langen, tem como positivo deixar claro o que se pretende. O relatório resume-se à concorrência, citada sem conta nos 62 pontos do relatório, para além das tradicionais liberalização, privatização e desregulamentação. Aliás, este relatório devia ser leitura recomendada, antes que seja

dignamente social-democratizado. Nele, aponta-se que a definição dos serviços de interesse geral «não pode ser deixada ao livre arbítrio dos interesses divergentes dos estados-membros, suas regiões e autarquias», exigindo «uma aplicação uniforme», ao contrário do que se lê nos tratados. Pretende-se «prosseguir rapidamente a liberalização iniciada no sectores dos transportes, da electricidade e do gás, dos correios, e

futuramente também do abastecimento de água, a fim de (...) garantir a competitividade das empresas». Considera-se que sempre que as empresas privadas puderem oferecer o serviço exigido em condições pelo menos equivalente, devem ter prioridade sobre a prestação de serviços por empresas públicas. Considera-se que a gestão dos resíduos, os transportes regionais e locais, o abastecimento de água e eliminação de águas residuais como sectores a liberalizar e privatizar. Solicita-se «uma efectiva privatização dos bancos públicos». Ataca-se o serviço público de radiodifusão. Por fim, salienta-se, que «num sector tão dinâmico como o dos serviços de interesse geral, uma regulamentação excessiva acabaria por privar os intervenientes (as empresas) de oportunidades e possibilidades de desenvolvimento» ou seja, de fazer dinheiro. Esta é a visão liberal de quem quer trazer tudo para a lógica do mercado e do lucro. O serviço de interesse geral é mais um degrau na ofensiva aos serviços públicos, servindo de cobertura à cedência ao capital de mercados públicos, que são «do interesse geral» de todos nós.

necessário garantir o acesso, a cobertura geográfica, a equidade e qualidade – mas porque representam sectores estratégicos para o desenvolvimento económico e social do país e para o exercício da sua soberania. A lógica de liberalização imposta e a consequente privatização das empresas públicas, acelerada durante a última presidência portuguesa da UE pela apelidada «estratégia de Lisboa», levou a que muitos dos tradicionais serviços públicos fossem fornecidos por privados. O objectivo comum dos governos no Conselho e da Comissão é de «assegurar uma maior previsibilidade e uma segurança jurídica acrescida na aplicação do direito da concorrência em matéria de serviços de interesse geral», ou seja, tornar prioritária uma harmonização mínima das regras de prestação destes serviços e das condições das ajudas públicas a conceder-lhes. Pois, o Estado continua a financiar o que não é rentável do serviço de interesse geral, ou seja a pagar ao privado aquilo que se devia assegurar ao público. A defesa das privatizações é baseada em preços mais baixos, numa maior liberdade de

Bruxelas analisa separadamente cada caso orçamental

Preocupação na zona euro

Os ministros das Finanças da União Europeia (UE) irão discutir no próximo mês o abrandamento económico europeu «sem violar as regras de disciplina orçamental» que dão sustentação ao euro.

Devido a um crescimento económico menor que o esperado na Europa, a Alemanha e a França, os dois poderosos países da zona euro, questionaram, nos últimos dias, as metas de défice orçamental do chamado Pacto de Crescimento e de Estabilidade.

O pacto, de 1997, exige que os países do euro tenham em vista orçamentos equilibrados a médio prazo através de metas anuais. O porta-voz dos assuntos económicos da Comissão Europeia, Gerassimos Thomas, afirmou que os ministros das Finanças discutirão o pacto durante uma reunião informal entre os dias 21 e 23 de Setembro, em Liège, na Bélgica.

«Esta é a primeira vez que enfrentamos uma situação de abrandamento económico», acrescentou Thomas, reiterando no entanto, que os países membros e a Comissão continuam comprometidos com os objectivos do pacto, que também procura assegurar que o défice dos membros da zona do euro não exceda a três por cento do produto interno bruto. Os países «que aproximaram os seus orçamentos e passaram a integrar

a união monetária têm maior flexibilidade no abrandamento económico», concluiu.

Entretanto, a Comissão aconselhou a Alemanha, a França, a Itália e Portugal a absterem-se de usar estabilizadores orçamentais automáticos, que são alterações embutidas nas despesas governamentais, porque

«Enfrentamos uma situação de abrandamento económico»



tendem a ter efeitos negativos sobre o desempenho da economia.

Bruxelas analisa «caso a caso»

A Comissão Europeia irá avaliar «caso a caso» os des-

vios na execução do Orçamento de Estado de cada país da zona euro, alertou esta semana Gerassimos Thomas. Segundo o porta-voz da Comissão Europeia, «não existe uma metodologia simples ou rígida que possa avaliar o nível dos desvios orçamentais ou qual a diferença entre crescimento previsto e o efectivo».

Foram vários os países da zona euro que anunciaram que não irão conseguir cumprir as metas orçamentais europeias. A Espanha é o exemplo mais recente, depois do executivo de Aznar ter afirmado que «difícilmente» conseguirá atingir o excesso orçamental previsto para 2002.

Subida do M3 afecta euro

A possibilidade de que o aumento da massa monetária em circulação venha a fazer com que o Banco Central Europeu (BCE) deixe inalteradas as suas taxas directoras está a fazer descer a moeda única às suas principais rivais.

Segundo alguns analistas económicos, a aceleração do crescimento do agregado monetário M3 para os 6,4 por cento em Julho poderá levar um adiantamento da descida das taxas de juro do BCE, o que atrasará a recuperação económica europeia.

Listas de espera fora do país

A Comissão Europeia anunciou esta semana que irá apoiar os governos que enviem os seus doentes para outros países para receber tratamento caso não disponham dos equipamentos necessários ou as listas de espera não permitam que sejam tratados em tempo oportuno. Estes tratamentos, de acordo com Bruxelas, deverão ser custeados pelo país de origem, sem nenhum encargo para o doente.

O Reino Unido já anunciou que vai enviar parte de um milhão de britânicos que estão em lista de espera para o estrangeiro para receberem assistência médica. «A saúde pública é um serviço como outro qualquer, e quando existem atrasos graves, o doente deve ter a possibilidade de receber esse serviço noutros Estados», declarou Anna Diamantopoulou, porta-voz da Comissária

Europeia para os Assuntos Sociais.

De acordo com o Tribunal do Luxemburgo, a Segurança Social de um Estado-membro da UE deverá autorizar - e pagar - tratamentos no estrangeiro sempre que os métodos pelo país que não o de origem sejam suficientemente aprovados e validados e sempre que este não consiga oferecer em tempo oportuno tratamento.

UE em Timor-Leste

O chefe da missão de observadores da União Europeia às eleições de Timor-Leste, o alemão Wolfgang Kreissi-Dorfler, defendeu na passada semana ser «importante mostrar aos timorenses que a Europa irá ajudar o processo de democratização» no território.

Wolfgang, que chefiava uma equipa de 26 observadores da UE, entre os quais dois por-

tugueses, acrescentou que irá trabalhar em conjunto com «a embaixada portuguesa, o administrador transitório de Timor-Leste, Sérgio Vieira de Melo, e outras organizações para se avaliar as eleições (que ontem se realizaram) e falar a uma só voz».

A missão europeia tem previstos encontros com diversas personalidades timorenses, como Xanana Gusmão,

Ramos-Horta e os bispos D. Ximenes Belo e D. Basílio do Nascimento, estando prevista a produção dos resultados finais a 10 de Setembro.

A missão da União Europeia é, com a de Carter Center, a mais numerosa delegação de observadores internacionais às eleições de Timor-Leste, que será fiscalizada por mais de mil pessoas, oitocentas das quais timorenses.





Defesa Nacional e Forças Armadas

Temos pena

• Rui Fernandes

Uma recente reportagem televisiva sobre o estado do equipamento das forças armadas, intitulada «O Adeus às Armas», e umas quantas declarações do ministro Pena têm vindo a suscitar vários comentários, análises e opiniões. O estado a que as coisas chegaram impõe frontalidade no tratamento da matéria, frontalidade esta que não é incompatível com a necessária serenidade que deve/tem de presidir à resolução dos problemas.

Em primeiro lugar, nenhum navio, carro de combate ou avião perdeu operacionalidade por causa de um qualquer orçamento. A operacionalidade não se perde, vai-se perdendo. A perda de operacionalidade é um processo, não um acto. Aquilo a que as FA's estão a chegar é ao fim desse processo. Ora, para esse processo de degradação, existem as responsabilidades do poder político consubstanciadas nas políticas levadas a efeito nos últimos 16 anos de governos PSD e PS. Mas existem também as responsabilidades das chefias militares através da sua postura e, também, das suas opções, que se têm consubstancia-

do em determinado tipo de prioridades. Como de há muito dizemos e frisamos de novo, *subordinação ao poder político não é submissão*.

Em segundo lugar, a complexa situação em que as FA's se encontram não se resolve com o ministro a tentar passar para a opinião pública a imagem de uns militares despesistas e de um ministro poupadinho. E isto por duas razões: a primeira, porque as FA's sempre gastaram aquilo que orçamentalmente lhes foi dado, ou seja, nunca houve orçamentos rectificativos para as forças armadas; a segunda, porque trilhando esse caminho só vamos assistir a cenas cada vez mais ridículas, dignas de entrar no anedotário nacional.

Em terceiro lugar, é preciso remeter a política de defesa nacional à matriz de onde nunca devia ter saído, ou seja, é necessário um verdadeiro conceito estratégico de defesa nacional que *assente nos interesses e possibilidades nacionais*. Prosseguir a política que o PSD e o PS têm seguido, de fazer da participação externa o primado das missões das nossas forças armadas, conduzindo com isto à degradação das componentes eminentemente de defesa nacional e tentando «vender», aos portugueses, a ideia de que Portugal tem capacidade operacional porque envia uns quantos militares para os Balcãs ou, agora, hipocritamente, para a Macedónia, é persistir um errado e perigoso caminho.

Em quarto lugar, é preciso menos política de salão, de corredor, e mais discussão. Há quem se assuste com a palavra discussão, mas lá diz o ditado que «da discussão nasce a luz». Uma discussão sem ideias preconcebidas e enquistamentos. Sem espíritos de capela por parte dos ramos e sem «pedras no sapato» por parte do Governo. Com mais envolvimento da Assembleia da República. Com mais participação dos portugueses e apelo a essa participação. E cabe aqui referir que urge pôr termo, como há muitos anos reclama o PCP, à composição do actual Conselho Superior de Defesa Nacional, abrindo-o a uma participação política e socialmente mais plural e abrangente da sociedade portuguesa.

Alguns aspectos da reportagem suscitam inevitáveis interrogações, como por exemplo: por que foi adquirida a primeira esquadra de F16 sem as capacidades operacionais que a reportagem referiu que esses aviões não têm? Que negócio foi esse? Por que é que na altura isso não foi referido pelas Chefias da FAP? Ou, noutra vertente, para que servem carros de combate de largatas?

Quem aceitou a sua vinda como contrapartidas? Ou, ainda, no caso da Marinha, a análise às LPM conduz-nos ao longo de anos ao gasto de milhares de contos em navios já sem qualquer hipótese de sobrevivência credível. O último investimento foi, erradamente como prioridade, nas fragatas Meko. Heresia, dirão alguns ao lerem isto, as Meko foram a Timor e à Guiné... Pois foram! Mas os patrulhas oceânicos que o PCP defende como prioridade, desde que estalou a polémica da aquisição das Meko, também teriam ido e, se bem concebidos, teriam feito o mesmo. Mas já agora, e porque foi dito na reportagem que as Meko são praticamente o único meio militar operacional, aconselha-se daqui a que o ministro veja bem se assim é e não se esqueça que as fragatas já têm cerca de 12 anos.

Há muito a fazer e não há tempo para muita discussão, disse o ministro, o que é preciso é acção. Ambas as coisas são precisas e mais, a não haver muita discussão, o ministro Pena tenderá a implementar estudos já feitos e subordinados a uma determinada lógica política que já provou estar errada.

As declarações do ministro Pena à RTP, no dia a seguir à reportagem, e a entrevista ao jornal «Público» contêm aspectos preocupantes. Na RTP, Pena deu a entender que lhe interessa mais justificar a actual e polémica proposta de LPM do que, como deu a entender quando tomou posse, discutir as opções que a enformam. Preocupante ainda quando atirou para a nação a responsabilidade pelo estado a que chegaram as FA's, querendo com isso dizer que se os portugueses não protestarem, por exemplo, em que se gaste milhões na aquisição de submarinos que só estarão pagos daqui a 30 anos, as coisas compõem-se. Isto é exactamente o contrário daquilo que na nossa opinião deve e tem de ser feito. Os portugueses têm não só o direito de protestar, como têm a obrigação e o dever de querer saber onde é gasto o dinheiro dos seus impostos — em quê? Porquê? Como? Trata-se não só de elevar os direitos de cidadania, como de reforçar o sentimento de ligação às FA's e destas à nação. A não ser assim, corre-se o grave e perigoso risco de as FA's se irem tornando num corpo estranho ao povo de onde emanam, de se irem transformando numas prestadoras de serviços aos governos de cada momento histórico. Portanto, haja muitos debates públicos, mas que sejam de facto públicos. Aliás, é curioso (ou nem por isso) que o Primeiro-ministro, antes de férias, tenha tido encontros com os partidos com assento parlamentar, mas

com um deles, o PSD, tenha tido dois encontros, sendo que um deles foi para analisar a situação nas FA's. Pode, portanto, o PSD continuar, pela voz de Carlos Encarnação, a fazer a rábula da crítica, porque o PSD não está contra esta LPM.

Na entrevista ao «Público», Pena fala na criação de um Estado-Maior da Defesa, eliminação dos Estados-Maiores dos Ramos e dos Chefes desses respectivos Estados-Maiores substituindo-os por Comandantes, a exemplo, dizemos nós, do que sucede na GNR. E Pena atira com esta, como se este fosse o grande problema das Forças Armadas. Mais, a justificação que dá (porque os ramos têm de trabalhar e funcionar conjuntamente e por razões de poupança) é ridícula. Aliás, é bom referir as declarações do Gen. CEMGFA de que se trata de uma ideia em estudo, que se verá se é viável, etc. Porque a questão é que não existem quaisquer estudos que sustentem as vantagens de tal funcionamento. Depois, uma alteração deste tipo terá de conduzir a várias outras alterações antes, durante e depois de implementado esse tal novo Estado-Maior. Falamos, portanto, de um processo gradual de passagem de uma lógica estrutural de comando a outra, área sempre sensível.

Para as FA's funcionarem e operarem conjuntamente nada disto é necessário, como muito bem se sabe. Pena parece sofrer de um desejo de protagonismo que se adequa pouco à área onde actua e, sobretudo, à necessidade de muita contenção dada a grave situação existente. Mas ao «atirar estas bolas ao ar», Pena tenta desviar a atenção daquilo que é verdadeiramente essencial. E o que é essencial são as opções políticas e as consequentes prioridades no reequipamento e a questão dos graves problemas de ligados com área do pessoal que são sistematicamente ignorados. Modernos equipamentos com pessoal com carreiras bloqueadas, anos a fio, igualmente no mesmo posto tendo os cursos, a executar funções inadequadas para o seu posto e formação técnica, sem meios para o exercício da sua função, vendo degradar-se vencimentos, subsídios, assistência médica, etc., pouca eficácia terão. E esta é a realidade sempre ignorada, como aliás o foi na reportagem no início referida. E ao fim de tantos anos de promessas e apelos ao sacrifício, os militares encaram hoje os discursos pensando em Fernando Pessoa: «Água que passa e canta / É água que faz dormir...». Os graves problemas das FA's não se resolvem com parangonas mediáticas. Temos pena, mas essa é a realidade.



• Miguel Urbano Rodrigues

A solidariedade com a Colômbia no encontro de San Salvador

O I Encontro Internacional e pela Paz na Colômbia e na América Latina, reunido em San Salvador de 20 a 22 de Julho p.p. – no qual participei como representante do Partido Comunista Português –, foi uma iniciativa com aspectos inéditos.

A Universidade Nacional de El Salvador deveria ter sido a sede daquele acontecimento político e humanista. Mas tal não aconteceu. Cinco dias antes, a embaixada dos EUA, cumprindo instruções do Departamento de Estado, dirigiu-se ao Reitor e informou-o de que a cedência das instalações do campus para a iniciativa seria considerada por Washington um acto de hostilidade aos EUA. A não ser cancelada, afectaria a ajuda financeira à Universidade resultante de um convénio. A manobra de chantagem funcionou: a Universidade submeteu-se.

Uma funcionária da embaixada, a conselheira para os Assuntos do Trabalho, levou a insolência ao ponto de sugeri-

rir à Comissão Organizadora que o Encontro fosse anulado porque «seria prejudicial para a Colômbia». Recebeu a resposta que merecia.

O recuo da Universidade forçou, porém, os organizadores a tomarem medidas que prejudicaram decisivamente o programa previsto.

A sessão inaugural realizou-se num pavilhão desportivo; no segundo dia uma sessão plenária e as reuniões das oito comissões de trabalho transcorreram num colégio particular; e a sessão de encerramento, no dia 22, efectuou-se num pátio da Universidade Luterana. O decano da Universidade Nacional, um académico progressista, subiu à tribuna para apresentar desculpas ao plenário em nome da maioria do corpo docente, pela vergonhosa capitulação da Reitoria perante a arrogante exigência da embaixada norte-americana.

O escândalo foi máiusculo. O governo dos EUA, ao fazer o que estava a seu alcance para sabotar a Encontro, contribuiu, dialecticamente, para lhe assegurar uma maior repercussão internacional. Ficou transparente o temor que a

insurreição colombiana inspira à Administração Bush.

A direita salvadorenha cumpriu o papel que lhe foi distribuído. Os três principais diários do país não dedicaram uma linha ao Encontro. A televisão (doze canais) também ignorou o acontecimento, bem como a maioria das rádios. Mas «La Prensa Gráfica» e o «Diario de Hoy», os grandes quotidianos da capital, encontraram espaço para dedicarem em média quatro páginas ao chamado choque entre «ortodoxos e renovadores» na Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional, publicando entrevistas com adversários da orientação revolucionária daquele partido, patrocinador do Encontro.

Na semana anterior ao acontecimento, jornais e TV fizeram a apologia do Plano Colômbia e deram atenção prioritária à temática do narcotráfico...

As FARC: confiança e firmeza

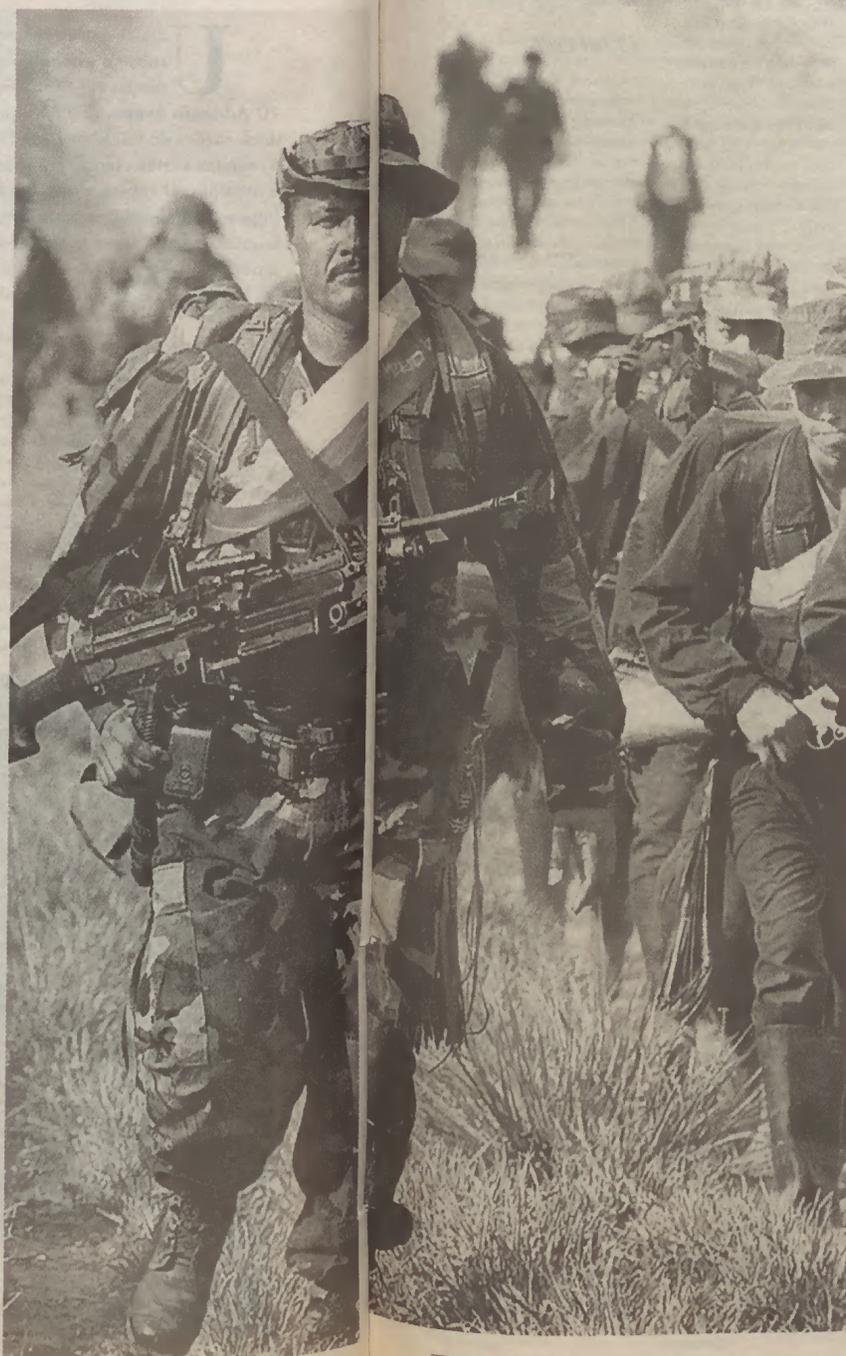
A intervenção de fundo, na sessão inaugural, coube às FARC-EP. O comandante Arturo Campos, do seu Estado Maior Central, criou com o discurso de abertura, pelo conteúdo e linguagem, a serena atmosfera de combatividade que iria marcar todo o Encontro.

Da sua mensagem dirigida aos povos do mundo emergiram a firmeza das FARC e a sua confiança no desfecho da luta que travam. Mas o comandante colombiano inseriu essa luta num vasto painel internacionalista, iluminando as transformações profundas a que estamos assistindo a nível mundial e particularmente na América Latina no âmbito da grande vaga de contestação às políticas do neoliberalismo globalizado e às agressões imperiais dos EUA.

Ao esboçar o panorama da confrontação existente e da luta dos povos contra o hegemonismo norte-americano destacou a revolução bolivariana na Venezuela, os levantamentos indígenas no Equador, as marchas dos *cocaleros* na Bolívia e no Peru, o desafio dos *piqueteros* na Argentina, o combate do Movimento dos Sem Terra no Brasil, a luta do povo de Porto Rico contra as manobras da Marinha dos EUA na Ilha de Vieques, a resistência dos povos da República Dominicana e do Caribe em geral, o avanço do Sandinismo na Nicarágua, o fortalecimento do FMLN em El Salvador, a heroica resistência de Cuba ao bloqueio, e a resistência continental ao Plano Colômbia. Em todos esses processos – sublinhou – «abre-se caminho à combinação de tradicionais e novas formas de luta de massas que vão desde a greve ao boicote, passando pelos surtos insurreccionais acompanhadas da eterna presença guerrilheira, como alternativas para cortar o nó górdio da história contemporânea, que se resume no esgotamento da última fase do capitalismo, por um lado, e, por outro, no aparecimento de novas formas que procuram a liberdade, a democracia e o desenvolvi-

mento, sob parâmetros de paz, com justiça social, independência e soberania, representados no socialismo».

Arturo Campos caracterizou o Plano Colômbia – agora chamado Iniciativa Andina – como um agressivo projecto militar dirigido contra os países que na Região mais preocupam Washington: a



Colômbia, a Venezuela e o Equador. Para garantir e perpetuar a sua hegemonia política, económica e militar sobre o Continente, os EUA ampliaram e reforçaram a sua rede de bases militares regionais. Além de Vieques em Porto Rico, de Iquitos no Peru, de Palmarola em Honduras, contam agora com as bases de Aruba e Curaçao, cedidas pela Holanda, com a de Comalapa em El Salvador, Salta na Argentina e Manta no Equador. Um cinturão de guerra ameaçador.

E contudo, o Plano Colômbia esbarrou desde o início com resistências inultrapassáveis. A primeira derrota foi a recusa do Brasil e da Venezuela a permitirem a instalação de forças norte-americanas nos seus territórios e a participarem numa força militar multilateral cujo objectivo seria intervir contra a insurreição colombiana.

O comandante colombiano, depois de analisar as causas do conflito armado no seu país, salientou que a criação e permanência da Zona Desmilitarizada – uma área maior do que a da Suíça – não foi uma concessão do governo Pastrana. Essa zona de paz «é a expressão concreta de uma realidade, a existência na Colômbia de actores políticos e militares que têm de ser tomados em conta e sem

a participação dos quais não haverá futuro para aqueles que pretendem perpetuar-se no poder (...) Essa pequena porção do solo colombiano converteu-se num exemplo de produtividade, cooperação e segurança dos cidadãos, sendo um exemplo de governabilidade, de harmonia e bem-estar, a partir do momento em que foi abandonada pelos membros do Batalhão de Caçadores que a assolavam com o paramilitarismo».

A declaração final

Num artigo como este não é possível sintetizar a riqueza das comunicações apresentadas num Encontro em que estiveram representados 35 países (nove europeus) através de 420 delegados, dos quais 320 estrangeiros. Não constituiu surpresa o entusiasmo com que foram recebidas as intervenções dos representantes da Colômbia, de Cuba, da Venezuela, de Porto Rico e do Equador, o coronel Lucio Gutierrez, líder da insurreição indígena que em 1999 derrubou o ex-presidente Mahuad.

O debate nas oito comissões de trabalho foi muito participado e os relatórios elaborados constituíram um material valioso para a Comissão que redigiu a Declaração Final do Encontro.

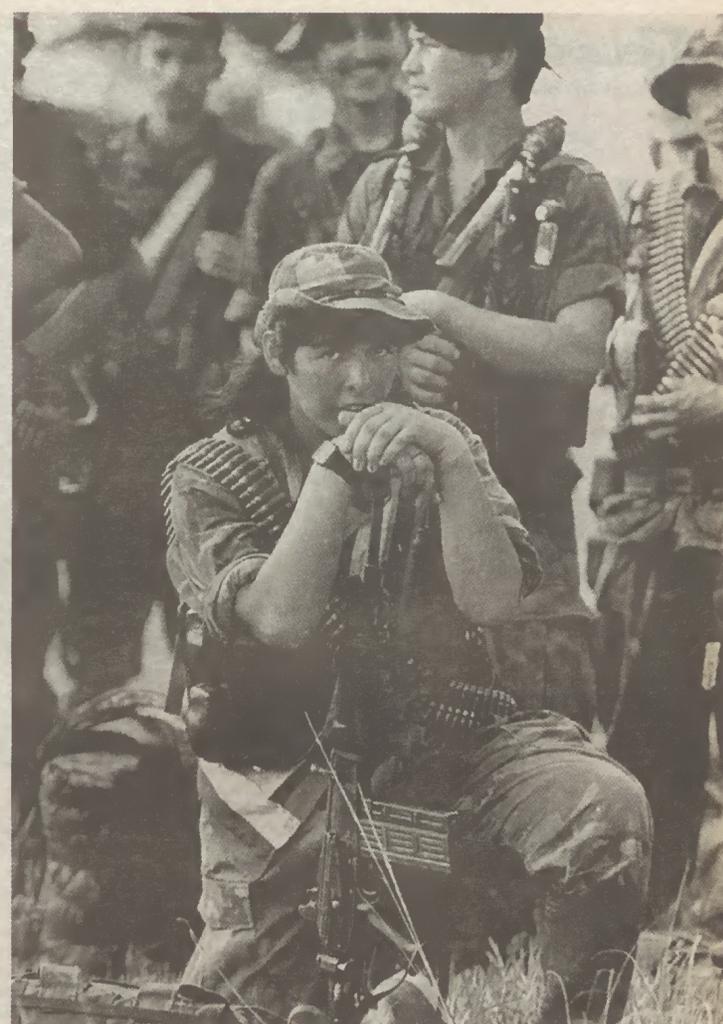
Esta, aprovada por aclamação, é um Documento que reflecte bem aquilo a que chamei o renascimento do espírito revolucionário na América Latina e uma disponibilidade cada vez maior dos povos, à escala mundial, para o combate, através de formas de luta muito diversificadas, às políticas neoliberais e ao hegemonismo imperial norte-americano.

A maré da contestação sobe em todo o planeta e a participação crescente das massas no combate em curso é uma evidência.

Esse panorama transparece com clareza da Declaração Final, que define o I Encontro como «alta expressão de unidade e solidariedade internacional da América e do Mundo perante as perma-

ntes agressões imperialistas contra os povos que lutam contra o neoliberalismo pela libertação, pela justiça social, pela democracia participativa e pela soberania».

Não obstante a amplitude do leque ideológico das delegações num Encontro de Solidariedade como este, houve consenso para se caracterizar o Plano Colômbia como «um projecto de guerra intervencionista dos EUA contra os povos da América Latina e do Caribe, que



procura esmagar as diferentes e crescentes expressões de luta, rebeldia e vitórias populares e patrióticas e impedir que surjam e se consolidem democracias participativas, contrárias aos planos hegemónicos dessa potência imperial e à sua pretensão de impor o chamado Acordo de Livre Comércio-Alca». Tal plano faz parte de «uma estratégia global de recolonização económica, política e militar do imperialismo norte-americano destinada a dominar de maneira absoluta os povos e nações do subcontinente».

A Declaração insere essa estratégia «na pretensão dos EUA a exercer uma dominação perpétua e universal sobre o planeta, configurando uma ameaça contra a humanidade e gerando uma crise de civilização (...) Entretanto, como as causas que determinaram as grandes mudanças revolucionárias na história mundial não desapareceram, e pelo contrário, se agudizaram, as resistências e a luta dos povos neste início do século XXI confirmam a vigência dos ideais revolucionários e a necessidade de uma alternativa mundial ao sistema existente a qual garanta aos povos justiça, dignidade humana, participação democrática e paz.

«As organizações, entidades, pessoas e movimentos participantes neste Encontro declaramos perante a América e o Mundo» – transcrevo do Documento – «a nossa indeclinável solidariedade com a Cuba revolucionária e com a luta contra o criminoso bloqueio que lhe impõem os EUA, a nossa solidariedade com a Venezuela bolivariana, com a rebeldia zapatista e as forças democráticas do México, com a insurgência heroica da Colômbia e todas as suas forças progressistas, com os patriotas porto-riquenhos que lutam para expulsar as tropas ianques de Vieques e alcançar a independência de Porto Rico, com a luta dos povos autóctones pelos seus direitos inalienáveis, com a bela rebeldia das

mulheres e de todos os sectores discriminados, com os movimentos sociais e políticos que combatem no Brasil, na Bolívia, no Equador, no Paraguai, na Argentina, na República Dominicana, na Jamaica e em outros países, com as lutas patrióticas e populares das esquerdas e de todas as forças progressistas do Continente, com os movimentos antiglobalização e antineoliberalismo que se manifestam na Europa e na América do Norte e com os esforços dos partidos e movimentos políticos transformadores que procuram novos avanços e novas vitórias eleitorais.»

A Declaração condena expressivamente a ingerência dos EUA no processo eleitoral nicaraguense, reclama o fim da chantagem nascida do temor da vitória sandinista, exige a libertação de todos os presos políticos, pronuncia-se contra o projecto do escudo espacial norte-americano e contra as armas e ensaios nucleares. Um parágrafo especial é dedicado à solidariedade com todas as causas justas, incluindo as lutas dos povos da Europa, da Ásia e da Oceânia. A luta heroica do povo palestino contra o genocídio israelense merece referência especial bem como a condenação dos bloqueios e sanções dos EUA que atingem, além de Cuba, o Irão, o Iraque e a Líbia.

Uma resolução especial registou o compromisso dos participantes a convocar, organizar e promover o II Encontro Internacional de Solidariedade e pela Paz na Colômbia e na América Latina.

Foi numa atmosfera de fraternidade e entusiasmo que as delegações vindas de três dezenas de países escutaram e ovacionaram, com emoção, as canções do uruguaio Daniel Viglietti que se tornaram já parte da cultura revolucionária da América Latina.

A convicção de que a Resistência ao imperialismo e ao neoliberalismo avançado saiu reforçada do Encontro de San Salvador.

Na foto da esquerda, o Comandante Urias. À direita, uma jovem das FARC

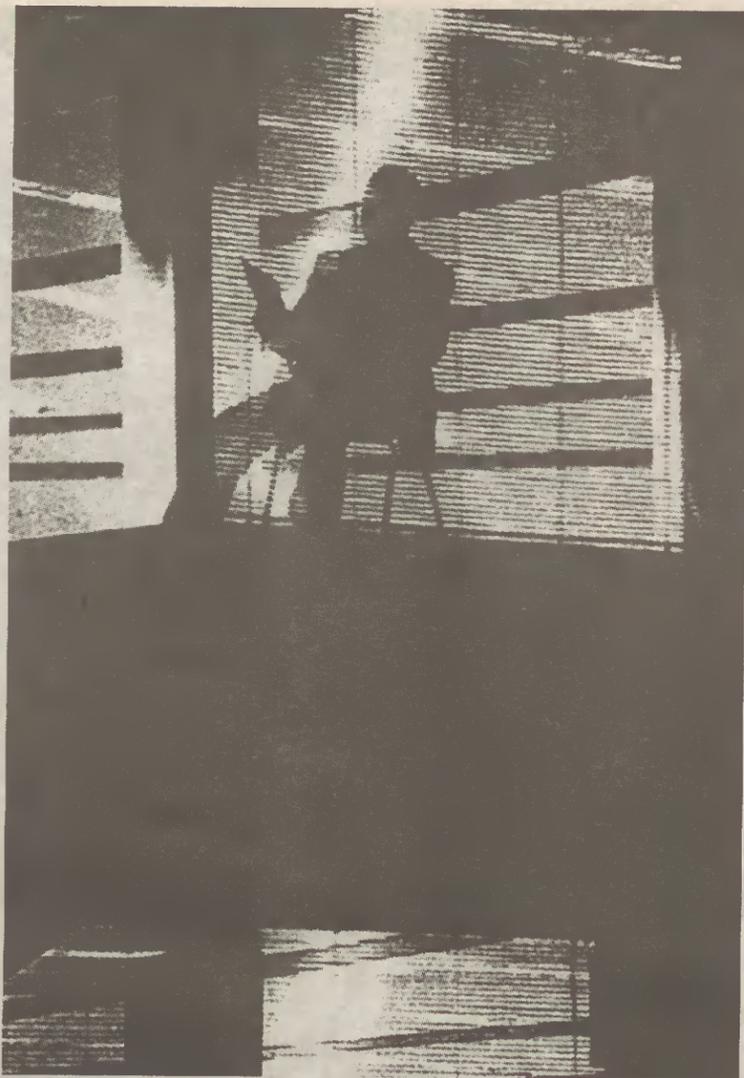
Catedral de San Salvador



Religiões

• Jorge Messias

Uma das características exigidas aos *Homens de Bilderberg* é a de terem, a par de uma clara visão política dos objectivos a atingir, uma grande facilidade de comunicação. Traços que podem reconhecer-se, sem esforço, no discurso habitual dos representantes dos «lobbies» que violam sistematicamente a nossa privacidade com mentiras e sofismas destinados a conduzir a opinião pública e o incauto telespectador. São os «opinion makers» que tantos êxitos têm recolhido na grande cavalgada neocapitalista. Esses fabricantes da opinião ocupam lugar cimeiro entre os *Homens de Bilderberg*. Facto que torna mais aliciante tentar-se a aventura de penetrar, um pouco, a couraça protectora desse enorme grupo de pressão. Usar-se-ão, exclusivamente, dados cruzados recolhidos nos comunicados de imprensa da Organização, no *Le Monde diplomatique* sob a anterior direcção, na revista *Visão*, no *Expresso* e no mensário do Vaticano, *30 Giorni*.



Os homens de Bilderberg (2)

Bilderberg não é uma tertúlia...

A ficção de que o grupo representaria apenas um ponto de encontro entre homens formados nos ideais da Justiça e da Liberdade não resistiu ao tempo. Em 1999, após algumas revelações verificadas no decurso de um inquérito do Parlamento Europeu, soube-se que **Romano Prodi**, presidente da Comissão do PE desempenhava, simultaneamente, as funções de moderador da Comissão de Estabilização do Grupo de Bilderberg. **Wim Duisenberg** era Tesoureiro da organização. **Mario Monti** que integrava a Comissão de Estabilização, tinha simultaneamente funções de direcção na *Trilateral*, como director do Aspen Institut. **Frits Bolkenstein**, dirigente da *Bilderberg*, dirigia igualmente o Royal Institute of International Affairs e o Council on Foreign Relations que, nos EUA reúne numa só organização todas as entidades políticas e administrativas laureadas, incluindo os ex-chefes de Estado. **Pedro Solbes Mira**, deputado no parlamento espanhol e ex-ministro das Finanças e da Agricultura, reconheceu ter sido membro dirigente da *Trilateral* como director da Secção Espanhola. **Chris Patten**, ex-governador de Hong-Kong, ligado às organizações caritativas não governamentais e dirigente desta área na *Comissão Trilateral*, foi identificado como elemento da direcção do *Grupo de Bilderberg*. No inquérito parlamentar outros nomes foram então referidos, como os de **Erikki Liikanen** e de **António Vitorino** descritos como altos dirigentes mundiais da organização. Nessa altura, o PE, consi-

derando as incompatibilidades reveladas, votou à desconfiança a *Bilderberg*. A chamada *elite global* viu-se na contingência de ceder um pouco na sua ficção de «tertúlia apaixonada», anunciando o afastamento voluntário de homens poderosos como Bill Clinton, Lionel Jospin, Tony Blair, Jacques Santer, Wim Duisenberg e muitos outros. O incidente ficou sanado, os homens de Bilderberg fizeram as pazes com o PE e tudo permaneceu como dantes.

É notório que o *Grupo de Bilderberg*, tal como outros seus congéneres (com relevo para o Opus Dei), prefere evitar os aspectos mais evidentes da pura clandestinidade e cultivar aquilo a que os ingleses chamam o «doublespeak» ou seja, usar sempre uma dupla versão dos factos: uma, a verdadeira, para consumo interno; a outra, fantasiosa e à margem de qualquer ética, fabricada expressamente para moldagem da opinião das grandes massas. Por isso, é princípio mantido pelos *Homens de Bilderberg* não divulgarem a verdadeira composição, quer dos seus quadros dirigentes quer da totalidade dos participantes nos seus «meetings». Conservando, todavia, a imagem pública de uma organização aberta e transparente. É neste sentido que divulgam, após cada uma das suas reuniões anuais, uma lista de reconhecidos participantes. Relação de nomes que, evidentemente, jamais pode ser conferida, visto que as reuniões se fazem à porta fechada.

Mesmo assim – ainda que deturpando a verdade – falar tem sempre os seus custos. É bem curioso conhecer-se, ainda que parcialmente, quem são os *Homens de Bilderberg*.

Pontos Cardeais

Mais do mesmo

De vez em quando – como se fosse um disco riscado que voltasse à mesma música – vem à baila a questão do papel das mulheres na política. Não nos queixamos, é certo que o debate deveria até ser aprofundado e desenvolvido com seriedade. Mas a forma como é tratado deixa as coisas mais nebulosas ainda. Trata-se de uma névoa propositada com que, de modo eleitoralista, se pretende abordar a importante questão que é a de saber de que modo se pode promover o acesso de mais mulheres a cargos de responsabilidade política. Há dias, o Diário de Notícias ia perguntar a Edite Estrela – olha quem! – se «as autarquias podem ser uma boa rampa de lançamento das mulheres na política». Passando sobre a «inocência» da pergunta (então as mulheres precisam de uma «rampa» assim), – a resposta é um mimo. Diz Edite: «O poder local tem revelado que elas são capazes de fazer o mesmo que os homens.» Alguém tinha dúvidas? Faltou acrescentar – para o melhor e para o pior... Agora, a segunda parte da resposta é que é contraditória. Diz ela que «as autarquias ganham com o exercício do poder feminino». Ganham onde? Certamente que não com ela em Sintra.

Manifestantes «violentos»

Mais um dos maléficos passos da violenta globalização capitalista está a ser dado pela União Europeia. Com efeito, o ministro da Administração belga – actualmente a Bélgica preside à UE, – enviou aos seus confrades homólogos dos outros governos dos 15 questionários sobre «medidas a aplicar» relativamente aos manifestantes violentos. Uma das medidas, que virá a ser discuti-

da no próximo Conselho, para o mês que vem, é a elaboração de ficheiros nacionais «com dados sobre os manifestantes considerados violentos».

Este «avanço» na concentração policial europeia não deixa de ser preocupante, apesar de os jornais portugueses parecerem achar que se trata de uma «boa medida». O que é um «manifestante violento»? Um provocador a soldo das polícias como se verificou em Itália entre as fileiras dos Black Block que prepararam as razias sobre Génova com a colaboração dos carabinieri? Um hooligan do futebol inglês? Um nazi de cabeça rapada? Ou um sindicalista que exige o pagamento de salários? Ou um comunista, o mais perigoso espécime de todos?

As polícias – isto é, os governos do capital – é que decidem.

O sucesso

Outra notícia que tem vindo a concitar a atenção dos *media* é a recolha de armas dos famigerados terroristas albaneses do UCK. «Foi um grande sucesso», terá dito um porta-voz da NATO comentando os resultados do primeiro dia, ao contabilizar as 400 armas entregues à chamada «Colheita Essencial». De facto, para quem prevê recolher um máximo de 3300 armas, apanhar logo 400 não é mau para um primeiro dia. Mas quando se fala de sessenta mil, já o caso muda de figura e coloca esta operação ao nível da reles propaganda. O próprio governo da Macedónia estima em cem mil as armas em poder do UCK e considera que esta operação o encoraja a conservar as armas e a prosseguir a guerra.

Mas o verdadeiro saldo – e bem sombrio – desta «Colheita» é a morte de um soldado britânico, cuja família já expressou a sua dor e o repúdio pela medida que empurrou o jovem para as terras da Macedónia.

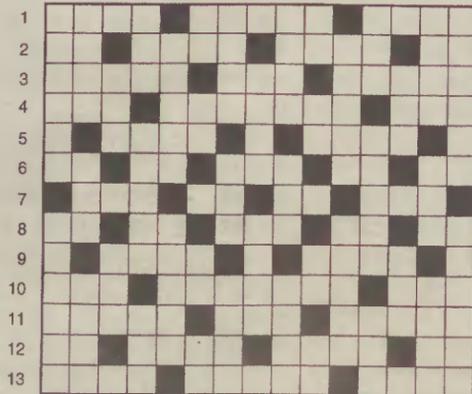
Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS: 1 – Tigelinha de porcelana onde se preparam aguadas; passagem subterrânea; nome vulgarmente dado ao carbonato de sódio. 2 – Sim, no dialecto provençal; magnete natural; macia; Actínio (s.q.). 3 – Tempestuosa; eternidade; magnetiza. 4 – Observar; viscosos; chefe etíope. 5 – Idades; guisado de carne (bras.). 6 – Igreja episcopal ou patriarcal; Arsénio (s.q.); botequim; nesse lugar; caminhais. 7 – Mil e cinco romanos; Lítio (s.q.); satélite de Júpiter; saudáveis. 8 – Nota musical; amerício (s.q.); germe (fig.); Astatino (s.q.); o sono das crianças. 9 – Estímulo; guarneceu com asas. 10 – Grande porção de água salgada; homem sem dignidade (fig.) (pl.); pano de arrás. 11 – Alvitra; nome de mulher; estimara. 12 – Sozinho; copo para dados; possuirá; Cádmiio (s.q.). 13 – Esfera; queimam; fêmea do leão.

VERTICAIS: 1 – Leito profundo e estreito de uma corrente (reg.) (pl.); célebre. 2 – Mineral terroso, pulverulento, usado como pigmento; avestruz; sobrepor. 3 – Discursiva; apelido de poeta português. 4 – Aqui está; que diz respeito à navegação; patriarca bíblico. 5 – Feiticeiros; referente a moinho. 6 – Tântalo (s.q.); aqueles; Rádio (s.q.); Cálcio (s.q.). 7 – Ligam; elemento de formação de palavras, de origem grega, que exprime a ideia de vida; remar para trás. 8 – Elege; estradas. 9 – Anéis de cadeia; curso natural de água; barco de recreio. 10 – Medida itinerária chinesa; suf. de agente; àquele; preposição. 11 – Planta têxtil; tostar. 12 – O tio americano; consumido; prejuízo. 13 – Sapo do Amazonas; o m.q. berne. 14 – Estraga; igualdade (pref.); curva de abóbada. 15 – Casualidades; atrevida.

SOLUÇÃO:
 HORIZONTAIS: 1 - Godê; tándel; soda. 2 - Oct; Oct; imant; hias; Ac. 3 - Irsas; evo; imana. 4 - Ver; gomozos; rás. 5 - Anos; ragn; 6 - Sc; 7 - A; b; 8 - Vol; 9 - Flo; rio; íale. 10 - Li; or; aor; em. 11 - Sisal; assar. 12 - Sam; gaste; mal. 13 - Dana; iso; arco. 15 - Aca; ousada.
 VERTICAIS: 1 - Co; vas; lamoso. 2 - Ore; ema; apor. 3 - Ore; Art. 4 - Fis; nava; No. 5 - Magos; molar. 6 - Tar; os; Ra; Ca. 7 - Unem; big; clar. 8 - Vol; Li; lo; sás. 9 - Ft; Am; ovo; Al; o. 10 - Mar; lacatos; res. 11 - Op; ina; Is; amara. 12 - Sg; orea; ter; Cd. 13 - Or; be; ardem; leoa.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15

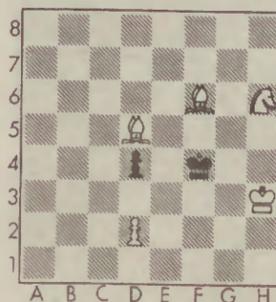


Xadrez

DCCCXI - 30 DE AGOSTO DE 2001
 PROPOSIÇÃO N.º 2001X29

Por: Sam Loyd
 «Saturday Courier», 1856

Pr.: [2]: Pd4 - Rf4
 Br.: [5]: Pd2 - Ch6 - Bs. d5, f6 - Rh3



Mate em 3 [três] lances

 SOLUÇÃO DO N.º 2001X29
 1. Bb1, d3; 2. Rg2, Rf4; 3. Rg3 #

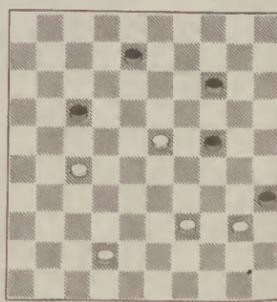
A. de M. M.

Damas

DCCCXI - 30 DE AGOSTO DE 2001
 PROPOSIÇÃO N.º 2001D29

Por: Iuskievitsi
 URSS, 1975

Pr.: [5]: 8-14-17-24-35
 Br.: [5]: 23-27-39-40-42



Branças jogam e ganham

 SOLUÇÃO DO N.º 2001D29
 1. 27-21, (35x33); 2. 21x3=D, (33-38); 3. 3x33!, (38x18); 4. 42-38, 5. 38-32/33 +

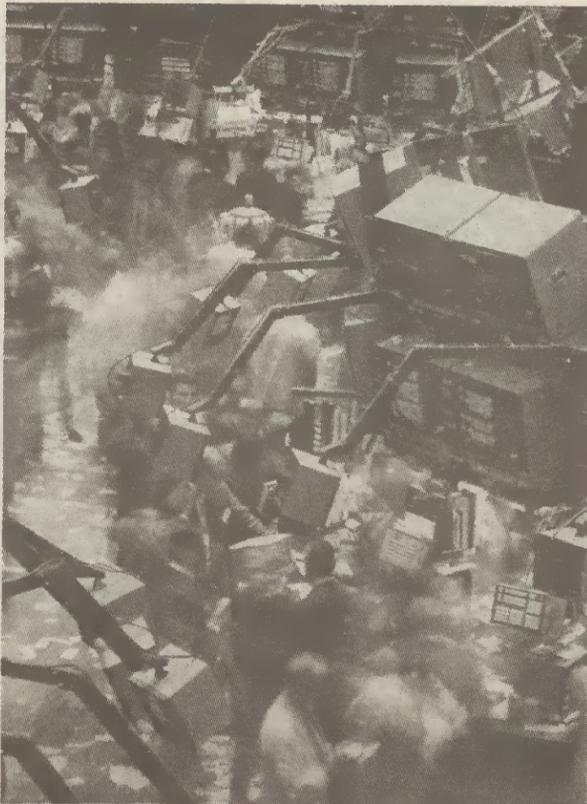
A. de M. M.

Comunicação

• Francisco Silva

N uma primeira fase, seguindo-se aos sucessivos aumentos das taxas de juro decretados pelo «Federal Reserve Bank» dos EUA, deram-se as quedas abruptas e generalizadas das cotações nas Bolsas das empresas ditas «tecnológicas» - uma Tecnologia com costas muito largas, mas referida sempre, de forma muito seclária, só a certos sectores mais na moda! Foi um rebentar da bolha especulativa, a atingir nomeadamente as empresas da «nova economia». Um rebentar considerado saudável pelos defensores da «velha economia», liderados pelos mesmos círculos financeiros que haviam cavalgado a tal bolha. Que, querendo-se «criar» valor para os accionistas, se tem sempre de fazer contas, deter activos, ter receitas, conter custos - sobretudo os laborais, pois claro -, conseguir lucros, etc., etc. Que, afinal, a economia não é só virtual!

Chamaram-lhes então, a essas empresas, as «dot-coms» porque os seus endereços na *Net* pertencem, regra geral, ao domínio «.com» (de comercial). Empresas que se dedicam ao comércio electrónico, à dispo-



A primeira crise da era da «nova economia»

nibilização de informação/conteúdos nos seus «sítios» ou que funcionam como pontos de entrada e passagem na *Web*, incluindo motores de busca, os portais, ou, ainda, que fornecem acessos à Internet (*ISP - Internet Service Providers*). E então o novo e moderníssimo milénio tem assistido às dificuldades e falências porque vão passando as *dot-coms*, principalmente as que se dedicam ao comércio electrónico e também à disponibilização de informação/conteúdos. O que, convenhamos, não era de todo inesperado nesta fase inicial de corrida ao ouro e tendo em conta o funcionamento capitalista das economias. Dramático para quem lhe sofre as piores consequências mas, repetimos, inesperado não.

Em paralelo, verdadeiros motores nesta fase das economias, as telecomunicações móveis, à medida que nos países mais desenvolvidos a sua «louca» taxa de crescimento dos últimos anos diminuía e ameaçava com a estagnação, eram submetidas a um tratamento complicado com vista a não perderem a sua qualidade de agulhão geral das economias. É então lançado o processo da terceira geração, o UMTS, com a qual se espera que, em convergência com a Internet, se possam manter crescimentos elevados com benefícios seja para os fabricantes de novas infra-estruturas e novos terminais, renovando para quantitativos muito mais importantes a «maravilha» que tinha sido o processo do telemóvel da segunda geração, o GSM, como para os operadores, aumentando, mudando de escala, o tráfego a cursar as suas redes e, sobretudo, ganhando em valores «acrescentados» permitidos pelas aplicações desenvolvidas para utilizar a Internet.

Jogando com o facto de as operadoras acharem que não

se podiam dar ao luxo de não entrar na terceira geração, os governos, numa proporção muito importante, lançaram-se também na corrida ao ouro através dos processos de licença que, em certos leilões, excederam imenso as suas expectativas. Necessitando de créditos fabulosos para pagarem as licenças e os investimentos em infra-estruturas, os operadores iam apanhando em cheio com o rebentar das bolhas. Por outro lado, a disponibilização da tecnologia UMTS revelou-se mais morosa que o esperado, o que, trazendo atrasos na rentabilização dos investimentos já efectuados ou acordados, também aliviou a cadência de novos investimentos... mais a mais dispondo-se de soluções para, ainda com a segunda geração, poder prosseguir com os seus planos de convergência com a Internet. Gerindo com algum êxito as dificuldades, contudo os operadores não puderam deixar de participar nos sucessivos *cracks* bolsistas, ajudando a bola de neve a acumular-se.

Finalmente, são os fabricantes de equipamentos para redes, de computadores, de terminais telemóveis, enfim, dos componentes, nomeadamente dos *chips* electrónicos, na base de todo este sector que dão de si porque a procura dos seus produtos vai descendo a pique. É uma quebra possivelmente conjuntural. Mas vai de despedir em massa - são essas as novidades brutais deste final de Julho de 2001. Talvez estejam os fabricantes a aproveitar a crise para procederem também a ajustamentos estruturais em consequência de «racionalizações» anteriores de processos produtivos! Não seria de admirar.

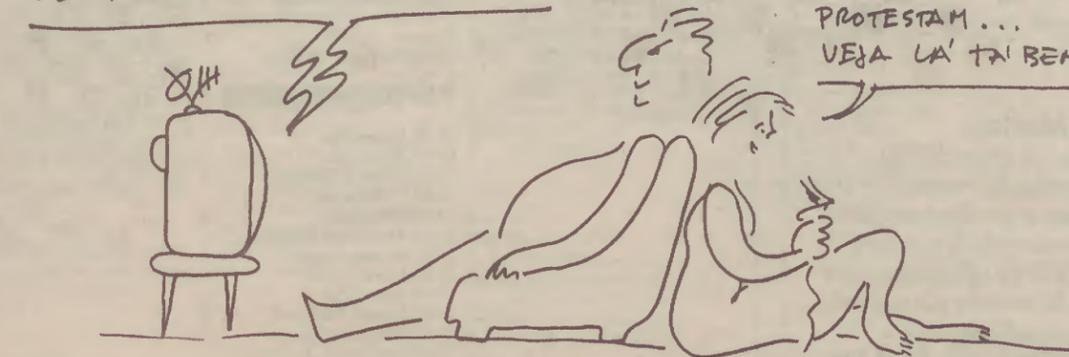
Tudo somado é o que se vê. Bem pode agora o «Federal Reserve Bank» proceder a sucessivas baixas das taxas de juro... Até porque o mal não é exclusivo da «nova economia», como foi afirmado até à exaustão.

Cartoon

• Monginho

O MINISTRO DA EDUCAÇÃO
RECORDA O SEU TEMPO
DE ESCOLA COMO...
"UMA EXPERIÊNCIA MAGNÍFICA"
EMBORA ELA NÃO SE ENCONTRE
NAS 100 MELHORES
DO PAÍS...

O SR. MINISTRO,
OLHE QUE HOJE
AS COBAIAS, FALAM...
PROTESTAM...
VEJA LA' TÁ BEM!



Pontos Naturais

• Mário Castrim

Breves

Privilégio

Um verso que ficasse
no fim deste poema
brilhante
como uns brincos de cereja
numas orelhas

as tuas

Assim

Ouve-se uma corrente
fluente
canto de paz
a caminho da foz.

O mar conhece já que somos nós.

Filosofia

A importância absoluta
das coisas
imensamente humildes
está por contabilizar.

Já reparaste no teu polegar?

Familiar

Não te envergonhes, Pedro...
Também nós precisamos de colo
de um carinho
em momentos supremos
e não temos, não temos.

Aproveita, Pedrinho.

Epigrama

Inteligência
que anda de muletas.
Tudo registado
em fichas. Tudo.

Que tristeza ser mudo...

História

Andar
com a razão
na mão
é voar.

Turismo

Dizem: é um lugar
paradisíaco.
Para já
tenho outra concepção.

Eu sou de cá.
Do chão.

Certo?

Se um espelho doce
fosse
por surpresa
um Raio X
(o sábio o diz)
muita beleza
em festa
seria mais modesta.

Cântico

Fecha os teus braços
laços
deixa-me sentir.
Abre os teus braços
lassos
deixa-me partir.

Partido

Tudo o que eu tenho, dar-te.
A vida, instante a instante
(talvez um pouco de arte...)
e nunca dar-te
o bastante.

ATVer

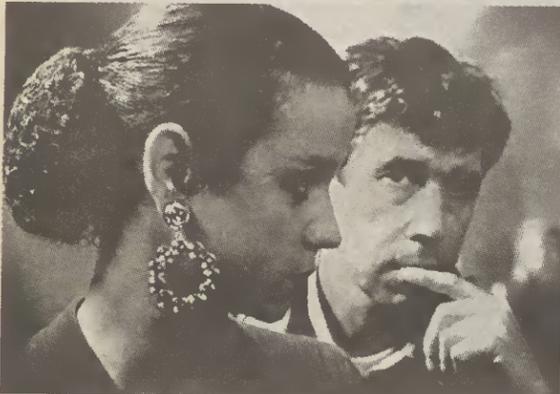
O caçador
caçado?
Laurence Olivier
e Gregory Peck
defrontam-se



Comandos da Morte

(Sexta-feira, 31, às 23.15, na RTP1)

Esta é uma semana fértil – não era sem tempo – de filmes a ver. Pelo menos na RTP. E só o espaço nos dita o número de filmes a destacar. Por isso convidamos o leitor a passar em revista, com maior atenção, a programação aqui ao lado, ressaltando, claro, a



Jogo de Lágrimas e de sombras...



Casino, pela mão de Scorsese



Só Pecados Mortais eram sete

possibilidade de as promessas não virem a ser cumpridas. Vamos então ao primeiro filme. Estes **Comandos da Morte**, uma realização de **Franklin J. Schaffner**, de 1978, interpretada por figuras que então ainda eram de relevo – e vivas na altura –, como **Laurence Olivier**, **Gregory Peck** e **James Mason**. Trata-se da história de um caçador de nazis, na América do Sul, que descobre uma estranha conspiração para «fabricar» «clones» de Hitler. Um quarto de século depois, o filme tem uma curiosa actualidade...

Desafio Total

(Sábado, 1, às 16.30, na SIC)

Este filme é mesmo para a gente se distrair. Protagonizado pelo espesso e inefável **Schwarzenegger**, no seu eterno papel de Conan, seja do passado seja do presente ou do futuro, a acção desenrola-se no século XXI – que é o actual, para quem não se lembre disso... De qualquer modo é no futuro, bastante ficcionado, que a coisa se passa, com a «esposa» do herói, **Sharon Stone**, a atraí-lo e ele a descobrir que tinha sofrido uma lavagem ao cérebro, posto o que se desloca a Marte para resolver a questão. A realização é do holandês **Paul Verhoeven**, e está carregada de efeitos especiais, que mereceram um Oscar.

O Silêncio dos Inocentes

(Sábado, 25, às 02.50, na SIC)

No mesmo «dia», já lá pela madrugada, mais um filme de pura distração e... terror. É o primeiro de uma série que promete, já que saiu recentemente uma «sequela» deste «Hannibal Cannibal». Protagonizado por **Anthony Hopkins**, a quem valeu um Oscar e a merecida fama que vem acoplada, foi realizado em 1991 por **Jonathan Demme**. Trata-se de uma obra violenta, onde a violência se constata pelos seus resultados e menos pela sua encenação, mas sobretudo terrível pelo ambiente, pelo suspense e pelos diálogos, onde pontificam as personagens de **Hopkins** e de **Jodie Foster**.

Beleza Roubada

(Domingo, 2, às 22.50, na RTP2)

Escolhemos esta película por ter sido realizada por um grande do cinema, **Bernardo Bertolucci**, e não pelos méritos de um filme que, confessamos, não vimos. Segundo a ficha fornecida pela RTP, trata-se de uma história nostálgica e intimista, rodada em Itália, numa produção italo-britânica datada de 1996. De assinalar a participação de **Jeremy Irons**, ao lado de **Liv Tyler**, e o regresso de um fantasma: **Jean Marais**. A ver vamos.

Jogo de Lágrimas

(Segunda-feira, 3, às 00.45, na RTP1)

Quem nunca viu este filme de **Neil Jordan**, poderá pensar, nas primeiras sequências, estar na presença de uma história política, na medida em que este se desenrola na base de uma intriga que mete um grupo do IRA, um rapto de um soldado inglês, negro – magnificamente interpretado **Forest Whitaker** – e peripécias político-militares passadas na Irlanda do Norte. Nada disso. A história funciona apenas como pretexto de um envol-

vente mistério que se desvenda numa insuportável realidade. O filme teve seis nomeações para oscares. Mas era certamente subversivo de mais para alcançar um que fosse.

Casino

(Segunda-feira, 3, às 23.10, na RTP1)

Mais um filme que sugerimos por o realizador ser quem é – **Martin Scorsese**. Realizado em 1995, nos Estados Unidos, por este mestre que muito bem se move nas histórias de Mafía, **Casino** baseia-se em factos verídicos, partindo de um romance de **Nicholas Pileggi**, que participa na feitura do argumento. A ganância e a violência, desta vez em Las Vegas. Com um elenco formidável, onde pontificam **Robert De Niro**, **Sharon Stone** e **Joe Pesci**.

Sete Pecados Mortais

(Quarta-feira, 5, às 23.30, na RTP1)

A terminar as sugestões da semana, um dos thrillers mais sedutores e envolventes, que se levam até ao fim no crescendo de suspense. A história, «policial», é a de um psicopata que põe a polícia atrás de si, fornecendo pistas a cada um dos crimes que pratica. Realizado em 1995, nos EUA, por **David Finch**, com **Brad Pitt**, **Morgan Freeman** e **Gwyneth Paltrow** nos principais papéis.

Quinta, 30

▼ RTP1

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.25 Pedra sobre Pedra
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
16.00 Vidas Cruzadas
16.45 Privilégio de Amar
17.30 Meu Pé de Laranja-Lima
18.45 Quebra-Cabeças
19.15 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Histórias da Vida como Ela É
21.30 Ballet Rose
22.30 Grande Repórter
23.30 Fados
00.05 «Massagens de Corpo Inteiro» (de Nicolas Roeg, EUA/1995, com Mimi Rogers, Bryan Brown, Gareth Williams. *Drama*)
01.45 24 Horas
02.15 «Código de Ética» (de Redge Mehaffey, EUA/1997, Roddy Piper, Trevor Goddard. *Fantástico*)

▼ RTP2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 Longa Metragem
16.00 Euronews
16.30 Informação Gestual
17.30 Por Outro Lado
18.30 Informação Religiosa
19.00 África de Baixo Acima
19.30 Espaço Infantil

Sexta, 31

▼ RTP1

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.25 Pedra sobre Pedra
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
16.00 Vidas Cruzadas
16.45 Privilégio de Amar
17.30 Meu Pé de Laranja-Lima
18.45 Quebra-Cabeças
19.15 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Histórias da Vida como Ela É
21.30 Ballet Rose
22.30 Histórias da Noite
23.15 «Comandos da Morte» (de Franklin J. Schaffner, EUA/1978, com Laurence Olivier, Gregory Peck, James Mason, Lili Palmer. *Ver Destaque*)
01.30 24 Horas
02.00 «Lulu on the Bridge» (de Paul Auster, EUA/1998, com Harvey Keitel, Mira Sorvino, Willem Dafoe. *Drama*)

▼ RTP2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 Longa Metragem
16.00 Euronews
16.30 Informação Gestual
17.30 Por outro Lado
18.30 Informação Religiosa
19.10 Basquetebol
21.00 Sobre-Humano

Sábado, 1

▼ RTP1

07.30 Infantil/Juvenil
13.00 Jornal da Tarde
14.00 Top +
15.15 «Regresso à Escola» (de Alan Metter, EUA/1986, com Rodney Dangerfield, Sally Kellerman, Burt Young. *Comédia*)
17.15 Documentário
19.00 Futebol: Andorra-Portugal
21.00 Telejornal
23.00 Sábado à Noite
24.00 Lei Marcial II
01.00 24 Horas
01.20 «Morto a Tiro» (de John Frankenheimer, EUA/1989, com Don Johnson, Penelope Ann Miller, William Forsythe. *Policial*)

▼ RTP2

07.00 Euronews
09.40 «Na Pista da Pantera» (de Blake Edwards, EUA/1982, com Peter Sellers. *Comédia*)
12.00 Iniciativa
14.00 Roma: Poder e Glória
15.00 Desporto 2
19.30 «Glória» (de Manuela Viegas, Port/1997, com Jean-Christophe Bouvet, Francisco Relvas, Raquel Marques. *Drama*)
21.00 Encontros de África
21.30 Bombordo
22.00 Bem... Você Percebe?
22.30 Jornal 2
22.50 O Lugar da História – Cartago
24.00 Briteom («Adrain Mole» em estreia)
01.00 «Tatuagem» (de Bigas Luna, Esp/1977, com Carlos Ballesteros. *Drama*)

▼ SIC

07.00 Zip Zap
11.00 Uma Aventura
12.00 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Malucos do Riso
14.20 «007, Ao Serviço de Sua Majestade» (de Peter Hunt, EUA/1969, com George Lazenby, Diana Rigg, Telly Savalas. *Drama*)
16.30 «Desafio Total» (de Paul Verhoeven, EUA/1990, com Arnold Schwarzenegger, Sharon Stone. *Ver Destaque*)
19.10 Mundo VIP
20.00 Jornal da Noite
21.30 Malucos do Riso
22.00 Sai de Baixo
23.00 Jerry Springer Show
01.50 Sexappeal
02.50 «O Silêncio dos Inocentes» (de Jonathan Demme, EUA/1991, Jodie Foster, Anthony Hopkins, Scott Glen. *Ver Destaque*)

▼ TVI

08.00 Animação
10.45 Top Rock
12.00 Reportagem
13.00 TVI Jornal



«Ballet Rose», outra reposição

20.00 Sabrina
21.00 2010
22.00 RTP Economia
22.00 Acontece
22.30 Jornal 2
22.50 Começar de Novo
23.40 «Tudo Vai Bem» (de Jean-Pierre Gorin e Jean-Luc Godard, Fr/1972, com Yves Montand, Jane Fonda. *Comédia*)

▼ SIC

08.00 Buérré
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.00 A Viagem
16.15 New Wave
17.00 Um Anjo Caiu do Céu
18.00 Ganância
19.00 A Padroeira
20.00 Jornal da Noite
21.15 Porto dos Milagres
22.15 Querido Professor
23.30 Sai de Baixo
00.30 Jerry Springer Show
01.20 «Máquina de Matar» (de David Mitchell, 1994, com Jeff Wincott. *Triller*)
03.20 Portugal Radical

▼ TVI

08.30 Aquanauts
09.00 Animação
12.00 Errar É Humano
13.00 TVI Jornal
14.00 Chiquititas
15.45 Animação Infantil
17.15 Sétimo Papiro
18.00 Marés Vivas
19.00 Super Pai
20.00 Jornal Nacional
21.00 Olhos de Água
22.00 «Regresso ao Inferno» (de Tony Cinciripini, EUA/1996, com Rosanna Arquette, William Forsythe, Angelina Jolie. *Drama*)
00.10 Maggie

22.00 Acontece
22.30 Jornal 2
22.50 Começar de Novo
23.40 «Estrada Americana» (Longa Metragem)

▼ SIC

08.00 Buérré
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.00 A Viagem



«A Vida Como Ela É»: histórias quase sempre curiosas de Nelson Rodrigues, em reposição

16.15 New Wave
17.00 Um Anjo Caiu do Céu
18.00 Ganância
19.00 A Padroeira
20.00 Jornal da Noite
21.15 Porto dos Milagres
22.15 Querido Professor
23.30 Sai de Baixo
00.30 Jerry Springer Show
01.20 «Beleza Secreta» (de Sam Silver, EUA/1999, com. *Erótico*)
03.30 Portugal Radical

▼ TVI

08.30 Aquanauts
09.00 Animação
12.00 Errar É Humano
13.00 TVI Jornal
14.00 Chiquititas
15.45 Animação Infantil
17.15 Sétimo Papiro
18.00 Marés Vivas
19.00 Super Pai
20.00 Jornal Nacional
21.00 Olhos de Água
22.00 Em Nome do Dever
02.25 Maggie
02.55 A Herança

14.00 Contra-Ataque
14.45 4ª a Fundo
15.00 Caras Lindas
17.15 Olhos de Água
18.00 «Herbie, um Amor de Carro» (de Peyton Reed, EUA/1995, com Bruce Campbell, John Hannah. *Comédia*)
20.00 Jornal Nacional
21.00 Super Pai
22.00 Olhos de Água
24.00 «Armadilha sem Volta» (de Eric Delabarre, EUA/2000. *Thriller*)
02.00 Lux
02.50 «Um Estranho na Cidade» (de Alan Wade, 1997, com Christian Slater, Robin Tunney.)

Domingo, 2

▼RTP1

07.30 Infantil/Juvenil
12.30 Planeta Azul
13.00 Jornal da Tarde
15.00 Made in Portugal
16.15 «O Homem da Máscara de Ferro» (de Mike Newell, R. Unido/1976, com Richard Chamberlain, Patrick McGeehan. *Aventura*)
18.30 Domingo Desportivo
20.00 Telegiornal
21.00 No Limite
21.50 Milionários à Força
22.50 JAG - Em nome da Justiça
23.50 «Glória» (de Sidney Lumet, EUA/1999, com Sharon Stone, Jean-Luc Figueroa. *Drama*)
01.35 Teledependentes
02.20 24 Horas
02.40 «O Último dos Inocentes» (de Roger Spottiswoode, EUA/1986, com Ed Harris, Roxanne Hart. *Drama*)

▼RTP2

07.00 Euronews
09.00 Programa Religioso
10.30 Missa
12.00 Nós e os Animais
12.30 Palácio de Cristal
13.30 Quem Sai aos Seus
14.00 Desporto 2
18.15 Trilogia do Botswana (2)
19.30 Os Miséráveis
20.30 Onda Curta
21.00 Simpsons
21.30 Artes e Letras - O Museu Guggenheim
22.30 Jornal 2
22.50 «Beleza Roumada» (de Bernardo Bertolucci, It. Unido-Fr/1996, com Liv Tyler, Jeremy Irons, Sinead Cusack. *Ver Destaque*)
00.55 História do Cinema Português (4)
01.55 2010

▼SIC

07.00 Zip Zap
12.00 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Médico de Família
15.00 «Forniga Z» (de Eric Darnell e Tim Johnson, EUA/1997, vozes de Woody



Cremilda Gil, intérprete de «Olhos de Água»

Allen, Stallone, Walken, Hackman e outros.
Animação
17.30 «O Feitiço» (de Andrew Fleming, 1996, com Robin Tunney, Neve Campbell. *Fantástico*)
20.00 Jornal da Noite
21.10 Maluco do Riso
21.40 Sai de Baixo
22.40 Longa Metragem
00.40 Jerry Springer Show
01.30 «Disposta a Tudo» (de Gus Van Sant, EUA/1995, com Nicole Kidman, Matt Dillon. *Thriller*)

▼TVI

08.30 Animação
10.00 Cerimónias Religiosas
13.00 TVI Jornal
13.45 Dawson's Creek
16.00 «Sensibilidade e Bom Senso» (de Ang Lee, EUA/1995, com Emma Thompson, Alan Rickman, Kate Winslet. *Drama*)
18.00 «Perdidos no Triângulo das Bermudas» (de Norberto Barba, EUA/1998. *Thriller*)
20.00 Jornal Nacional
21.00 Olhos de Água
22.00 Big Brother III
24.00 «Predadores de Nova Iorque» (Longa Metragem)
02.00 «Vermelho Escaldante» (de Paul Haggis, Canadá/1993, com Barthazar Getty, Carla Gugino)



«Os Miséráveis» (falsamente anunciado há semanas) é uma promessa para o próximo domingo. Na RTP2

Segunda, 3

▼RTP1

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.25 Pedra sobre Pedra
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
16.00 Vidas Cruzadas
16.45 Privilégio de Amar
17.30 Meu Pé de Laranja-Lima
18.45 Quebra-Cabeças
19.15 Regiões
20.00 Telegiornal
21.00 A Senhora das Águas
22.00 Sorte Grande
23.10 «Casino» (de Martin Scorsese, EUA/1995, com Robert De Niro, Sharon Stone, Joe Pesci. *Ver Destaque*)
00.15 24 Horas
00.45 «Jogo de Lágrimas» (de Neil Jordan, EUA/1992, com Stephen Rea, Forest Whitaker, Miranda Richardson. *Drama*)
02.05 «As Melhores Amigas» (de Marcello Cesena, It/1998, com Stefania Rocca, Simona Cavallari, Vanessa Marini. *Comédia. Telefilme*)

▼RTP2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 «Inavosores» (de Michael Powell, R. Unido/18941, com Laurence Olivier, Eric Portman, Leslie Howard. *Drama. Guerra*)
16.30 Informação Gestual
17.30 Fronteira Ocidental
18.30 Informação Religiosa
19.00 Rotações
19.30 Espaço Infantil
20.30 Sabrina
21.00 Jackie por Detrás do Mito
22.00 Acontece
22.30 Jornal 2
22.50 Começar de Novo
23.40 Artes de Palco (Concerto de Abertura de «Porto 2001»)

▼SIC

08.00 Buéréré
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.00 A Viagem
16.15 New Wave
17.00 Um Anjo Caiu do Céu
18.00 Ganância
19.00 A Padroeira
20.00 Jornal da Noite
21.15 Porto dos Milagres
22.30 Confiança Cega
24.00 Noites Marcianas
02.05 Jerry Springer Show

▼TVI

08.30 Mundo Marinho
09.30 Animação infantil
11.45 Olho Vídeo
13.00 TVI Jornal
14.00 112
14.30 Chiquititas
15.45 Animações Infantis
18.00 Marés Vivas
19.00 Super Pai
20.00 Jornal Nacional
21.00 Super Pai
20.00 Jornal Nacional
21.00 Crianças S.O.S.
22.00 Olhos de Água
23.10 Longa Metragem
01.10 Desafio Total
02.10 Net
03.10 Maggie

Terça, 4

▼RTP1

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
11.30 Pedra sobre Pedra
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
16.00 Vidas Cruzadas
16.45 Privilégio de Amar
17.30 Meu Pé de Laranja-Lima
18.45 Quebra-Cabeças
19.15 Regiões
20.00 Telegiornal
21.00 Senhora das Águas
22.00 Longa Metragem
23.50 Histórias da Noite
00.35 24 Horas
01.05 «Iluminata» (de John Turturo, EUA/1998, com John Turturo, Katherine Borowitz, Susan Sarandon, Christopher Walken. *Comédia*)
03.15 Longa Metragem

▼RTP2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 «A Vida do Coronel Blimp» (de Michael Powell e Emeric Pressburger, R. Unido/1943, com Anton Walbrook, Deborah Kerr. *Drama. Guerra*)
16.30 Informação Gestual
17.30 Fronteira Ocidental
18.30 Informação Religiosa
19.00 Bombordo
19.30 Espaço Infantil
20.20 Sabrina
20.50 Fenómeno
22.00 Acontece
22.30 Jornal 2
23.20 Começar de Novo
00.10 «Corre, Lola, Corre» (de Tom Tykwer, Alem/1998, com Franka Potente, Moritz Bleibtreu. *Comédia*)
01.40 Rotações

▼SIC

08.00 Buéréré
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.00 A Viagem
16.15 New Wave
17.00 Um Anjo Caiu do Céu
18.00 Ganância
19.00 A Padroeira
20.00 Jornal da Noite
21.15 Porto dos Milagres
22.30 Confiança Cega
23.00 Sai de Baixo
24.00 Noites Marcianas
02.05 Jerry Springer Show

▼TVI

08.30 Mundo Submarino
09.00 Animação Juvenil
11.45 Olho Vídeo
13.00 TVI Jornal
14.00 112
14.30 Chiquititas
15.45 Animações Infantis
18.00 Marés Vivas
19.00 Super Pai
20.00 Jornal Nacional
21.00 Bora Lá Marina
21.45 Olhos de Água
22.45 Longa Metragem
00.45 Ally McBeal
01.55 Maggie

Nota:

A Redação não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição

Quarta, 5

▼RTP1

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
11.15 Pedra sobre Pedra
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
16.00 Vidas Cruzadas
16.45 Privilégio de Amar
17.30 Meu Pé de Laranja-Lima
19.00 Futebol: Chipre-Portugal
21.30 Telegiornal
22.30 A Senhora das Águas
23.30 «Sete Pecados Mortais» (de David Fincher, EUA/1995, com Brad Pitt, Morgan Freeman, Gwyneth Paltrow. *Ver Destaque*)
01.20 24 Horas
01.50 «O Sangue dos Outros» (de Claude Chabrol, Fr/1983, com Jodie Foster, Michael Ontkean, Sam Neill. *Drama*)

▼RTP2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 «Um Caso de Vida ou de Morte» (de Michael Powell e Emeric Pressburger, R. Unido/1946, com David Niven, Roger Livesey, Raymond Massey. *Fantástico*)
16.30 Informação Gestual
17.30 Fronteira Ocidental
18.30 Informação Religiosa
19.00 Onda Curta
19.30 Espaço Infantil
20.20 Sabrina



21.00 Pós de Bem Querer
22.00 Acontece
22.30 Jornal 2
23.20 Começar de Novo
00.10 «Os Cômicos Maravilha» (Telefilme)

▼SIC

08.00 Buéréré
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.00 A Viagem
16.15 New Wave
17.00 Um Anjo Caiu do Céu
18.00 Ganância
19.00 A Padroeira
20.00 Jornal da Noite
21.15 Porto dos Milagres
22.30 Confiança Cega
23.00 Sai de Baixo
24.00 Noites Marcianas
02.05 Jerry Springer Show

▼TVI

08.30 Aquanautas
09.00 Animação Juvenil
12.00 Olho Vídeo
13.00 TVI Jornal
14.00 112
14.30 Chiquititas
15.45 Animações Infantis
18.00 Marés Vivas
19.00 Super Pai
20.00 Jornal Nacional
21.00 Tie Tac Milionário
21.10 Olhos de Água
22.10 Ri-te, Ri-te
01.10 Longa Metragem
02.20 Maggie
02.50 Alta Velocidade

TVisto

Correia da Fonseca

A indústria do escaravelho

A aparição de Carlos Cruz a apresentar na SIC o «Jerry Springer

Show», por cá curiosamente intitulado de «O Grande Desastre Americano», suscitou vários comentários penalizados. O caso é que o programa tem a reputação de ser a coisinha mais reles e inescrupulosa do panorama televisivo USA, assim no género de «O Programa do Ratinho», droga brasuca de que a TVI chegou a administrar-nos duas doses a título experimental e que de facto provou merecer a classificação de nojento. Pois o programa de Jerry Pringer tem essa fama, e o que dele até agora se viu explica-a. Ora, como se sabe e é consensual, a vocação de Carlos Cruz exemplificada ao longo de muitas décadas de trabalho não é precisamente a de trabalhador nos

construindo com excrementos dos herbívoros bolas mal-cheirosas onde irá depositar os seus ovos. Quando, dia após dia, alimenta os seus telenoticiários com cadáveres, torna-se equiparada aos abutres e outras aves necrófagas de reputação muito abaixo da higiene. Quanto a este aspecto, como toda a gente pôde dar por isso saiu-lhe há dias a sorte grande com o terrível crime cometido na praia por amaríssima ironia chamada do Futuro, em Fortaleza, Brasil. Escusado é dizer que, dada a dimensão e as sinistras peculiaridades do massacre, era não apenas justificado mas até imperioso noticiá-lo com destaque. Deve até acrescentar-se que, sem dúvida graças às especiais relações com a TV brasileira em consequência da sua ligação com a Globo, a SIC destacou-se inicialmente pela rapidez da informação e a sua justeza. Porém, todas as estações deslizaram rapidamente para o excesso e, objectivamente, para o negócio macabro de mercantilizarem a tragédia. O ponto mais baixo, a que outras explicitamente se recusaram, foi a transmissão de imagens vindas do Brasil onde repetidamente surgiam em primeiro plano os cadáveres das vítimas desenterradas já depois de alguns dias de decomposição. Bem se sabe que o objectivo de coisas destas é o desferir o clássico soco no estômago das audiências ávidas de estímulos mórbidos. Mas, como lembrou Marcelo Rebelo de Sousa durante o seu habitual comentário de domingo, podiam ao menos ter-se lembrado do efeito daquelas imagens na sensibilidade dos familiares dos mortos. Marcelo não o disse exactamente assim, afinal estava na estação que as havia transmitido e que lhe permite ser televedeta com os dividendos sociopolíticos que daí lhe advém, mas sugeriu-o de um modo «soft» que foi suficientemente claro.

Avisar a malta

O que me parece importante, porque exemplarmente significativo, é que o tratamento dado ao massacre no Brasil, ampliado até ao inaceitável por motivações comerciais nas mascaradas como sempre de critérios jornalísticos, e o sacrifício de um bom profissional no altar do populismo mais reles, acabam por formar um retrato nítido da TV que resulta da hegemonia esmagadora dos interesses privados que a decidem. Como se escreveu, o primeiro caso torna-se semelhante aos pássaros que se tornaram símbolos dos mais repugnantes hábitos alimentares; o segundo caso situa-a ao nível da manipuladora de excrementos. Não é bonito nem cheira bem, mas permite a apropriação de dividendos de diversa ordem além do mais importante: a redução do público, isto é, do povo, à condição de ávido consumidor de um produto tóxico, anestesiantes e emparvededor. Por estas e por outras é que, como escreveu o poeta, é preciso avisar toda a gente. Mesmo sabendo-se que a tarefa está votada à ineficácia, que é praticamente impossível. É que a vida ensina ter havido já muita coisa impossível que só o foi até um dia.

Necrologia

Entretanto, enquanto a SIC investe no lixo made in USA, a generalidade das estações portuguesas de televisão investe diariamente na violência, na desgraça e no sangue. Quanto opta pela porcaria, torna-se parecida com o escaravelho que, como se sabe, faz pela vida

A talhe de foice

• Domingos Mealha

Palavras e contas

As lições de Bento de Jesus Caraça não foram ainda levadas até onde ele soube mostrar que é necessário. Deixemos por um momento outras áreas nobres do saber e fiquemo-nos apenas pelos números. Com polémicas colaterais, veio agora o relatório das escolas mostrar como a Matemática é maltratada num sistema de ensino que sofre tantas malfeitorias. Fizesse alguém experiência semelhante entre os figurões e figurinhas que compõem o ramalhete da chamada classe política, alargando o painel até ao universo dos comentadores e dos reprodutores de opinião, e teríamos matéria para confirmar cientificamente que eles se dão muito melhor com palavras do que com contas. As boas excepções não desmentiriam certamente a regra da preferência pelo verbo.

A simples, mas atenta, observação não especializada põe a nu a má convivência com números e contas que a generalidade das práticas políticas denota. Ficou célebre o episódio em que o actual primeiro-ministro foi apanhado quando teve que concretizar em números o seu linguajar pré-eleitoral a propósito do PIB. Bom, terá sido lapso e não é preciso trazer na ponta da língua aquilo que pode ser guardado em arquivos mais consistentes. Admitamos.

Pior é quando as contas desmentem as palavras e mostram a fragilidade do verbo. Uma frase pode ser retorcida, uma ideia pode ser encoberta ou travestida, em princípio defendido hoje pode amanhã ter um inverso no seu pedestal. Uma conta, não: só pode estar certa ou errada.

Primeiro estão as pessoas, diziam os que governam o País com verbo de esquerda e contas de direita.

Afinal, primeiro estão as mesmas pessoas de sempre: os mais ricos, que acumulam cada vez mais riqueza, separados dos mais pobres por uma distância crescente.

São igualmente contas que desdizem a tantas vezes prometida aproximação das médias europeias: pagamos o mesmo, sim senhor, mas continuamos a receber em Portugal ordenados muito distantes dos demais catorze, por exemplo. Mais índices houvesse e mais vezes veríamos Portugal na cauda... embora nas palavras isso se possa traduzir como um confortável lugar no pelotão da frente.

Justiça social e igualdade de oportunidades abundam nos discursos oficiais, o desenvolvimento baptiza todas as inaugurações, a reforma fiscal até ganhou forma de lei. As contas estragam o verbo: os grandes grupos financeiros pagam de imposto sobre os seus milionários lucros na banca metade da taxa normal de IRC, enquanto nos primeiros sete meses do terceiro milénio continuou a ser o IRS pago pelos trabalhadores a parcela que mais cresceu nas receitas do Estado.

A paixão pela educação desfaz-se nas contas que diminuem, de facto e com graves riscos, o orçamento das universidades públicas. A devoção para com a saúde não resiste ao confronto com os grupos privados, que da doença fazem negócio – e lá estão as contas, tanto nos medicamentos como na gestão hospitalar concessionada, a mostrar que vão só para alguns as preferências de quem recebeu mandato para governar em nome do País todo.

Confrontar as declarações dos responsáveis políticos com os resultados da sua acção é um saudável exercício democrático. Para 16 de Dezembro, a propósito, está marcada uma prova de avaliação dos políticos que dirigem as autarquias locais.

Os dias que restam até ao acto eleitoral proporcionarão boas ocasiões para os eleitores exigirem contas aos partidos e aos homens e mulheres em quem votaram há quase quatro anos. Há, logo nisto, uma força que se distingue por ter como norma a prestação de contas à população, enquanto outros assobiam para o ar, porque, muitas vezes, nem sequer escreveram um programa eleitoral.

As contas não-de provar que, na política como na Matemática, gente séria é outra coisa. Firmes neste alicerce, vamos prosseguir o esforço de esclarecimento transformador em que também se empenhou Bento de Jesus Caraça.

Trabalhadores do sector químico do Norte em luta

Situação inflamável

Os trabalhadores da CETAP, empresa do sector químico sediada em Espinho, fizeram greve anteontem para exigir a actuação da Inspeção do Trabalho no sentido de lhes ser pago o subsídio de férias, em atraso.

A empresa, que emprega cerca de 110 trabalhadores, ficou totalmente paralisada graças à adesão à greve de cerca de 90 por cento dos trabalhadores, dos quais a grande parte de deslocou ao Porto para, junto da delegação da Inspeção do Trabalho, exigir o pagamento atempado dos salários e do subsídio de férias em falta.

O Sindicato dos Trabalhadores da Química, Farmacêutica, Petróleo e Gás do Norte acusa que há muitos anos que os trabalhadores «não recebem os seus salários, o subsídio de férias e o subsídio de Natal a tempo e horas, conforme determina a lei» e lembra que, este ano, «receberam o salário de Junho às 16 horas do dia 7 de Agosto e não lhes foi pago o subsídio de férias a que tinham direito, sendo que os salários nunca são pagos nas datas contractualmente previstas».

O Sinorquifa/CGTP-IN continua o seu comunicado

afirmando que a concentração junto à delegação do IDICT se deve ao facto deste organismo nunca ter sancionado a administração da CETAP por estes procedimentos, «apesar dos múltiplos pedidos de intervenção» feitos pelos trabalhadores e pelo sindicato.

Em declarações ao Avante!, Santos Silva, dirigente do Sinorquifa, afirmou que da mani-

festação resultou a garantia por parte do IDICT de que, na próxima semana, realizaria uma inspecção à empresa, acompanhado por delegados sindicais. O dirigente considerou tratar-se isto de uma meia vitória, pois bastava verificar os recibos de vencimento dos trabalhadores e não esperar uma semana por uma inspecção a uma empresa que se situa apenas a 18 quilómetros da sede da Inspeção do Trabalho. Até porque o fim do mês já aí está. Caso não resulte nada da inspecção, os trabalhadores garantiram continuar a

luta, deslocando-se ao Porto sempre que necessário.

Outras lutas

Também na delegação do Norte da Petrogal reina o descontentamento, pois os trabalhadores «têm constatado a persistente política de discriminação salarial prosseguida pela administração da empresa, que, desrespeitando o consignado no Acordo de Empresa, na Lei Geral do Trabalho e na Constituição da República Portuguesa, atribuiu recentemente um bónus de gestão sustentado em critérios subjectivos que mais não visa do que dividir os trabalhadores», acusa o Sinorquifa que considera que estas medidas pretendem criar aos trabalhadores dificuldades acrescidas ao processo negocial, que retomará no próximo mês de Setembro.

Para combater esta situação, os trabalhadores da empresa subscreveram um abaixo-assinado já remetido ao presidente da Comissão Executiva da Petrogal que, em pleno período de férias, recolheu 342 assinaturas, num universo de 600 trabalhadores, onde se exige que sejam negociadas com os sindicatos formas de corrigir a «injustiça praticada pelo

modo como foi atribuído o bónus de gestão».

No mesmo ramo, a Molin continua em luta pela recuperação dos postos de trabalho de cerca de 160 pessoas. No último número do boletim sindical do Sinorquifa, dedicado exclusivamente a esta situação, é lembrada a luta dos trabalhadores e do sindicato contra o encerramento da empresa e são dados a conhecer os esforços feitos em prol da empresa e algumas tomadas de posição sobre o encerramento da única fábrica de material escolar e de precisão para desenho. O requerimento do deputado comunista Honório Novo questiona as razões pelas «quais uma empresa única no País quer encerrar as portas, não explica os erros de gestão que terá eventualmente cometido com investimentos mal sucedidos e cujos reflexos caem agora sobre a unidade produtiva de Gaia e os seus mais de 160 funcionários».

A luta continua com um plenário de trabalhadores da Molin no dia 3 de Setembro, às 15 horas.

Carvalhas visita Sintra

Carlos Carvalhas, acompanhado por eleitos autárquicos da CDU, visita hoje de manhã o concelho de Sintra, nomeadamente algumas situações de degradação e perigo de atentado ao património natural e edificado do concelho. O secretário-geral do PCP estará, cerca das 11 horas, na «Esplanada do Marquês», no Parque dos Castanheiros, junto à volta do Duche. Posteriormente, Carlos Carvalhas deslocar-se-á ao Parque de Monserrate, em plena serra de Sintra.

Na segunda-feira, dia 3 de Setembro, Carlos Carvalhas, com uma delegação de vários eleitos locais da CDU, visitará as Festas das Vindimas, em Palmela. A visita parte às 21.30 horas, do Restaurante «Retiro Azul».

Hospital fecha urgências

A Direcção Sub-Regional do Vale do Sousa e Baixo Tâmega do PCP considera que a gestão do novo Hospital Padre Américo «deve ser acompanhada atentamente pelos interessados, nomeadamente pelos utentes». Esta posição, tornada pública em comunicado, surge na

sequência da decisão de encerrar o Serviço de Urgência Pediátrica da Unidade de Paredes, à noite, em seis dias do mês de Agosto, por falta de pessoal médico.

Independentemente das circunstâncias concretas que estiveram na base desta decisão do Conselho de

Administração, os comunistas do Vale do Sousa e Baixo Tâmega entendem que a mesma não pode deixar de ser considerada como «particularmente grave», discordando em absoluto que o Hospital Padre Américo «não assegure cuidados médicos de urgência a uma população vulnerável como é a infantil e juvenil» de toda aquela importante região.

Face a «tão flagrantes sinais de incapacidade do Sistema Nacional de Saúde», a Direcção Sub-Regional do Vale do Sousa e Baixo Tâmega afirma a necessidade de «suscitar desde já uma reflexão sobre prioridades de investimento, incluindo os recursos humanos». É que, alertam, «não serve ter equipamentos e infra-estruturas de luxo se não se tem um corpo mínimo de profissionais para garantir, por exemplo, um serviço de urgência».

Greve na PREH

A esmagadora maioria dos trabalhadores da PREH aderiu à greve decretada no passado dia 23 no plenário geral da unidade da Trofa da empresa de material eléctrico. O Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas do Norte considera que «esta tomada de posição dos trabalhadores justificou-se plenamente, pela teimosia e incongruência da gerência da PREH manifestada numa reunião havida com a Comissão de Trabalhadores», em que a administração deu como ponto assente a «concretização do processo de despedimento colectivo de vinte e um trabalhadores».

Os trabalhadores, o sindicato e a CT contestam esta medida por considerarem que os «trabalhadores envolvidos podiam ser distribuídos por sectores da empresa com sobrecarga de trabalho», pelo que não se responsabilizam pela instabilidade laboral criada pela gerência, que não foi sensível aos protestos dos trabalhadores.

SAIBA TUDO SOBRE A festa

Avante! 25 anos

seg. feira
3 Set.

www.pcp.pt

a seguir ao Telejornal na RTP-1

